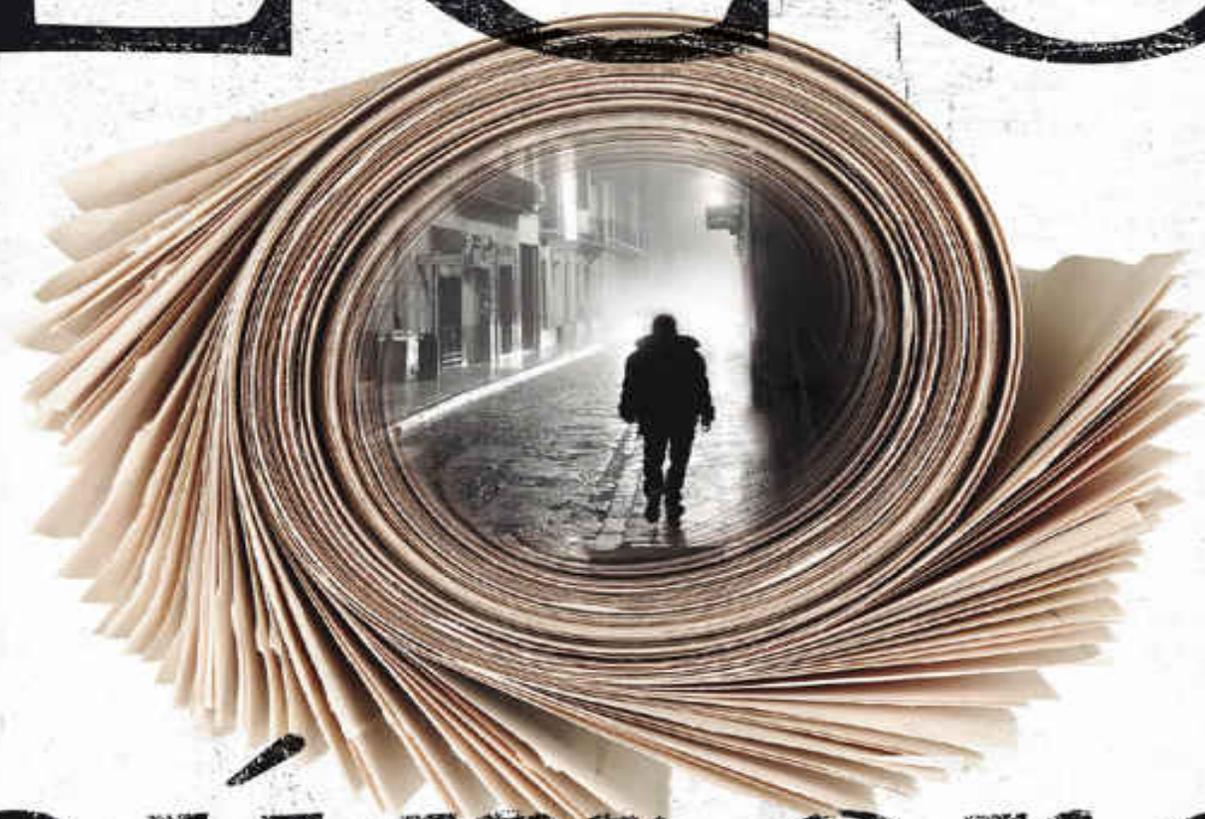


U M B E R T O
E C C O



n ú m e r o
Z E R O

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

U M B E R T O
E C C O

TRADUÇÃO DE IVONE BENEDETTI

número
Z E R O

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Eco, Umberto, 1932-

E22n

Número zero / Umberto Eco; tradução de Ivone Benedetti. –

1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.

Tradução de: Numero zero

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui índice

ISBN 978-85-01-10540-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. I. Benedetti, Ivone. II. Título.

15-21818

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

Título original em italiano:

Numero zero

Copyright © Bompiani / RCS Libri S.p.A. – Milan 2015

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Editoração Eletrônica da versão impressa: Abreu's System Ltda.

Imagens de capa:
Jornal: ConstantinosZ / shutterstock
Homem no beco: Concept Photo / shutterstock
Textura: Dziejul / shutterstock

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para
o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-
2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10540-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Anita

Only connect!

E. M. FOSTER

Sumário

- I. Sábado, 6 de junho de 1992, 8 horas
- II. Segunda-feira, 6 de abril de 1992
- III. Terça-feira, 7 de abril
- IV. Quarta-feira, 8 de abril
- V. Sexta-feira, 10 de abril
- VI. Quarta-feira, 15 de abril
- VII. Quarta-feira, 15 de abril, à noite
- VIII. Sexta-feira, 17 de abril
- IX. Sexta-feira, 24 de abril
- X. Domingo, 3 de maio
- XI. Sexta-feira, 8 de maio
- XII. Segunda-feira, 11 de maio
- XIII. Fim de maio
- XIV. Quarta-feira, 27 de maio

- XV. Quinta-feira, 28 de maio
- XVI. Sábado, 6 de junho
- XVII. Sábado, 6 de junho, meio-dia
- XVIII. Quinta-feira, 11 de junho

I

Sábado, 6 de junho de 1992, 8 horas

Hoje de manhã não saía água da torneira.

Blop blop, dois arrotinhos de recém-nascido, mais nada.

Bati na porta da vizinha: na casa dela, tudo normal. Deve ter fechado o registro geral, disse ela. Eu? Não sei nem onde fica, faz pouco tempo que moro aqui, sabe, e volto para casa só à noite. Meu Deus, mas quando o senhor viaja uma semana não fecha a água e o gás? Eu não. Mas que imprudência, me deixe entrar, vou lhe mostrar.

Abriu o gabinete da pia, mexeu em alguma coisa, e a água chegou. Está vendo? Tinha fechado. Desculpe, sou tão distraído. Ah, vocês, *single!* Sai de cena a vizinha, mais uma que agora fala inglês.

Nervos sob controle. Não existe *poltergeist*, só em filme. E não é que eu seja sonâmbulo, porque mesmo se fosse sonâmbulo não saberia da existência daquele registro, senão o teria usado desperto, porque o chuveiro vaza e estou sempre correndo o risco de passar a noite em claro, ouvindo o tempo todo aquela goteira, parece que estou em Valldemossa. Na

verdade, muitas vezes acordo, me levanto e vou fechar a porta do banheiro e a outra, entre o quarto e a entrada, para não ficar ouvindo aquele pinga-pinga danado.

Não pode ter sido, sei lá, um contato elétrico (o manípulo do registro, como diz a própria palavra, funciona manualmente), nem um rato, que mesmo se tivesse passado por lá não teria força para movimentar o bregueço. É uma roda de ferro das antigas (tudo neste apartamento conta no mínimo cinquenta anos), ainda por cima enferrujada. Portanto, era preciso uma mão. Humanoide. E não tenho chaminé por onde pudesse passar o orangotango da rua Morgue.

Raciocinemos. Cada efeito tem uma causa, pelo menos é o que dizem. Descarto o milagre, não vejo por que Deus se preocuparia com o meu chuveiro, nem é o mar Vermelho. Logo, para efeito natural, causa natural. Ontem à noite, antes de me deitar, tomei um Stilnox com um copo d'água. Logo, até aquele momento ainda havia água. Hoje de manhã já não havia. Logo, meu caro Watson, o registro foi fechado de madrugada — e não por você. Alguma pessoa, algumas pessoas estiveram em minha casa e rezearam que eu despertasse não com o barulho delas (seus passos eram abafadíssimos), mas com o prelúdio da goteira, que também as incomodava, e elas talvez até se perguntassem como é que eu não acordava. Portanto, sendo espertíssimas, fizeram o que a minha vizinha também teria feito, fecharam a água.

Que mais? Os livros estão arrumados na sua desordem normal, os serviços secretos de meio mundo poderiam ter

passado por aqui, folheando página por página, e eu não teria percebido. Bobagem olhar as gavetas ou abrir o armário da entrada. A quem queira descobrir algo hoje em dia, só há uma coisa a fazer: vasculhar o computador. Para não perderem tempo, talvez tenham copiado tudo e voltado para casa. E só agora, depois de abrirem mil vezes cada documento, perceberam que no computador não havia nada que pudesse interessar-lhes.

O que esperavam encontrar? É evidente — quero dizer, não vejo outra explicação — que procuravam algo referente ao jornal. Não são burros, terão achado que eu deveria ter feito anotações sobre todo o trabalho que estamos fazendo na redação — e que, se sei alguma coisa sobre o caso de Braggadocio, devo ter escrito em algum lugar. Agora terão imaginado a verdade, que guardo tudo num disquete. Naturalmente esta noite também terão visitado o escritório, e disquete meu que é bom não acharam nenhum. Portanto, estão concluindo (mas só agora) que devo guardá-lo no bolso. Imbecis que nós somos, estarão dizendo, deveríamos ter procurado no paletó. Imbecis? Babacas. Se fossem espertos não acabariam fazendo serviço tão porco.

Agora tentarão de novo, e pelo menos até a carta roubada hão de chegar, mandam uns falsos punquistas me roubar na rua. Por isso, preciso ser rápido antes que tentem outra vez, enviar o disquete para um endereço de posta-restante e depois vejo quando o retiro. Mas cada bobagem que me passa pela cabeça, já mataram um e Simei deu no pé. Para eles não adianta saber se eu sei e o que sei. Por via das dúvidas me eliminam, e a coisa acaba aí. Nem posso ir pôr nos jornais que daquele caso eu não sabia nada, porque só de dizer isso já mostro que sabia.

Como foi que eu acabei nesta embrulhada? Acho que a culpa é do professor De Samis e do fato de eu saber alemão.

Por que me vem à mente De Samis, essa história de quarenta anos? É que sempre achei que foi por culpa de De Samis que nunca me formei e, se acabei nesta encrenca, é porque nunca me formei. Aliás, Anna me largou depois de dois anos de casamento porque percebeu, palavras dela, que eu era um perdedor compulsivo — sabe-se lá o que eu lhe havia contado antes, para fazer bonito.

Nunca me formei porque sabia alemão. Minha avó era do Alto Adige e me obrigava a falar alemão na infância. Desde o primeiro ano na universidade, para me sustentar, aceitei traduzir uns livros do alemão. Na época, saber alemão já era uma profissão. Liam-se e traduziam-se livros que os outros não entendiam (livros que então eram considerados importantes), e recebia-se mais do que para traduzir do francês e até do inglês. Hoje acho que acontece o mesmo com quem sabe chinês ou russo. Em todo caso, ou você traduz do alemão ou se forma, as duas coisas juntas não dá para fazer. Na verdade, traduzir quer dizer ficar em casa, no quente ou no fresco, e trabalhar de chinelos, ainda por cima aprendendo um monte de coisas. Por que frequentar as aulas na universidade?

Por preguiça, decidi me matricular num curso de alemão. Vou precisar estudar pouco, achava, afinal já sei tudo. O luminar, na época, era o professor De Samis, que criara para si aquilo que os estudantes chamavam de ninho de águia num edifício barroco decadente onde se subia por uma escadaria e se chegava a um grande átrio. Um dos lados dava para o instituto de De Samis, e

do outro ficava o salão nobre, que era como o professor chamava pomposamente, em suma, um salão com cerca de cinquenta assentos.

No instituto só se podia entrar de chinelos. Na porta, havia chinelos suficientes para os assistentes e dois ou três estudantes. Quem ficasse sem chinelos esperava a sua vez do lado de fora. Tudo era encerado, acho que inclusive os livros nas paredes. Inclusive a cara dos assistentes, velhíssimos, que desde tempos pré-históricos esperavam sua vez de chegar à cátedra.

O salão tinha uma abóbada altíssima e janelas góticas (nunca entendi por que num prédio barroco) e vitrais verdes. Na hora certa, ou seja, quatorze minutos depois do horário regulamentar, o professor De Samis saía do instituto, seguido a um metro de distância pelo assistente mais velho, e a dois metros pelos mais jovens, com menos de cinquenta. O assistente mais velho carregava os livros, os jovens, o gravador — ainda no fim da década de cinquenta os gravadores eram enormes, pareciam uns Rolls-Royces.

De Samis percorria os dez metros que separavam o instituto do salão como se fossem vinte: não seguia uma linha reta, e sim uma curva, não sei se parábola ou elipse, dizendo em voz alta “chegamos, chegamos!”, depois entrava no salão e se sentava numa espécie de pódio esculpido — sendo de esperar que começasse com “chamem-me Ismael”.

Dos vitrais a luz verde tornava cadavérico seu rosto que sorria maligno, enquanto os assistentes acionavam o gravador. Depois

ele começava: “Ao contrário do que disse recentemente meu valoroso colega professor Bocardo...”, e assim ia por duas horas.

Aquela luz verde me induzia a sonolências aquosas, e isso era o que diziam também os olhos dos assistentes. Eu conhecia o sofrimento deles. Ao cabo de duas horas, enquanto nós, estudantes, nos dispersávamos lá fora, o professor De Samis mandava rebobinar a fita, descia do pódio, sentava-se democraticamente na primeira fila com os assistentes, e todos juntos ouviam de novo as duas horas de aula, enquanto o professor assentia com satisfação a cada trecho que lhe parecesse essencial. E note-se que o curso era sobre a tradução da Bíblia, no alemão de Lutero. Um tesão, diziam meus colegas, com olhar pasmo.

No fim do segundo ano, com baixíssima frequência, eu me arrisquei a solicitar uma tese sobre a ironia em Heine (achava consolador seu modo de tratar amores infelizes, com o que me parecia o devido cinismo — em termos de amor, eu estava me preparando para os meus):

— Vocês jovens, vocês jovens — dissera-me De Samis desconsolado — querem logo se atirar aos contemporâneos...

Entendi, numa espécie de revelação, que a tese com De Samis estava extinta. Pensei então no professor Ferio, mais jovem, que tinha fama de inteligência fulgurante e se dedicava à época romântica e adjacências. Os colegas mais velhos, porém, me avisaram que de qualquer modo eu teria De Samis como segundo orientador, e que não devia me aproximar oficialmente do professor Ferio porque De Samis logo ficaria sabendo e me juraria ódio eterno. Eu precisaria seguir por vias transversais,

como se Ferio tivesse me convidado a fazer a tese com ele, e De Samis ficaria zangado com ele, não comigo. De Samis odiava Ferio pela simples razão de que o pusera na cátedra. Na universidade (na época, mas acho que ainda hoje), as coisas andam ao contrário do mundo normal, não são os filhos que odeiam os pais, mas os pais que odeiam os filhos.

Achava que poderia me aproximar de Ferio como que casualmente durante uma das conferências mensais que De Samis organizava em seu salão nobre, frequentadas por muitos colegas porque ele sempre conseguia convidar estudiosos célebres.

Mas as coisas funcionavam da seguinte maneira: logo depois da conferência seguia-se o debate, que era monopolizado pelos docentes; depois todos saíam porque o orador era convidado para o restaurante La Tartaruga, o melhor do pedaço, estilo meados do século XIX, com garçons ainda de fraque. Para ir do ninho de águia ao restaurante era preciso percorrer uma longa galeria em arcada, depois atravessar uma praça histórica, virar na esquina de um palácio monumental e finalmente atravessar outra pracinha. Ora, ao longo da arcada o orador avançava cercado pelos professores titulares, seguido a um metro de distância pelos contratados, a dois metros pelos assistentes e a razoável distância pelos estudantes mais corajosos. Chegando à praça histórica, os estudantes se despediam, na esquina do palácio os assistentes pediam licença para retirar-se, os contratados atravessavam a pracinha mas apresentavam seus cumprimentos na porta do restaurante, onde só entravam o hóspede e os titulares.

Assim, o professor Ferio nunca soube da minha existência. Enquanto isso me desapeguei do ambiente, deixei de ir. Traduzia como um autômato, mas é preciso pegar o que aparece, e eu vertia em *dolce stil novo* uma obra em três volumes sobre o papel de

Friedrich List na criação do *Zollverein*, a União Alfandegária Alemã. Dá para entender por que parei então de traduzir do alemão, mas já era tarde para recomeçar na universidade.

O problema é que a gente não aceita a ideia: continua vivendo convencido de que um dia ou outro vai acabar todos os exames e defender tese. E quem vive cultivando esperanças impossíveis já é um perdedor. E, quando percebe isso, aí sim se entrega.

De início, encontrei trabalho como preceptor de um garoto alemão, burro demais para ir à escola; era em Engadina. Ótimo clima, solidão aceitável, e resisti um ano porque o pagamento era bom. Até que um dia a mãe do garoto me encurralou num corredor, dando-me a entender que não lhe desagradaria entregar-se (a mim). Era dentuça e tinha uma sombra de bigode, dei-lhe a entender cortesmente que eu não era da mesma opinião. Três dias depois fui despedido, porque o garoto não progredia.

Então sobrevivi escrevinhando uns textos. Pensava em escrever para jornais, mas tive acolhida apenas em alguns periódicos locais, coisas como crítica teatral para espetáculos de província e companhias itinerantes. Ainda tive tempo de resenhar por uns tostões os teatros de revista, espiando nos bastidores as bailarinas vestidas de marinheiro, fascinado por suas celulites, e seguindo-as à leiteria para jantar um café com leite e, se não

estivessem na pendura, um ovo na manteiga. Ali tive minhas primeiras experiências sexuais com uma cantora, em troca de uma notinha favorável para um jornal de Saluzzo, mas era o que lhe bastava.

Estava sem pátria, vivi em cidades diferentes (vim para Milão só por causa do telefonema de Simei), revisei provas para ao menos três editoras (universitárias, nunca das grandes), para uma fiz a revisão dos verbetes de uma enciclopédia (era preciso verificar datas, títulos de obras, e assim por diante), trabalhos com que criei aquilo que a certa altura Paolo Villaggio chamou de cultura monstruosa. Os perdedores, assim como os autodidatas, sempre têm conhecimentos mais vastos que os vencedores, e quem quiser vencer deverá saber uma única coisa e não perder tempo sabendo todas, o prazer da erudição é reservado aos perdedores. Quanto mais coisas uma pessoa sabe, menos coisas deram certo para ela.

Dediquei-me durante alguns anos a ler manuscritos que as editoras (algumas vezes também as importantes) me passavam, porque nelas ninguém tem vontade de ler os manuscritos que chegam. Pagavam cinco mil liras por manuscrito, eu passava o dia todo deitado na cama lendo furiosamente, depois redigia um parecer de duas laudas, contendo o melhor do meu sarcasmo para destruir o autor imprudente, na editora todos ficavam aliviados, escreviam ao imprevidente que lamentavam recusar etc. Ler manuscritos que nunca serão publicados pode virar profissão.

Nesse meio-tempo tinha havido a coisa com Anna, que acabou como devia. A partir daí nunca mais consegui (ou não

desejei ferozmente) pensar com interesse em nenhuma mulher, porque tinha medo de falhar de novo. O sexo foi satisfeito de modo terapêutico, algumas aventuras casuais, daquelas que não dão medo de se apaixonar, uma noite e pronto, obrigado, foi legal, e algumas relações periódicas pagas, para não ficar obcecado pelo desejo (as bailarinas tinham me tornado insensível à celulite).

No entanto, eu tinha o sonho que todos os perdedores têm, de algum dia escrever um livro que me desse glória e riqueza. Para aprender a ser um grande escritor trabalhei até como *nègre* (ou *ghost-writer*, como se diz hoje para ser politicamente correto) para um autor de romances policiais, que, por sua vez, para vender assinava com nome americano, como os atores dos “westerns spaghetti”. Mas era bom trabalhar à sombra, coberto por duas cortinas (o Outro e o outro nome do Outro).

Escrever romance policial alheio era fácil, bastava imitar o estilo de Chandler ou, na pior das hipóteses, de Spillane; mas, quando tentei inserir algo que fosse meu, percebi que para descrever alguém ou algo eu remetia a situações literárias: não era capaz de dizer que fulano estava passeando numa tarde límpida e clara, mas dizia que estava andando “sob um céu digno de Canaletto”. Mas depois me dei conta de que D’Annunzio também fazia isso: para dizer que certa Costanza Landbrook tinha algumas qualidades, ele escrevia que ela parecia uma criatura de Thomas

Lawrence; sobre Elena Muti, observava que seus traços lembravam certos perfis de Moreau jovem, e Andrea Sperelli lembrava o retrato do fidalgo desconhecido da Galleria Borghese.

E assim, para ler um romance, era preciso ir folhear os fascículos de alguma enciclopédia da história da arte vendida em bancas de jornal.

Se D'Annunzio era mau escritor, não significava que eu também deveria ser. Para me livrar do vício da citação decidi parar de escrever.

Em suma, não foi uma grande vida. E, com cinquenta anos completos, chegou-me o convite de Simei. Por que não? Enfim, valia a pena tentar mais aquela.

O que faço agora? Se ponho o nariz para fora, me arrisco. Melhor esperar aqui, no máximo estão lá fora esperando que eu saia. E eu não saio. Na cozinha há vários pacotes de biscoito de água e sal e latas de carne. De ontem à noite também sobrou meia garrafa de uísque. Pode servir para ajudar a passar um dia ou dois. Despejo duas gotas (e depois talvez outras duas, mas só à tarde, porque bebida de manhã atordoa) e tento voltar ao início dessa aventura, sem necessidade nenhuma de consultar o disquete porque lembro tudo, pelo menos por enquanto, com lucidez.

O medo de morrer dá alento às lembranças.

II

Segunda-feira, 6 de abril de 1992

Simei tinha cara de outro. Quero dizer, nunca me lembro do nome de quem se chama Rossi, Brambilla e Colombo, ou mesmo Mazzini ou Manzoni, porque tem o nome de outro, só lembro que teria o nome de outro. Pois bem, da cara de Simei não era possível lembrar porque parecia a cara de alguém que não era ele. De fato, ele tinha a cara de todos.

— Um livro? — perguntei-lhe.

— Um livro. As memórias de um jornalista, o relato de um ano de trabalho para preparar um jornal que nunca sairá. Por outro lado o título do jornal deveria ser

Amanhã, parece um lema para os nossos governos: cuidamos disso amanhã. Portanto o livro deverá chamar-se *Amanhã: ontem*. Bonito, não?

— E quer que eu o escreva? Por que o senhor não o escreve? É jornalista, não? Pelo menos, como está para dirigir um jornal...

— E quem disse que ser diretor significa saber escrever? Que ser ministro da Defesa é saber atirar uma granada? Claro que, durante

todo o ano que vem, o livro será discutido dia a dia, o senhor vai ter de botar o estilo, o tempero, mas as linhas gerais eu controlo.

— Quer dizer que o livro será assinado pelos dois, ou como entrevista de Colonna e Simei?

— Não, não, caro Colonna, o livro vai ser publicado com o meu nome, o senhor, depois de escrevê-lo, vai precisar desaparecer. O senhor, sem querer ofender, vai ser um *nègre*. Dumas tinha um, não entendo por que eu não possa ter.

— E por que escolheu a mim?

— Porque o senhor tem dotes de escritor...

— Obrigado.

— ... mas ninguém nunca percebeu.

— Obrigado mais uma vez.

— Se me permite, até agora escreveu apenas para jornais do interior, foi um braçal da cultura em algumas editoras, escreveu um romance para outra pessoa (não me pergunte como, mas ele veio parar nas minhas mãos e funciona, tem ritmo), está com uns cinquenta anos e veio correndo quando ficou sabendo que eu talvez tivesse um trabalho para lhe dar. Portanto, sabe escrever e sabe o que é um livro, mas vive mal. Não deve se sentir envergonhado. Eu também, se estou para dirigir um jornal que nunca vai sair, é porque nunca fui candidato ao prêmio Pulitzer, dirigi apenas um semanário esportivo e uma revista mensal só para homens, ou para homens sós, veja o senhor...

— Eu poderia ter dignidade e recusar.

— Não vai fazer isso porque lhe ofereço seis milhões por mês durante um ano, limpos.

— É muito para um escritor falido. E depois?

— Depois, quando me entregar o livro, digamos no prazo de seis meses a partir do término da experiência, outros dez milhões, no ato, em espécie. E esses vão sair do meu bolso.

— E depois?

— Depois é com o senhor. Se não tiver gastado tudo em mulheres, cavalos e champanhe, terá recebido em um ano e meio mais de oitenta milhões isentos de impostos. Aí vai poder procurar outro emprego com calma.

— Deixe-me ver se entendi. Se está me dando seis milhões, sabe-se lá com quantos vai ficar, desculpe, além disso haverá outros redatores, mais os custos de produção, impressão e distribuição, e está me dizendo que alguém, um editor, suponho, está disposto a custear durante um ano essa experiência para depois não fazer nada com ela?

— Eu não disse que não vai fazer nada com ela. Ele vai ter seu retorno. Mas eu não, se o jornal não sair. Naturalmente não posso excluir a possibilidade de no fim o editor decidir que o jornal vai sair de verdade, mas nessa altura o negócio vai ficar grande e eu me pergunto se ele ainda vai querer que eu cuide dele. Portanto, eu me preparo para o fato de, passado esse ano, o editor decidir que a experiência já deu os frutos esperados e que ele pode desmontar o circo. Assim eu me preparo: se tudo gorar, publico o livro. Vai ser uma bomba e vai me render uma nota em direitos autorais. Ou então (só uma suposição) alguém pode não querer que eu publique e me dá uma quantia. Isenta de impostos.

— Entendi. Mas, se quiser que eu colabore lealmente, talvez seja bom me dizer quem paga, por que existe o projeto *Amanhã*, por que ele talvez não dê certo e o que o senhor vai dizer no livro que, modéstia à parte, eu terei escrito.

— Pois bem, quem paga é o comendador Vimercate. Deve ter ouvido falar dele...

— Sei de Vimercate, vira e mexe está nos jornais: controla dezenas de hotéis na costa do Adriático, muitas casas de repouso para aposentados e inválidos, uma série de negócios sobre os quais se comenta à boca pequena, algumas emissoras de televisão locais que começam a transmitir às onze da noite só leilões, tele vendas e alguns shows escrachados...

— E umas vinte publicações.

— Revistinhas, acho, fofocas sobre artistas como *Eles*, *Peeping Tom*, e semanários sobre inquéritos judiciais como *Crime ilustrado*, *Por baixo do pano*, porcaria, *trash*.

— Não, também revistas especializadas, jardinagem, viagens, automóveis, veleiros, *Médico em casa*. Um império. Bonito este escritório, né? Há até uma figueira-da-borracha, como no escritório dos chefões da RAI. E temos à disposição um *open space*, como se diz nos Estados Unidos, para os redatores, uma salinha para o senhor, pequena mas decente, e uma sala para o arquivo. Tudo grátis, neste prédio que reúne todas as empresas do Comendador. Quanto ao resto, para a produção e a impressão dos números zero serão usadas as instalações das outras revistas, e assim o custo da experiência se reduz a níveis aceitáveis. E estamos praticamente no centro, e não como os grandes diários, que agora a gente precisa pegar dois metrô e um ônibus para chegar até lá.

— Mas o que o Comendador espera dessa experiência?

— O Comendador quer entrar para o clube de elite das finanças, dos bancos e, quem sabe, dos grandes jornais. O instrumento é a promessa de um novo diário disposto a dizer a verdade sobre todas as

coisas. Doze números zero, digamos 0/1, 0/2, e assim por diante, impressos em pouquíssimos exemplares reservados que o Comendador vai avaliar e depois dará um jeito para que sejam vistos por pessoas que ele lá sabe. Quando o Comendador demonstrar que pode pôr em dificuldades aquilo que se chama de clube de elite das finanças e da política, é provável que o clube de elite lhe peça para parar com essa ideia, então ele desiste do *Amanhã* e consegue licença para entrar no clube de elite. Suponhamos, só para dar um exemplo, que apenas uns dois por cento de ações de um grande diário, de um banco, de um canal de televisão importante.

Assobiei:

— Dois por cento é muito! Ele tem dinheiro para um empreendimento desse tipo?

— Não seja ingênuo. Estamos falando de finanças, não de comércio. Primeiro você compra, depois vê que o dinheiro para pagar aparece.

— Entendi. E também entendo que a experiência só vai funcionar se o Comendador não disser que no fim o jornal não vai sair. Todos deverão acreditar que as rotativas estão tinindo de impaciência, digamos...

— Claro. Que o jornal não vai sair o Comendador não disse nem a mim, eu simplesmente desconfio, ou melhor, tenho certeza. E os nossos colaboradores não vão poder saber disso; vamos vê-los amanhã: eles precisarão trabalhar achando que estão construindo seu futuro. Dessa história só eu e o senhor sabemos.

— Mas o que vai acontecer ao senhor se escrever tudo o que fez em um ano para favorecer a chantagem do Comendador?

— Não use a palavra chantagem. Vamos publicar notícias, como diz o *New York Times*, “all the news that’s fit to print”...

— ... e quem sabe algumas mais...

— Estou vendo que me entende. Se o Comendador usar os nossos números zero para assustar alguém ou para limpar o traseiro, isso é lá com ele, não com a gente. Mas a questão é que o meu livro não deverá contar o que decidimos nas nossas reuniões da redação, porque para isso eu não precisaria do senhor, um gravador seria suficiente. O livro deverá dar ideia de outro jornal, mostrar como durante um ano eu me esforcei para realizar um modelo de jornalismo independente de qualquer pressão, dando a entender que a aventura acabou mal porque não se podia dar vida a uma voz livre. Para isso o senhor vai precisar inventar, idealizar, escrever uma epopeia, não sei se me explico...

— O livro dirá o contrário do que aconteceu. Muito bem. Mas o senhor será desmentido.

— Por quem? Pelo Comendador, que precisaria dizer que não, que o projeto só tinha em mira uma extorsão? Melhor deixar pensarem que precisou desistir porque também foi submetido a pressões, preferiu matar o jornal para que ele não se tornasse uma voz, como se diz, teleguiada. E vamos ser desmentidos pelos nossos redatores, que serão apresentados no livro como jornalistas incorruptíveis? Meu livro será um *betzeller* — pronunciava assim, como todos —, e ninguém vai querer, nem saber, se opor a ele.

— Tudo bem, já que nós dois somos homens sem qualidades, desculpe a citação, aceito o pacto.

— Gosto de tratar com gente leal que diz o que tem no coração.

III

Terça-feira, 7 de abril

Primeiro encontro com os redatores. Seis, parecem suficientes.

Simei tinha avisado que eu não precisaria sair por aí fazendo falsas apurações, mas deveria ficar sempre na redação para registrar os vários acontecimentos. Por isso, para justificar minha presença, começou assim:

— Senhores, vamos nos apresentar. Este é o doutor Colonna, homem de grande experiência jornalística. Vai trabalhar diretamente comigo, e por isso vamos defini-lo como assistente da direção; a principal tarefa dele consistirá em revisar todos os artigos dos senhores. Cada um aqui vem de experiências diferentes, e uma coisa é ter trabalhado num jornal de extrema esquerda, outra é ter experiência, digamos, no *La voce della fogna*, e uma vez que somos espartanamente poucos (como podem ver), quem sempre trabalhou com anúncios fúnebres talvez precise escrever um editorial sobre a crise governamental. Portanto, é uma questão de uniformizar o estilo e, se alguém sucumbir à fraqueza de escrever *palingenesia*, Colonna vai dizer que não deve e sugerir o termo alternativo.

— Profundo renascimento moral — disse eu.

— Isso. E, se para definir uma situação dramática, alguém disser que estamos no olho do furacão, imagino que o doutor Colonna terá a lucidez de lembrar que, segundo todos os livros científicos, o olho do furacão é o único lugar onde reina a calma, enquanto o furacão vai se expandindo por todos os lados.

— Não, doutor Simei — interferi. — Nesse caso direi que é preciso usar olho do furacão porque, diga o que disser a ciência, o leitor não sabe disso, e é exatamente o olho do furacão que vai lhe dar a ideia de estar no meio do problema. Foi assim acostumado pela imprensa e pela televisão. Assim como o convenceu de que se diz *süspáns* e *manágment* enquanto se deveria dizer *suspens* (e se escreve *suspense* e não *suspence*) e *mánagment*.

— Ótima ideia, doutor Colonna, é preciso falar a linguagem do leitor, e não a dos intelectuais que dizem obliterar o documento de viagem. Por outro lado, parece que o nosso editor disse uma vez que seus telespectadores estão numa faixa média de idade (digo, idade mental) de doze anos. Os nossos leitores não, mas é sempre útil atribuir uma idade a eles: os nossos terão mais de cinquenta anos, serão bons e honestos burgueses que desejam a lei e a ordem, mas adoram fofocas e revelações sobre várias formas de desordem. Partiremos do princípio de que não são aquilo que se costuma chamar de leitor assíduo, aliás, grande parte deles não deve ter nem livro em casa, mas, quando necessário, falaremos do grande romance que está vendendo milhões de exemplares em todo o mundo. O nosso leitor não lê livros, mas gosta de pensar que existem grandes artistas excêntricos e bilionários, assim como nunca verá de perto a diva de pernas compridas e mesmo assim quer saber tudo sobre seus amores secretos. Mas vamos deixar que os outros também se apresentem.

Cada um por si. Começamos pela única mulher, a senhorita (ou senhora)...

— Maia Fresia. Solteira, ou *single*, como preferir. Vinte e oito anos, quase formada em Letras, precisei parar por razões familiares. Trabalhei durante cinco anos para uma revista de celebridades, precisava andar pelo mundo do espetáculo farejando quem estava mantendo uma amizade colorida com quem, e organizar uma tocaia dos fotógrafos; na maioria das vezes eu precisava convencer um cantor, uma atriz, a inventar uma amizade colorida com alguém e levá-los ao encontro com os *paparazzi*, quer dizer, um passeio de mãos dadas ou mesmo um beijo furtivo. No começo eu gostava, mas agora estou cansada de contar lorotas.

— E por que aceitou se juntar à nossa aventura, queridinha?

— Acho que um diário falará de coisas mais sérias, e é um jeito de eu ficar conhecida com reportagens que não incluam amizade colorida. Sou curiosa, e acho que boa detetive.

Era miúda e falava com um brio ponderado.

— Ótimo. O senhor?

— Romano Braggadocio...

— Nome estranho, de onde vem?

— Olhe, essa é uma das muitas obsessões da minha vida. Parece que em inglês tem significado feio, mas por sorte nas outras línguas não. Meu avô era um enjeitado e, como o senhor sabe, nesses casos o sobrenome era inventado por um funcionário municipal. Se fosse um sádico poderia impingir até um Ficarotta, no caso de meu avô o funcionário era sádico pela metade e tinha certa cultura... Quanto a mim, sou especializado em revelações escandalosas e trabalhava

exatamente para uma revista do nosso editor, *Por baixo do pano*. Mas nunca me contratou, pagava por artigo.

Dos outros quatro, Cambria tinha passado as noites em prontossocorros ou delegacias para garimpar notícias frescas, prisões, mortes em acidentes espetaculares em estradas, e não fizera carreira; Lucidi inspirava desconfiança à primeira vista e havia trabalhado em publicações de que nunca ninguém tinha ouvido falar; Palatino vinha de uma longa carreira em semanários de jogos e passatempos; Costanza trabalhara como chefe de composição em alguns jornais, mas os jornais passaram a ter páginas demais, ninguém conseguia revisar tudo antes da impressão, de modo que até os grandes diários já escreviam Simone de Beauvoire, Beaudelaire, Rooswelt, e o chefe de composição começava a cair em desuso como a prensa de Gutenberg. Nenhum daqueles companheiros de viagem vinha de experiências empolgantes. Uma verdadeira Ponte de San Luis Rey. Como Simei tinha conseguido desencavar aquela gente, não sei.

Terminadas as apresentações, Simei delineou as características do jornal.

— Portanto, vamos fazer um diário. Por que *Amanhã*? Porque os jornais tradicionais contavam, e infelizmente ainda contam, as notícias da noite anterior, e por isso se chamavam *Corriere della Sera*, *Evening Standard* ou *Le Soir*. Agora a gente fica sabendo das notícias do dia anterior pela televisão às oito da noite, portanto os jornais estão contando sempre as coisas que a gente já sabe, e é por isso que vendem cada vez menos. No *Amanhã*, essas notícias que já estão fedendo como peixe podre claro que devem ser resumidas e lembradas, mas para isso basta uma nota que se leia em alguns minutos.

— Então do que o jornal vai falar? — perguntou Cambria.

— O destino dos diários hoje é o de ficarem parecidos com semanários. Vamos falar daquilo que poderia acontecer amanhã, com artigos aprofundados, suplementos investigativos, previsões inesperadas... Dou um exemplo. Às quatro explode uma bomba, e no dia seguinte todos já sabem. Pois bem, das quatro à meia-noite, antes de o jornal ir para o prelo, precisaremos descobrir alguém que diga algo inédito sobre os prováveis responsáveis, coisas que a própria polícia ainda não sabe, e traçar um cenário daquilo que vai acontecer nas semanas seguintes por causa daquele atentado...

Braggadocio:

— Mas para dar andamento a apurações desse tipo em oito horas é preciso uma redação pelo menos dez vezes maior que a nossa e um exército de contatos, informantes, que sei eu...

— Justo, e, quando o jornal for feito de verdade, é assim que deverá ser. Mas agora, durante um ano, só precisamos demonstrar que é possível fazer. E é possível porque um número zero pode ter a data que se quiser e pode ser perfeitamente um exemplo de como teria sido o jornal meses antes, suponhamos, quando a bomba explodiu. Nesse caso já sabemos o que terá acontecido depois, mas vamos falar como se o leitor ainda não soubesse. Portanto, todas as nossas indiscrições terão gosto de coisa inédita, surpreendente, ousado dizer oracular. Ou seja: ao cliente nós deveremos dizer: veja como teria sido o *Amanhã* se tivesse saído ontem. Entenderam? E, querendo-se, mesmo que ninguém nunca tivesse explodido a bomba, poderíamos muito bem fazer um número *como se*.

— Ou explodirmos nós a bomba, se for conveniente — disse Braggadocio em tom de chacota.

— Não diga bobagem — repreendeu Simei. Depois, como se refletisse: — E, se quiser mesmo fazer isso, não venha me contar.

Terminada a reunião, acabei descendo com Braggadocio.

— Nós já não nos conhecemos? — perguntou.

Eu achava que não, ele disse tá, de um jeito meio desconfiado, e logo começou a me tratar por você. Na redação Simei tinha acabado de instaurar o uso de senhor, e eu tenho o costume de manter as devidas distâncias, tipo, nunca dormimos juntos, mas evidentemente Braggadocio estava deixando claro que éramos colegas. Eu não queria parecer um cara que assume ares de superioridade só porque Simei tinha me apresentado como redator-chefe ou algo semelhante. Por outro lado, aquela figura me intrigava e eu não tinha nada melhor para fazer.

Segurou-me pelo cotovelo e me disse que íamos beber alguma coisa num lugar que ele conhecia. Sorria com seus lábios grossos e os olhos meio bovinos, de um modo que me pareceu obsceno. Era calvo como von Stroheim, tinha a nuca em linha reta com o pescoço, mas com a fisionomia de Telly Savalas, o tenente Kojak. Pronto, sempre a citação.

— Bonitinha aquela Maia, não?

Confessei sem jeito que tinha olhado para ela só de relance — como disse, das mulheres quero distância. Ele sacudiu meu braço:

— Não fique dando uma de *gentleman*, Colonna. Eu bem que vi você olhando disfarçadamente para ela. Na minha opinião, é do tipo que topa. A verdade é que todas topam, é só saber pegar do jeito certo. Um pouco magra demais para o meu gosto, aliás, não tem peitos, mas, enfim, poderia dar pé.

Tínhamos chegado à rua Torino e, à altura de uma igreja, ele me fez virar à direita para entrarmos numa ruazinha que tinha uma curva em cotovelo, mal iluminada, com algumas portas fechadas sabe-se lá desde quando, sem nenhum comércio, como se tivesse sido abandonada há tempos. Parecia pairar ali um cheiro de bolor, mas devia ser apenas sinestesia, por causa das paredes escalavradas e cobertas de grafites desbotados. No alto, um cano soltava fumaça, e não dava para entender de onde vinha porque até mesmo as janelas de cima estavam fechadas como se ali não morasse mais ninguém. Talvez o cano viesse de alguma casa que dava para outro lugar, e ninguém se incomodava por esfumaçar uma rua abandonada.

— É a rua Bagnera, a mais estreita de Milão, não tanto como a rue du Chat-qui-Pêche em Paris, onde quase não conseguem passar duas pessoas. Hoje se chama rua Bagnera, mas antigamente se chamava viela Bagnera, e antes ainda, viela Bagnaria, por causa de alguns banhos públicos da época romana.

Naquele momento surgia da curva uma mulher com um carrinho de bebê.

— Irresponsável ou mal informada — comentou Braggadocio. — Se eu fosse mulher, não passaria por aqui, principalmente no escuro. Você pode ser esfaqueado, assim sem mais nem menos. Seria uma pena porque a gatinha não é de se jogar fora, típica mãezinha disposta a dar para o encanador, olhe para trás, veja como ela rebola. Aqui aconteceram assassinatos. Por trás dessas portas agora trancadas ainda deve haver porões abandonados e talvez passagens secretas. Aqui, no século XIX, um tal Antonio Boggia, sujeito sem eira nem beira, atraiu um contador para um desses

porões, com a desculpa de fazer a revisão das contas, e lhe deu uma machadada. A vítima consegue se salvar, Boggia é preso, julgado louco e internado no manicômio por dois anos. Mas, assim que fica livre, sai de novo à cata de pessoas ingênuas e endinheiradas, que ele atrai para o seu porão, rouba, mata e enterra no mesmo lugar. Um serial killer, como se diria hoje, mas um serial killer imprudente, porque deixa vestígios das suas relações comerciais com as vítimas e no fim acaba preso, a polícia escava o porão, encontra cinco ou seis cadáveres, e Boggia é enforcado lá pelos lados da Porta Ludovica. A cabeça dele foi entregue ao Departamento de Anatomia do Ospedale Maggiore (estávamos nos tempos de Lombroso, quando os sinais da delinquência hereditária eram procurados nos crânios e nos traços fisionômicos). Depois parece que essa cabeça foi enterrada em Musocco, mas vai saber, aqueles restos eram material cobiçado por ocultistas e satanistas de todas as tribos... Ainda hoje, aqui dá para sentir a presença de Boggia, parece que estamos em Londres, no tempo de Jack, o Estripador, eu não gostaria de passar a noite aqui, no entanto me sinto atraído. Volto sempre, às vezes marco alguns encontros aqui.

Saindo da rua Bagnera desembocamos numa praça, a Mentana, e Braggadocio me fez enveredar por certa rua Morigi, também bastante escura, mas com algum comércio pequeno e belos portais. Chegamos a um largo com uma ampla área de estacionamento circundada por ruínas.

— Veja só — disse Braggadocio —, aquilo à esquerda ainda são ruínas romanas, quase ninguém lembra que Milão também foi capital do império. Por isso, nelas não se toca, mesmo que ninguém esteja dando bola para esse tipo de coisa. Mas aquelas atrás do

estacionamento ainda são casas destroçadas pelos bombardeios da última guerra.

As casas destroçadas não tinham a vetusta tranquilidade das ruínas antigas, já reconciliadas com a morte, mas despontavam sinistras entre seus vazios não assossegados, como se doentes de lúpus.

— Não sei bem por que ninguém tentou construir nesta área — dizia Braggadocio —, talvez seja tombada, talvez o estacionamento renda mais para os proprietários do que construir casas para alugar. Mas por que deixar os vestígios dos bombardeios? Este largo me dá mais medo que a rua Bagnera, mas é bonito porque me diz como era Milão depois da guerra, nesta cidade sobraram poucos lugares que fazem lembrar como ela era quase cinquenta anos atrás. E é a Milão que procuro reencontrar, aquela onde vivi na infância e na adolescência, a guerra acabou quando eu tinha nove anos, e de vez em quando, de madrugada, ainda tenho a impressão de ouvir o barulho das bombas. Mas ficaram só as ruínas: olhe ali na esquina da rua Morigi, aquela torre é do século XVII, nem as bombas a derrubaram. E embaixo, venha cá, ainda desde o começo do século XX existe aquela taverna, a taverna Moriggi, não me pergunte por que a taverna tem um g a mais que a rua, mas a prefeitura é que deve ter errado quando pôs as placas, a taverna é mais antiga, ela é que deve ter razão.

Entramos num ambiente de paredes vermelhas e teto descascado, de onde pendia um velho lustre de ferro batido, com uma cabeça de veado no balcão, centenas de garrafas de vinho empoeiradas ao longo das paredes, mesinhas de madeira (ainda não era hora do jantar, disse Braggadocio, e estavam sem toalha, depois seriam colocadas aquelas de xadrezinho vermelho, e para comer era preciso consultar aquela

lousinha escrita à mão, como nos restaurantes franceses). À mesa havia estudantes, algumas figuras da velha boêmia, com cabelos compridos, mas não de sessenta e oito, e sim de poeta, daqueles que antigamente usavam chapéu de aba larga e gravata à Lavallière, além de uns velhos já meio embalados, que não se entendia se estavam lá desde o começo do século ou se eram contratados pelos novos donos como figurantes. Petiscamos de um prato de queijos, frios, lardo de Colonnata, e bebemos um merlot, bom de verdade.

— Bonito, né? — dizia Braggadocio. — Parece atemporal.

— Mas por que você é atraído por essa Milão que já não deveria existir?

— Já lhe disse, quero poder ver aquilo que quase não lembro mais, a Milão do meu avô e do meu pai.

Tinha começado a beber, seus olhos haviam ficado brilhantes, enxugara com um guardanapo de papel um círculo de vinho que se formara na mesa de madeira antiga.

— Minha família tem uma história triste. Meu avô era alto dirigente no infausto regime, como se costuma dizer. E no dia 25 de abril foi reconhecido por um partisan enquanto tentava escapular não longe daqui, na rua Cappuccio; foi apanhado e fuzilado, logo ali na esquina. Meu pai ficou sabendo disso com atraso porque, como era fiel às ideias do meu avô, em 1943 tinha se alistado na Décima Flotilha MAS, foi capturado em Salò e mandado para o campo de concentração de Coltano, onde ficou um ano. Escapou por pouco, não encontraram nenhum verdadeiro motivo de incriminação, além disso, já em 1946 Togliatti tinha dado o primeiro passo para a anistia geral, contradições da história, os fascistas reabilitados pelos

comunistas, mas Togliatti talvez tivesse razão, era preciso voltar à normalidade a qualquer custo. Mas a normalidade era que meu pai, com aquele passado e a sombra do pai, não achava trabalho e vivia sustentado pela minha mãe, que era costureira. Assim foi se entregando aos poucos, bebia, e dele eu lembro só o rosto cheio de veiazinhas vermelhas e os olhos lacrimejantes, enquanto me contava suas obsessões. Não procurava justificar o fascismo (nessa altura não tinha mais ideais), mas dizia que para condenarem o fascismo os antifascistas tinham contado muitas histórias horrendas. Não acreditava nos seis milhões de judeus mortos nas câmaras de gás. Quer dizer, não era daqueles que ainda hoje afirmam que não houve Holocausto, mas não confiava na narrativa construída pelos libertadores. Eram todos testemunhos exagerados, dizia, li que, segundo alguns sobreviventes, no meio de um campo de concentração havia montanhas de roupas dos assassinados, com mais de cem metros de altura. Cem metros? Mas você percebe — dizia ele — que um montão de cem metros de altura, já que só pode ter forma de pirâmide, precisa ter a base mais larga que a área do campo?

— Mas ele não levava em conta que quem assistiu a algo tremendo, quando lembra depois, usa hipérboles. Você vê um acidente na estrada e conta que os cadáveres estavam num lago de sangue, mas não espera que acreditem que houvesse algo do tamanho do lago de Como, simplesmente quer passar a ideia de que havia muito sangue. Ponha-se na pele de quem se lembra de uma das experiências mais trágicas da vida...

— Não nego, mas meu pai me acostumou a não acreditar em todas as notícias. Os jornais mentem, os historiadores mentem, a televisão hoje mente. Você não viu nos telejornais há um ano, com a

Guerra do Golfo, o pelicano coberto de óleo, agonizando no golfo Pérsico? Depois foi apurado que naquela estação era impossível haver pelicanos no Golfo, e as imagens eram de oito anos antes, no tempo da Guerra Irã-Iraque. Ou então, como disseram outros, pegaram uns pelicanos no zoológico e lambuzaram de petróleo. O mesmo devem ter feito com os crimes fascistas. Veja bem, não é que me afeiçoei às ideias do meu pai ou do meu avô, nem quero fazer de conta que não houve massacre de judeus. Por outro lado alguns dos meus melhores amigos são judeus, imagine. Mas não confio em mais nada. Os americanos foram mesmo até a Lua? Não é impossível que tenham construído tudo num estúdio, se você observar as sombras dos astronautas depois da alunissagem não são verossímeis. E a Guerra do Golfo aconteceu mesmo ou nos mostraram só trechos de velhos repertórios? Vivemos na mentira e, se você sabe que lhe estão mentindo, precisa viver desconfiado. Eu desconfio, desconfio sempre. A única coisa verdadeira da qual posso dar testemunho é essa Milão de tantas décadas atrás. Os bombardeios existiram de verdade e, entre outras coisas, quem bombardeava eram os ingleses, ou os americanos.

— E o seu pai?

— Morreu bêbado quando eu tinha treze anos. Para me livrar dessas lembranças, quando cresci procurei ir para o lado oposto. Em 1968 eu tinha mais de trinta anos, deixei o cabelo crescer, andava de japona e suéter, e entrei para uma organização de tendência maoista. Mais tarde descobri que Mao tinha matado mais gente que Stalin e Hitler juntos, e não só, mas que entre os maoistas talvez estivessem infiltrados provocadores dos serviços secretos. Aí me dediquei só a trabalhar como jornalista à caça de complôs. Assim evitei cair na esparrela dos terroristas vermelhos (e eu tinha amizades perigosas).

Tinha perdido todas as certezas, a não ser a de que sempre há alguém às nossas costas, enganando.

— E agora?

— Agora, se esse jornal der certo, talvez eu tenha encontrado um lugar onde levarão a sério algumas descobertas minhas... Estou começando a trabalhar numa história que... Além do jornal poderia render até um livro. Aí então... Mas vamos mudar de assunto, voltamos a falar disso quando eu tiver reunido todos os dados... Só que tenho de ser rápido, preciso de dinheiro. Os caraminguás que o Simei me paga já são alguma coisa, mas não dão.

— Para viver?

— Não, para comprar um carro; claro que a prestação, mas vou precisar pagar as prestações. Além disso, precisa ser logo, vai ser útil para a minha investigação.

— Espere aí, você está dizendo que quer ganhar dinheiro com a investigação para comprar o carro, mas precisa do carro para fazer a investigação.

— Para reconstituir muitas coisas eu precisaria viajar, visitar vários lugares, talvez entrevistar pessoas. Sem carro e com a obrigação de ir à redação todos os dias, vou precisar reconstituir tudo de memória, trabalhar só com a cabeça. E se esse fosse o único problema.

— E qual é o verdadeiro problema?

— Olha, não é que eu seja indeciso, mas para saber o que fazer é preciso combinar todos os dados. Um dado sozinho não diz nada, todos juntos levam a entender o que não aparecia à primeira vista. É preciso fazer ressaltar aquilo que estão tentando esconder de você.

— Está falando da sua investigação?

— Não, estou falando da escolha do carro.

Desenhava na mesa com um dedo molhado de vinho, como se, tal como nas revistas de passatempos, estivesse traçando uma série de pontos que precisam ser interligados para fazer aparecer uma figura.

— Um carro precisa ser veloz e ter certa classe, claro que não estou procurando um utilitário, além disso, para mim, ou tração dianteira ou nada. Estava pensando num Lancia Thema turbo dezesseis válvulas, é dos mais caros, quase sessenta milhões. Poderia até tentar, duzentos e trinta e cinco por hora e aceleração de zero a cem em sete ponto dois. É quase o máximo.

— É caro.

— Não só isso, é preciso também descobrir o dado que eles escondem. A propaganda de automóveis, quando não mente, omite. Se a gente escarafunha as fichas técnicas nas revistas especializadas, descobre que tem cento e oitenta e três centímetros de largura.

— Não é bom?

— Você também não dá importância, nas propagandas eles sempre põem o comprimento, que sem dúvida conta para o estacionamento, ou para o status, mas raramente põem a largura, que é fundamental se você tem uma garagem pequena, ou uma vaga mais estreita ainda, isso para não falar de quando a gente fica rodando feito louco para encontrar um espaço onde se enfiar. A largura é fundamental. É preciso tentar ficar abaixo dos cento e setenta centímetros de largura.

— Imagino que existam.

— Claro, mas num carro de cento e setenta centímetros você fica apertado, se alguém está do lado não sobra espaço suficiente para o cotovelo direito. Além disso, não tem todas aquelas comodidades dos

carros largos, que têm muitos comandos à disposição da mão direita, perto do câmbio.

— E aí?

— Precisa ver bem se o painel tem muitos instrumentos, e se há comandos no volante, para que a parafernália do lado direito seja inútil. E aí descobri o Saab novecentos turbo, cento e sessenta e oito centímetros, velocidade máxima duzentos e trinta, e descemos para cinquenta milhões.

— É o seu carro.

— Sim, mas só no cantinho eles dizem que faz de zero a cem em oito e cinquenta, enquanto o ideal é pelo menos sete, como no Rover duzentos e vinte turbo, quarenta milhões, cento e sessenta e oito de largura, velocidade máxima de duzentos e trinta e cinco, e de zero a cem em seis ponto seis, um bólido.

— Então é para esse que você vai se direcionar...

— Não, porque só no finzinho da ficha revelam que tem cento e trinta e sete centímetros de altura. Baixo demais para um sujeito encorpado como eu, quase uma coisa de corrida para mauricinhos que gostam de bancar os esportistas, ao passo que o Lancia tem cento e quarenta e três de altura, e o Saab cento e quarenta e quatro e aí você entra como um lorde. E não só isso, quem é mauricinho não vai procurar os dados técnicos, que são como as contraindicações dos remédios nas bulas, escritas com letra miúda para escapar da gente a informação de que, se tomar o remédio, morre no dia seguinte. O Rover duzentos e vinte pesa só mil cento e oitenta e cinco quilos: é pouco, se bater num caminhão você se esborracha todo, é preciso procurar carros mais pesados, com reforços de aço, não digo o Volvo que é um tanque de guerra, lento demais, mas pelo menos um Rover

oitocentos e vinte ti, de uns cinquenta milhões, duzentos e trinta por hora e mil quatrocentos e vinte quilos.

— Mas imagino que você tenha descartado porque... — comentei, já paranoico também.

— Porque faz de zero a cem em oito ponto dois: é uma tartaruga, não tem arrancada. Como o Mercedes C duzentos e oitenta, que teria cento e setenta e dois de largura, mas, afora o fato de custar sessenta e sete milhões, vai de zero a cem em oito ponto oito. Além disso, demoram cinco meses para entregar. E esse também é um dado para cruzar se você calcular que alguns dos que citei demoram dois meses e outros têm pronta entrega. Por que pronta entrega? Porque ninguém quer. Desconfiar. Parece que entregam logo o Calibra turbo dezesseis válvulas, duzentos e quarenta e cinco quilômetros por hora, tração nas quatro rodas, zero a cem em seis ponto oito, cento e sessenta e nove de largura, e pouco mais de cinquenta milhões.

— Ótimo, eu diria.

— Só que não, porque pesa apenas mil cento e trinta e cinco, leve demais, e tem somente cento e trinta e dois de altura, pior que todos os outros, para freguês endinheirado, mas nanico. E se fossem só esses os problemas. Você nem imagina o porta-malas. O maior é o do Thema dezesseis válvulas turbo, mas tem largura de cento e setenta e cinco. Entre os estreitos, achei melhor o Dedra dois ponto zero LX, com porta-malas grande, mas ele não só vai de zero a cem em nove ponto quatro como também pesa pouco mais de mil e duzentos quilos e faz apenas duzentos e dez por hora.

— E agora?

— E agora não sei para que lado me virar. Já tenho a mente ocupada com a investigação e acordo de madrugada para comparar

carros.

— Mas você sabe tudo de cor?

— Fiz tabelas, mas o problema é que decorei as tabelas, e a coisa ficou insuportável. Começo a achar que os carros foram projetados para que eu não pudesse comprá-los.

— Não é um exagero essa desconfiança?

— Desconfiança nunca é exagero. Desconfiar, desconfiar sempre, só assim se encontra a verdade. Não é isso o que a ciência manda fazer?

— Manda e faz.

— Balela, a ciência também mente. Veja a história da fusão a frio. Mentiram durante meses e depois foi descoberto que era um disparate.

— Mas foi descoberto.

— Por quem? Pelo Pentágono, que talvez quisesse encobrir algo embaraçoso. Talvez tivessem razão os da fusão a frio e quem mentiu foram os que disseram que os outros tinham mentido.

— Que seja, quanto ao Pentágono e à CIA, mas você não vai querer dizer que todas as revistas de automóveis dependem dos serviços secretos da demoplutojudaicocracia à espreita.

Eu procurava fazê-lo recobrar o bom senso.

— Ah, é? — disse-me com um sorriso amargo. — Elas também estão ligadas à grande indústria americana, e às Sete Irmãs do petróleo, aquelas que assassinaram Mattei, coisa para a qual posso estar me lixando, mas são as mesmas que mandaram fuzilar o meu avô financiando os partisans. Está vendo como tudo está interligado?

Mas os garçons já estavam estendendo as toalhas e dando a entender que tinha acabado o tempo de quem só bebia dois copos.

— Antigamente, com dois copos a gente podia ficar até as duas da madrugada — suspirou Braggadocio —, mas agora aqui também estão de olho no cliente que tem dinheiro. Vai ver que um dia vão fazer aqui uma danceteria com luzes estroboscópicas. Aqui ainda é tudo de verdade, que fique claro, mas já começa a ter cheiro de mentira. Imagine só, os donos desta tasca milanese há muito tempo são toscanos, foi o que me disseram. Não tenho nada contra os toscanos, devem ser gente boa também, mas lembro que, de menino, quando se falava de uma filha de uns conhecidos, que tinha feito um péssimo casamento, um primo nosso explicava com a seguinte alusão: seria preciso fazer um muro abaixo de Florença. E minha mãe comentava: abaixo de Florença? Nada disso, abaixo de Bolonha!

Enquanto esperávamos a conta, Braggadocio me disse, quase cochichando:

— Você não poderia me fazer um empréstimo? Devolvo em dois meses.

— Eu? Mas estou sem um tostão, como você.

— Ah, tá. Não sei quanto Simei lhe paga e não tenho o direito de saber. Falei por falar. De qualquer modo, você paga a conta, certo?

Foi assim que conheci Braggadocio.

IV

Quarta-feira, 8 de abril

No dia seguinte ocorreu a primeira reunião da redação propriamente dita.

— Vamos fazer o jornal — disse Simei —, o jornal de 18 de fevereiro deste ano.

— Por que 18 de fevereiro? — perguntou Cambria, que depois se distinguiria por sempre fazer as perguntas mais idiotas.

— Porque no inverno passado, em 17 de fevereiro, os carabinieri entraram no escritório de Mario Chiesa, presidente do Pio Albergo Trivulzio, personagem proeminente do Partido Socialista milanês. Todos sabem disso: Chiesa tinha pedido propina em cima de um contrato com uma empresa de limpeza de Monza, negócio de uns cento e quarenta milhões, dos quais ele pretendia receber dez por cento, e vejam que até um asilo de velhinhos pode ter boas tetas para se mamar. Não devia ser essa a primeira mamata porque o cara da limpeza se cansou de pagar e denunciou Chiesa. De modo que foi se encontrar com ele para entregar a primeira parte dos quatorze milhões combinados, mas com um microfone e uma câmera escondidos. Assim que Chiesa pegou a bolada, os carabinieri

entraram no escritório. Chiesa, aterrorizado, agarrou outra bolada maior da gaveta, que já tinha recebido de alguma outra pessoa, e saiu correndo até o banheiro para jogar as notas no vaso sanitário, mas não houve como, antes de destruir todo aquele dinheiro ele já estava algemado. Essa é a história, vocês devem se lembrar, e agora, Cambria, já sabe o que vamos precisar contar no jornal do dia seguinte. Vá ao arquivo, releia bem as notícias daquele dia e faça uma nota de abertura, aliás, não, um belo de um artigo, porque, se bem me lembro, naquela noite os telejornais não falaram do caso.

— Ok, chefe. Estou indo.

— Espere, porque é aí que entra em cena a missão do *Amanhã*. Lembrem que nos dias seguintes se procurou dar pouca importância ao fato, Craxi teria até dito que Chiesa era só um pilantra, e o teria liberado, mas o que o leitor de 18 de fevereiro ainda não podia saber é que os magistrados continuariam investigando, e estava emergindo um verdadeiro mastim, o juiz Di Pietro, que agora todos sabem quem é, mas de quem ninguém tinha ouvido falar na época. Di Pietro deu uma prensa em Chiesa, descobriu contas na Suíça e o fez confessar que não era um caso isolado, e aos poucos está pondo a nu uma rede de corrupção política que envolve todos os partidos, e as primeiras consequências foram sentidas exatamente nos dias recentes, os senhores viram que nas eleições a Democracia Cristã e o Partido Socialista perderam um monte de votos, e quem se fortaleceu foi a Liga, que, hostilizando os governos romanos, está tirando proveito do escândalo. Estão chovendo mandados de prisão, os partidos estão se desagregando aos poucos, e já há quem diga que, depois da queda do Muro de Berlim e do desmantelamento da União Soviética, os americanos já não precisam dos partidos que podiam manobrar e os

deixaram nas mãos dos magistrados, ou talvez, poderíamos arriscar, os magistrados estão seguindo um roteiro escrito pelos serviços secretos americanos, mas por enquanto não vamos exagerar. Essa é a situação hoje, mas em 18 de fevereiro ninguém podia imaginar o que aconteceria. O *Amanhã*, porém, vai imaginar e fazer uma série de previsões. E esse artigo de hipóteses e insinuações eu confio ao senhor Lucidi, que precisará ser hábil para, dizendo *é possível e talvez*, contar de fato o que depois de fato aconteceria. Com alguns nomes de políticos, bem distribuídos entre os vários partidos, ponha as esquerdas no meio também, dê a entender que o jornal está coletando outros documentos, e diga isso de um modo que faça morrer de medo até aqueles que lerem o nosso número 0/1 sabendo muito bem o que aconteceu nos dois meses depois de fevereiro, mas se perguntando o que poderia ser um número zero com a data de hoje... Entendido? Ao trabalho.

— Por que a mim a tarefa? — perguntou Lucidi.

Simei o olhou de um modo estranho, como se ele tivesse de entender o que nós não entendíamos:

— Porque algo me diz que o senhor é muito bom em coletar rumores e transmiti-los a quem de direito.

Mais tarde, em particular, perguntei a Simei o que ele queria dizer.

— Não fique fofocando com os outros — disse ele —, mas na minha opinião Lucidi está ligado aos serviços secretos, e o jornalismo para ele é um disfarce.

— Está dizendo que é espião. E por que quis um espião na redação?

— Porque tanto faz se ele nos espionar, o que você acha que ele iria contar, além de coisas que os serviços de informação entenderiam muito bem lendo qualquer um dos nossos números zero? Mas pode nos trazer notícias que conseguiu espionando os outros.

Simei não será um grande jornalista, pensei, mas no seu gênero é um gênio. E me acudiu à memória a frase atribuída àquele regente, grande linguarudo, que dizia sobre um musicista: “No seu gênero é um Deus. O gênero é que é uma merda.”

V

Sexta-feira, 10 de abril

Enquanto continuávamos pensando no que poríamos no número 0/1, Simei abria amplos parênteses sobre alguns princípios essenciais para o trabalho de todos.

— Colonna, exemplifique para os nossos amigos como é que se pode seguir, ou dar mostras de seguir, um princípio fundamental do jornalismo democrático: fatos separados de opiniões. Opiniões no *Amanhã* haverá inúmeras, e evidenciadas como tais, mas como é que se demonstra que em outros artigos são citados apenas fatos?

— Muito simples — disse eu. — Observem os grandes jornais de língua inglesa. Quando falam, sei lá, de um incêndio ou de um acidente de carro, evidentemente não podem dizer o que acham daquilo. Então inserem no artigo, entre aspas, as declarações de uma testemunha, um homem comum, um representante da opinião pública. Pondo-se aspas, essas afirmações se tornam fatos, ou seja, é um fato que aquele sujeito tenha expressado tal opinião. Mas seria possível supor que o jornalista tivesse dado a palavra somente a quem pensasse como ele. Portanto, haverá duas declarações discordantes entre si, para mostrar que é fato que há opiniões diferentes sobre um

caso, e o jornal expõe esse fato irretorquível. A esperteza está em pôr antes entre aspas uma opinião banal e depois outra opinião, mais racional, que se assemelhe muito à opinião do jornalista. Assim o leitor tem a impressão de estar sendo informado de dois fatos, mas é induzido a aceitar uma única opinião como a mais convincente. Vamos ver um exemplo. Um viaduto desmoronou, um caminhão caiu e o motorista morreu. O texto, depois de relatar rigorosamente o fato, dirá: Ouvimos o senhor Rossi, 42 anos, que tem uma banca de jornal na esquina. *Fazer o quê, foi uma fatalidade, disse ele, sinto pena desse coitado, mas destino é destino.* Logo depois um senhor Bianchi, 34 anos, pedreiro que estava trabalhando numa obra ao lado, dirá: *É culpa da prefeitura, que esse viaduto estava com problemas eu já sabia há muito tempo.* Com quem o leitor se identificará? Com quem culpa alguém ou alguma coisa, com quem aponta responsabilidade. Está claro? O problema é no quê e como pôr aspas. Vamos fazer uns exercícios. Começamos com o senhor Costanza. Estourou a bomba da praça Fontana.

Costanza pensou um pouco, depois disse:

— O senhor Rossi, 41 anos, funcionário da prefeitura, que poderia estar no banco quando a bomba explodiu, disse: *Eu estava a pouca distância e ouvi a explosão. Horrível. Por trás disso tudo tem alguém achando que quanto pior melhor, mas nunca vamos saber quem é.* O senhor Bianchi (50 anos, barbeiro) também estava passando pelos arredores no momento do estouro, que ele lembra como ensurdecador e terrível, e comentou: *Típico atentado com a marca dos anarquistas, não há dúvida.*

— Ótimo. Senhorita Fresia, chega a notícia da morte de Napoleão.

— Bom, eu diria que o senhor Blanche (considero conhecidas a idade e a profissão) diz que talvez tenha sido injusto prender naquela ilha um homem já acabado, pobrezinho, que também tinha família. O senhor Manzoni, aliás Mansonì, diz: *Desapareceu um homem que mudou o mundo, de Manzanares ao Reno, um grande.*

— Gostei do Manzanares — disse Simei sorrindo. — Mas para passar opiniões sem dar na vista também há outros meios. Para saber o que se vai pôr num jornal é preciso, como se diz nas outras redações, organizar a pauta. Notícia para se dar há infinitas no mundo, mas por que dizer que houve um acidente em Bergamo e ignorar que houve outro em Messina? Não são as notícias que fazem o jornal, e sim o jornal que faz as notícias. E saber pôr juntas quatro notícias diferentes significa propor ao leitor uma quinta notícia. Este aqui é um diário de anteontem, na mesma página: Milão, joga o filho recém-nascido no vaso sanitário; Pescara, o irmão de Davide não está envolvido na sua morte; Amalfi, acusa de fraude a psicóloga que cuidou de sua filha anoréxica; Buscate, sai do reformatório depois de quatorze anos o garoto que aos 15 matou um menino de 8. As quatro notícias aparecem na mesma página, e o título da página é “Sociedade Criança Violência”. Certamente se fala de atos de violência em que algum menor está envolvido, mas se trata de fenômenos bem diferentes. Só em um caso (o infanticídio) há violência de pais contra filhos, o caso da psicóloga não me parece dizer respeito a crianças porque não se diz a idade dessa filha anoréxica, a história do garoto de Pescara prova, eventualmente, que não houve violência, que a morte do garoto foi acidental, e por fim o caso de Buscate, lendo-se bem, se refere a um marmanjão de quase trinta anos, e a notícia verdadeira é de quatorze anos atrás. O que os jornais queriam

nos dizer com essa página? Talvez nada de intencional, um redator preguiçoso se viu com quatro despachos de agências nas mãos e achou útil juntar todos, porque produziria mais efeito. Mas de fato o jornal transmite uma ideia, um alarme, um aviso, sei lá... Em todo caso, pensem no leitor: lendo cada uma dessas quatro notícias individualmente, ele teria ficado indiferente, mas todas juntas o obrigam a permanecer mais tempo naquela página. Entenderam? Eu sei que muito já se pontificou em torno do fato de que os jornais sempre escrevem operário calabrês ataca colega de trabalho e nunca operário cuneano ataca colega de trabalho, que seja, é racismo, mas imaginem uma página que dissesse operário cuneano etc. etc., aposentado de Mestre mata a mulher, jornaleiro de Bolonha comete suicídio, pedreiro genovês passa cheque sem fundos, o que importa ao leitor onde esses caras nasceram? Ao passo que, se estamos falando de um operário calabrês, de um aposentado de Matera, de um jornaleiro de Foggia e de um pedreiro de Palermo, então se cria uma preocupação em torno da criminalidade do sul, e isso é notícia... Somos um jornal publicado em Milão, não na Catânia, e precisamos levar em conta a sensibilidade do leitor milanês. Atenção: fazer notícia é uma boa expressão, notícia quem faz somos nós, e é preciso saber fazer a notícia brotar das entrelinhas. Doutor Colonna, nas horas livres, reúna-se com os nossos redatores, folheiem os despachos das agências de notícias e montem algumas páginas temáticas, exercitem-se em fazer a notícia aparecer onde ela não estava ou onde ninguém conseguia enxergá-la. Força!

Outro assunto foi o do desmentido. Ainda éramos um jornal sem leitores, portanto, fosse qual fosse a notícia, não haveria ninguém

para desmenti-la. Mas um jornal também é avaliado pela capacidade de enfrentar desmentidos, principalmente se for um jornal que dá mostras de não ter medo de meter o nariz na podridão. Além de treinarmos para quando chegassem desmentidos de verdade, era preciso inventar algumas cartas de leitores seguidas de nossos desmentidos. Para mostrar ao cliente a nossa fibra.

— Ontem falei a respeito com o doutor Colonna. Colonna quer dar, por assim dizer, uma boa aula sobre a técnica do desmentido.

— Bem — disse eu —, vejamos um exemplo didático, não só fictício mas também, digamos, exagerado. É uma paródia do desmentido publicado há alguns anos no *l'Espresso*. A hipótese era de que o jornal tivesse recebido uma carta de um tal Elucídio Desmentino, que passo a ler.

Ilustríssimo senhor diretor, com referência ao artigo “Idos não vividos”, publicado no último número de seu jornal, assinado por Aleteu Verdade, tomo a liberdade de elucidar o que segue. Não é verdade que estive presente no assassinato de Júlio César. Peço-lhe que tenha a bondade de inferir da anexa certidão do registro civil que nasci em Molfetta no dia 15 de março de 1944, portanto muitos séculos depois do nefasto acontecimento, que, por outro lado, sempre reprovei. O senhor Verdade deve ter se equivocado quando lhe disse que sempre festejo com amigos o dia 15 de março de 44.

Também é inexato que em seguida eu tenha dito a certo Bruto: “Nos revemos em Filipos”. Elucido que nunca tive contato com o senhor Bruto, de cujo nome até ontem nem tinha conhecimento. Em nossa rápida conversa telefônica eu disse de fato ao senhor

Verdade que em breve me encontrarei com Filipos, secretário municipal de Trânsito, mas a frase foi dita no contexto de uma conversa sobre o tráfego de automóveis. Nesse contexto eu nunca disse que estou contratando sicários para acabar com o traidor e palhaço do Júlio César, e sim que “estou convencendo o secretário a acabar com o tráfego na praça Júlio César”. Agradecendo, despeço-me atenciosamente, Elucídio Desmentino.

— Como se reage a um desmentido tão elucidador sem perder o rebolado? Vejamos uma boa resposta.

Constato que o senhor Desmentino não desmente em absoluto que Júlio César foi assassinado nos idos de março de 44. Também constato o fato de que o senhor Desmentino sempre festeja com os amigos o aniversário de 15 de março de 1944. Era exatamente esse estranho costume que eu queria denunciar em meu artigo. O senhor Desmentino talvez tenha razões pessoais para festejar essa data com abundantes libações, mas terá de admitir que a coincidência é no mínimo curiosa. Além disso, deve lembrar que, durante a longa e consistente entrevista telefônica que me concedeu, proferiu a frase: “Sou da opinião de que se deve sempre dar a César o que é de César”; uma fonte muito próxima do senhor Desmentino — e da qual não tenho razões para duvidar — me garantiu que o que César recebeu foram vinte e três punhaladas.

Destaco que em toda a sua carta o senhor Desmentino evita dizer quem, definitivamente, desferiu aquelas punhaladas. Quanto ao patético reparo sobre Filipos, tenho diante dos olhos o meu caderno de notas no qual está escrito sem sombra de dúvida que o

senhor Desmentino não disse “Nos revemos no Filipos”, e sim “Nos revemos em Filipos”.

Eu mesmo posso dar garantias quanto às palavras ameaçadoras a Júlio César. As anotações no meu caderno, que tenho diante dos olhos neste momento, dizem claramente: “Estou con...ndo s...ários acabar com tr pç Júlio César.” Não é com argumentos esfarrapados e jogos de palavras que se podem evitar pesadas responsabilidades nem amordaçar a imprensa.

— Segue a assinatura de Aleteu Verdade. Agora, o que tem de eficaz esse desmentido do desmentido? Um, a anotação que o jornal fez daquilo que foi escrito por fontes próximas ao senhor Desmentino. Isso sempre funciona, não se diz quais são as fontes, mas se sugere que o jornal tem fontes confidenciais, talvez mais confiáveis que Desmentino. Depois se recorre ao caderno do jornalista. Esse caderno ninguém vai ver, mas a ideia de uma transcrição ao vivo infunde confiança no jornal, faz acreditar que existem documentos. Por fim, repetem-se insinuações que por si sós não dizem nada, mas lançam uma sombra de suspeita sobre Desmentino. Agora, não estou dizendo que os desmentidos devem ser desse tipo, aqui estamos numa paródia, mas guardem bem os três elementos fundamentais para um desmentido do desmentido: testemunhos ouvidos, anotações no caderno e incertezas várias quanto à confiabilidade do desmentidor. Entenderam?

— Ótimo — responderam todos em unísono.

E no dia seguinte cada um trouxe exemplos de desmentidos mais verossímeis e de desmentidos de desmentidos

menos grotescos mas também eficazes. Os meus alunos tinham entendido a lição.

Maia Fresia propôs:

— *Registramos o desmentido, mas esclarecemos que tudo o que relatamos provém de documentos judiciais, ou seja, dos autos da denúncia.* O fato de que Desmentino depois foi absolvido na fase de instrução é algo de que o leitor não fica sabendo. Também não sabe que aqueles autos deveriam ser sigilosos, e não fica claro de que modo chegaram a nós, nem até que ponto são autênticos. Fiz a tarefa, doutor Simei, mas, se me permite, isso me parece, como dizer, uma cafajestada.

— Queridinha — comentou Simei —, seria uma cafajestada pior admitir que o jornal não verificou as fontes. Mas concordo que, em vez de proclamar dados que alguém pudesse verificar, é sempre melhor limitar-se a insinuar. Insinuar não significa dizer algo preciso, serve só para lançar uma sombra de suspeita sobre o desmentidor. Por exemplo: *Registramos a elucidação, mas consta que o senhor Desmentino* (sempre usar senhor, não sua excelência nem doutor, senhor é o pior insulto em nosso país), *consta que o senhor Desmentino enviou dezenas de desmentidos a vários jornais. Deve ser uma atividade compulsiva em tempo integral.* Nessa altura, se Desmentino enviar outro desmentido, teremos justificativa para não o publicar ou para citá-lo comentando que o senhor Desmentino continua repetindo as mesmas coisas. Assim o leitor se convence de que ele é um paranoico. Vejam a vantagem da insinuação: dizendo que Desmentino já escreveu a outros jornais só estaremos dizendo a verdade, que não pode ser desmentida. A insinuação eficaz é a que

relata fatos sem valor em si, mas que não podem ser desmentidos porque são verdadeiros.

Guardando bem esses conselhos, fizemos — como dizia Simei — um *brainstorming*. Palatino lembrou que até então tinha trabalhado para revistas de passatempos e propôs que o jornal incluísse meia página de jogos, ao lado da programação da tevê, das previsões meteorológicas e dos horóscopos.

Simei o interrompeu:

— Horóscopo, caramba, ainda bem que me lembrou disso, é a primeira coisa que os nossos leitores irão procurar! Aliás, senhorita Fresia, essa é sua primeira tarefa, leia alguns jornais e revistas que publicam horóscopos e extraia deles alguns esquemas repetitivos. E limite-se aos prognósticos otimistas, as pessoas não gostam que lhes digam que no mês que vem vão morrer de câncer. E construa previsões que sirvam para todos, quero dizer, uma leitora de sessenta anos não se identificaria com a perspectiva de conhecer o jovem príncipe da sua vida, mas a previsão, sei lá, de que nos próximos meses vai acontecer alguma coisa que tornará feliz aquele nativo de capricórnio é algo que cai bem para qualquer um, para o adolescente, se é que vai nos ler, para a coroa e para o contador que está esperando aumento de salário. Mas voltemos aos jogos, caro Palatino. No que está pensando? Palavras cruzadas, digamos?

— Palavras cruzadas — disse Palatino —, mas infelizmente vamos precisar fazer palavras cruzadas daquelas que perguntam quem desembarcou em Marsala. — E precisamos dar graças a Deus se o leitor escrever Garibaldi, ironizou Simei. — As palavras cruzadas estrangeiras, ao contrário, têm definições que em si já são outro

enigma. Num jornal francês apareceu uma vez *amigo dos simples* e a solução era *herborista*, porque simples não são só os simplórios mas também as ervas medicinais.

— Não é coisa para nós — disse Simei —, o nosso leitor não só não sabe o que é simples como talvez nem saiba quem é ou o que faz um herborista. É Garibaldi, ou o marido de Eva, ou a mãe do bezerro, somente coisas desse gênero.

Nesse momento quem falou foi Maia, com o rosto iluminado por um sorriso quase infantil, como se estivesse para aprontar uma traquinagem. Disse que palavras cruzadas iam bem, mas o leitor precisava esperar o número seguinte para saber se suas respostas estavam corretas, ao passo que poderíamos fazer de conta que nos números anteriores tinha sido lançada uma espécie de concurso e estavam sendo publicadas as respostas mais espirituosas dos leitores. Por exemplo, disse, podemos imaginar que pedimos aos leitores que dessem as respostas mais idiotas possíveis a alguém, também idiota.

— Antigamente na universidade nos divertíamos imaginando perguntas e respostas delirantes. Por exemplo: Por que bananas crescem em árvores? Porque se crescessem no chão logo seriam comidas pelos crocodilos. Por que os esquis deslizam na neve? Porque se deslizassem só no caviar os esportes de inverno seriam muito caros.

Palatino se entusiasmou:

— Por que César antes de morrer teve tempo de dizer *Tu quoque Brute?* Porque quem o apunhalou não foi Cipião, o Africano. Por que a nossa escrita vai da esquerda para a direita? Porque, se não fosse assim, as frases começariam com um ponto. Por que as paralelas nunca se encontram? Porque, se se encontrassem, quem fizesse exercícios nelas quebraria as pernas.

Os outros também se entusiasmaram, e Braggadocio entrou na disputa:

— Por que os dedos são dez? Porque, se fossem seis, seis seriam os mandamentos e, por exemplo, não seria proibido roubar. Por que Deus é o ser perfeitoíssimo? Porque, se fosse imperfeitoíssimo, seria meu primo Gustavo.

Entrei na brincadeira:

— Por que o uísque foi inventado na Escócia? Porque, se tivesse sido inventado no Japão, seria saquê e a gente não poderia beber com soda. Por que o mar é tão grande? Porque é peixe demais e seria irracional colocá-los no Gran San Bernardo. Por que o ninho de mafagafos tem sete mafagafinhos? Porque, se fossem trinta e três, ele seria o Grão-Mestre da Maçonaria.

— Esperem — disse Palatino —, por que os copos são abertos em cima e fechados embaixo? Porque, se fosse o contrário, os bares iriam à falência. Por que mãe é sempre mãe? Porque, se de vez em quando também fosse pai, os ginecologistas não iam saber o que fazer da vida. Por que as unhas crescem e os dentes não? Porque senão os neuróticos iam roer os dentes. Por que a bunda é embaixo e a cabeça é em cima? Porque senão ia dar muito trabalho projetar banheiro. Por que as pernas se dobram para trás e não para a frente? Porque no avião seria muito perigoso em caso de aterrissagem forçada. Por que Cristóvão Colombo navegou para o oeste? Porque, se tivesse navegado para o leste, teria descoberto Frosinone. Por que dedo tem unha? Porque, se tivesse pupila, seria olho.

Agora a competição não parava, e Fresia falou de novo:

— Por que o comprimido de aspirina é diferente de um lagarto? Porque imaginem o que aconteceria em caso contrário. Por que o

cachorro morre em cima do túmulo do dono? Porque ali não existe árvore para fazer xixi e depois de três dias a bexiga estoura. Por que um ângulo reto mede noventa graus? Pergunta malfeita: ele não mede nada, são os outros que o medem.

— Chega — disse Simei, que, no entanto, não tinha conseguido segurar um sorriso ou outro. — Isso é coisa de estudante universitário. Estão esquecendo que o nosso leitor não é nenhum intelectual que leu os surrealistas, que faziam... como era mesmo?... cadáveres esquisitos. Ia levar tudo a sério e achar que somos loucos. Em frente, senhores, estamos aqui nos divertindo, e não é o caso. Voltemos a fazer propostas sérias.

E assim a seção dos porquês foi liquidada. Pena, teria sido engraçado. Mas aquela história me induziu a olhar para Maia Fresia com atenção. Se era tão espirituosa, também devia ser bonita. E ao seu modo era mesmo. Por que ao seu modo? Ainda não tinha captado o modo, mas estava curioso.

Fresia evidentemente se sentia frustrada e tinha procurado sugerir algo que fosse da sua área:

— Está chegando a primeira lista de finalistas do prêmio Strega. Não deveríamos falar desses livros?

— Sempre com a cultura, vocês, jovens, e por sorte a senhora não se formou, senão ia me propor um ensaio crítico de cinquenta páginas...

— Não me formei, mas leio.

— Não podemos tratar demais de cultura, os nossos leitores não leem livros, no máximo a *Gazzetta dello Sport*. Mas, concordo, o jornal não pode deixar de ter uma página, não digo cultural, mas

digamos de cultura e espetáculo. No entanto, os fatos culturais relevantes devem ser apresentados em forma de entrevista. Entrevista com o autor é tranquilizadora, porque nenhum autor fala mal do próprio livro, portanto o nosso leitor não fica exposto a espinafrações rancorosas e prepotentes. Além disso, ele depende das perguntas, não se deve falar demais do livro, mas fazer o escritor ou escritora aparecer, quem sabe até com os seus tiques e fraquezas. Senhorita Fresia, sei que teve uma boa experiência com a criação de amizades coloridas. Pense numa entrevista, claro que imaginária, com um dos autores que estão competindo, e, se a história for de amor, arranque alguma lembrança do primeiro amor do autor ou autora, ou quem sabe alguma maldade a respeito dos concorrentes. Faça do maldito livro uma coisa humana que mesmo a dona de casa consiga entender, e assim não terá remorsos se não o ler; aliás, quem é que lê os livros que os jornais resenham, em geral nem o resenhista, isso quando o próprio autor o lê, porque, olhando certos livros, a gente às vezes acha que nem ele leu.

— Ai, meu Deus — disse Maia Fresia empalidecendo —, nunca vou me livrar da maldição das amizades coloridas...

— Não acha que a chamei aqui para lhe pedir artigos de economia ou política internacional.

— Imaginava. Mas tinha a esperança de estar enganada.

— Vamos lá, não se abespinhe, tente escrever alguma coisa, todos nós temos a maior confiança na senhorita.

VI

Quarta-feira, 15 de abril

Lembro quando Cambria disse:

— Ouvi no rádio que algumas pesquisas demonstram que a poluição da atmosfera está influenciando no tamanho do pênis das novas gerações, e o problema, na minha opinião, não diz respeito só aos filhos mas também aos pais, que sempre falam com orgulho das dimensões do pintinho do filho. Lembro quando nasceu o meu, fui vê-lo no berçário da maternidade, disse que par de colhões ele tem e fui contar a todos os colegas.

— Todos os meninos quando nascem têm testículos enormes — disse Simei —, e todos os pais dizem a mesma coisa. Além disso, o senhor sabe que muitas vezes nas maternidades eles trocam as etiquetas, e aquele talvez não fosse seu filho, com o máximo respeito pela sua senhora.

— Mas a notícia toca diretamente os pais, porque os efeitos nocivos também atingiriam o aparelho reprodutor dos adultos — objetou Cambria. — Se por acaso se espalhasse a ideia de que a poluição no mundo compromete não só as baleias mas também

(desculpem o tecnicismo) os perus, acho que teríamos súbitas conversões ao ecologismo.

— Interessante — comentou Simei —, mas quem disse que o Comendador, ou pelo menos aqueles a quem ele se reporta, estão interessados na redução da poluição atmosférica?

— Mas seria um alarme, e um tremendo de um alarme — disse Cambria.

— Pode ser, mas nós não somos alarmistas — reagiu Simei —, isso seria terrorismo. Quer pôr em xeque o gasoduto, o petróleo, nossas indústrias siderúrgicas? Não somos o jornal dos Verdes. Nossos leitores devem ser tranquilizados, não alarmados.

Depois de alguns segundos de reflexão, acrescentou:

— A menos que essas coisas que fazem mal ao pênis fossem produzidas por alguma indústria farmacêutica que o Comendador não se importasse de alarmar. Mas são coisas que deverão ser discutidas caso a caso. Seja como for, se tiver uma ideia, exponha, depois eu decido se deve ser desenvolvida ou não.

Um dia depois Lucidi entrou na redação com um artigo praticamente pronto. A história era a seguinte. Um conhecido seu tinha recebido uma carta com timbre da *Ordre Souverain Militaire de Saint-Jean de Jérusalem — Chevaliers de Malte — Prieuré Oecuménique de la Sainte-Trinité-de-Villedieu — Quartier Général de la Vallette — Prieuré de Québec*, oferecendo-lhe o título de cavaleiro de Malta, mediante prévio pagamento bastante generoso por diploma emoldurado, medalha, distintivo e bugigangas várias. Lucidi ficou com vontade de verificar o assunto das ordens de cavalaria e fez descobertas extraordinárias.

— Escutem, há em algum lugar um relatório da polícia, não me perguntem como consegui, no qual são denunciadas algumas pseudo-ordens de Malta. Existem dezesseis, que não devem ser confundidas com a autêntica Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, Rodes e Malta, que tem sede em Roma. Todas têm quase o mesmo nome com variações mínimas, todas se reconhecem e desconhecem reciprocamente. Em 1908 alguns russos fundaram uma ordem nos Estados Unidos, que nos anos mais recentes foi dirigida por Sua Alteza Real príncipe Roberto Paternò Ayerbe Aragona, duque de Perpignan, dirigente da casa real de Aragão, pretendente ao trono de Aragão e Baleares, Grão-Mestre das ordens do Colar de Santa Ágata dos Paternò e da Coroa Real das ilhas Baleares. Mas em 1934 um dinamarquês se separa desse tronco e funda outra ordem, entregando sua chancelaria ao príncipe Pedro da Grécia e da Dinamarca. Nos anos sessenta um desertor do tronco russo, Paul de Granier de Cassagnac, funda uma ordem na França e escolhe como protetor o ex-rei Pedro II da Iugoslávia. Em 1965 o ex-rei Pedro II da Iugoslávia briga com

Cassagnac e funda em Nova York outra ordem, e o príncipe Pedro da Grécia e da Dinamarca se torna seu Grão-Prior. Em 1966 aparece como chanceler da ordem certo Robert Bassaraba von Brancovan Khimchiachvili, que no entanto é excluído e vai fundar a ordem dos Cavaleiros Ecumênicos de Malta, cujo Protetor Imperial e Real será depois o príncipe Henrique III Constantino de Vigo Aleramico Lascaris Paleólogo de Monferrat. Este diz ser herdeiro do trono de Bizâncio, príncipe da Tessália, e depois funda outra ordem de Malta. Em seguida encontrei um protetorado bizantino, criado pelo príncipe Carol da Romênia, separado dos Cassagnac; um Grão-Priorado que tem um tal

Tonna-Barthet como Grão-Bailio e o príncipe André da Iugoslávia, já grão-mestre da ordem fundada por Pedro II, como grão-mestre do Priorado da Rússia (que depois se tornará Grão-Priorado Real de Malta e Europa). Há também uma ordem criada nos anos setenta por certo barão de Choibert e por Vittorio Busa, ou então Viktor Timur II, arcebispo ortodoxo metropolitano de Bialystok, patriarca da diáspora ocidental e oriental, presidente da República de Danzig e da República Democrática da Bielorrússia, Grão-Khan da Tartária e da Mongólia. E há também um Grão-Priorado Internacional criado em 1971 pela já citada Sua Alteza Real Roberto Paternò, com o barão marquês de Alaro, que virá a ter como Grão-Protetor em 1982 outro Paternò, dirigente da Casa Imperial Leopardi Tomassini-Paternò de Constantinopla, herdeiro do Império Romano do Oriente, consagrado legítimo sucessor pela Igreja Católica Apostólica Ortodoxa de rito bizantino, marquês de Monteaperto, conde palatino do trono da Polônia. Em 1971 aparece em Malta a Ordre Souverain Militaire de Saint-Jean de Jérusalem (que é aquela da qual parti), de uma cisão da ordem de Bassaraba, sob a alta proteção de Alexandre Licastro Grimaldi Lascaris Comneno Ventimiglia, duque de La Chastre, príncipe soberano e marquês de Déols, e seu Grão-Mestre é agora o marquês Carlo Stivala de Flavigny, que, com a morte de Licastro, associou Pierre Pasleau, que assume os títulos de Licastro, além dos de Sua Grandeza o Arcebispo Patriarca da Igreja Católica Ortodoxa belga, Grão-Mestre da Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém e Grão-Mestre e Hierofante da Ordem Maçônica Universal de rito oriental antigo e primitivo de Mênfis e Misraim reunidos. Estava esquecendo, para ficar por dentro seria possível tornar-se membro do

Priorado de Sião, como descendente de Jesus Cristo, que se casa com Maria Madalena e se torna fundador da estirpe dos merovíngios.

— Só os nomes desse pessoal já seriam notícia — disse Simei, que estava tomando notas, deliciado. — Pensem, senhores, Paul de Granier de Cassagnac, Licastro (como era mesmo?) Grimaldi Lascaris Comneno Ventimiglia, Carlo Stivala de Flavigny...

— ... Robert Bassaraba von Brancovan Khimchiachvili — lembrou Lucidi, triunfante.

— Acho que muitos leitores nossos podem ter sido abordados alguma vez com propostas desse tipo, e isso os ajudaria a se defender dessas especulações — acrescentei.

Simei teve um momento de hesitação e disse que queria pensar a respeito. Evidentemente, no dia seguinte se informou e nos comunicou que o nosso editor era chamado de Comendador porque condecorado com a comenda de Santa Maria em Belém:

— Agora acontece que a ordem de Santa Maria em Belém é outro engodo. A ordem autêntica é a de Santa Maria em Jerusalém, ou então *Ordo fratrum domus hospitalis Sanctae Mariae Teutonicorum in Jerusalem*, reconhecida pelo Anuário Pontifício. É verdade que nessa altura eu não confiaria nem nesta, com todos os rolos que acontecem no Vaticano, mas em todo caso é certo que um comendador de Santa Maria em Belém é como se fosse o prefeito de Bengodi. E querem publicar uma reportagem que lança uma sombra de suspeita, ou até de ridículo, sobre a comenda do nosso Comendador? Que cada um fique com suas ilusões. Lamento, Lucidi, mas vamos precisar derrubar o seu belo artigo.

— Está dizendo que, para cada artigo, vamos precisar verificar se é do agrado do Comendador? — perguntou Cambria, como sempre

especializado em perguntas idiotas.

— Só pode ser assim — respondeu Simei —, ele é o nosso acionista de referência, como se costuma dizer.

Nesse momento Maia criou coragem e falou de uma possível investigação sua. A história era a seguinte. Pelos lados da Porta Ticinese, numa zona que estava se tornando cada vez mais turística, havia uma pizzaria-restaurante chamada Paglia e Fieno. Maia, que mora em Navigli, passava por ali havia anos. E havia anos aquela pizzaria, enorme, tanto que das vidraças era possível avistar pelo menos cem mesas, estava sempre desoladamente vazia, afora alguns turistas tomando café nas mesinhas externas. E não é que fosse um estabelecimento abandonado, Maia tinha ido uma vez, por curiosidade, e viu que estava sozinha, com exceção de uma família pequena, vinte mesas adiante. Tinha justamente pedido um prato de *paglia e fieno*, uma garrafa pequena de vinho branco e uma torta de maçã, tudo excelente e a preço razoável, com garçons gentilíssimos. Ora, alguém que administre um estabelecimento tão grande, com pessoal, cozinha e assim por diante, aonde não vá ninguém durante anos a fio, se for ajuizado deverá se desfazer dele. No entanto, Paglia e Fieno continua aberto, dia após dia, há uns dez anos, três mil seiscentos e cinquenta dias ou por aí.

— Por trás disso tem mistério — observou Costanza.

— Nem tanto — reagiu Maia. — A explicação é evidente, é um comércio que pertence à tríade, ou à máfia, ou à camorra, foi comprado com dinheiro sujo e constitui um bom investimento à luz do dia. Mas, vocês dirão, o investimento já está dado pelo valor daquele espaço e eles poderiam mantê-lo fechado, sem pôr mais dinheiro. Só que não, está em funcionamento. Por quê?

— Por quê? — perguntou o habitual Cambria.

A resposta revelou que a cabecinha de Maia funcionava:

— O estabelecimento serve para lavar no dia a dia o dinheiro sujo que vai entrando constantemente. Você serve os pouquíssimos fregueses que aparecem todas as noites, mas todas as noites emite uma série de recibos, como se tivessem aparecido centenas de fregueses. Declarada a receita, você faz o depósito no banco, e talvez, para não dar na vista com todo aquele dinheiro vivo, porque ninguém pagou com cartão de crédito, você já abriu contas em vinte bancos diferentes. Sobre esse capital, agora legal, você paga os impostos devidos, depois de ter deduzido generosamente todos os custos de administração e abastecimento (não é difícil conseguir notas fiscais frias). Todo mundo sabe muito bem que, na lavagem de dinheiro, é preciso calcular uma perda de uns cinquenta por cento. Com esse sistema se perde muito menos.

— Mas o que fazer para demonstrar tudo isso? — perguntou Palatino.

— Simples — respondeu Maia. — Vão lá jantar dois policiais do fisco, quem sabe ele e ela, com jeito de dois noivinhos, comem e observam o ambiente, vendo que ali estão, suponhamos, só mais dois fregueses. No dia seguinte a Receita vai fazer uma fiscalização e descobre que foram emitidos cem recibos, aí quero ver o que eles respondem.

— Não é assim tão simples — observei. — Os dois policiais vão lá, digamos às oito, mas, por mais que comam, depois das nove precisam ir embora, senão levantam suspeitas. Quem prova que os cem fregueses não chegaram entre nove e meia-noite? Então você precisa mandar pelo menos três ou quatro casais de policiais para cobrir todo

o período. Ora, se na manhã seguinte houver uma fiscalização, o que acontece? A polícia dá pulos de alegria quando descobre quem não declara receita, mas o que ela pode fazer com quem declara demais? Os caras podem dizer que a maquininha enguiçou, entrou em *loop*. Então você faz o quê, uma segunda fiscalização? Os caras não são burros, já identificaram os policiais e, na noite em que eles voltam, não emitem recibos falsos. Ou os policiais precisariam continuar averiguando noite após noite, escalando meio exército para comer pizza, e no prazo de um ano talvez fossem à falência, mas dá para imaginar que se cansariam antes, porque têm mais o que fazer.

— Enfim — replicou Maia, ressentida —, a polícia financeira é que precisa encontrar um macete, nós só precisamos mostrar o problema.

— Queridinha — disse Simei com condescendência —, vou lhe dizer o que acontece se publicamos essa reportagem. Primeiro, vamos pôr contra nós a polícia financeira, que a senhora critica por nunca ter percebido a falcatrua, e esse pessoal sabe se vingar, se não de nós, com certeza do Comendador. Do outro lado, como a senhora mesma diz, temos a máfia chinesa, a camorra, a ‘ndrangheta ou seja lá o que for, e a senhora acha que vamos ficar tranquilos? E vamos ficar aqui felizes da vida, esperando que metam uma bomba na nossa redação? Enfim, sabe o que lhe digo? Que os nossos leitores vão ficar entusiasmados com a ideia de comerem por bom preço num lugar de romance policial, o restaurante Paglia e Fieno vai ficar cheio de imbecis, e o único resultado é que nós os teremos ajudado. Portanto, descartado. Fique sossegada e volte aos horóscopos.

VII

Quarta-feira, 15 de abril, à noite

Vi Maia tão atônita que a alcancei na saída. Sem nem perceber, tomei-a pelo braço.

— Não fique chateada, Maia. Vamos, eu a acompanho até sua casa e pelo caminho paramos para beber alguma coisa.

— Moro em Navigli, e lá é cheio de barzinhos, conheço um que faz um ótimo Bellini, minha paixão.

Obrigada.

Entrando em Ripa Ticinese, eu via Navigli pela primeira vez. Naturalmente tinha ouvido falar a respeito, mas estava convencido de que tudo tinha sido aterrado, e agora eu tinha a impressão de me encontrar em Amsterdã. Maia me disse com algum orgulho que outrora Milão era mesmo como Amsterdã, percorrida por círculos de canais até o centro. Devia ser lindo, por isso Stendhal gostava tanto de Milão. Mas depois os canais foram cobertos, por razões de higiene, e só por aqueles lados ainda podiam ser encontrados, com água pútrida, enquanto no passado havia lavadeiras ao longo da margem. Entrando-se mais, ainda se encontravam trechos com velhas casas. E

ali também muitas eram casas com varanda em comum, as *case di ringhiera*.

Aquelas casas para mim eram pura lenda ou imagens dos anos cinquenta, encontradas quando eu organizava enciclopédias e precisava citar a encenação de *El nost Milan* de Bertolazzi no Piccolo Teatro. Mas mesmo naquela época eu achava que eram coisa do século XIX.

Maia deu risada:

— Milão ainda está cheia desse tipo de casa, mas elas já não são para pobres. Venha, vou lhe mostrar.

Introduziu-me num pátio duplo:

— Aqui no térreo foi tudo reestruturado, são lojas de pequenos antiquários (na verdade são brechós que se dão ares de importância e cobram caro) e ateliês de pintores em busca de notoriedade. Tudo coisa para turistas. Mas ali em cima, aqueles dois andares estão iguais ao que eram antigamente.

Vi que os andares superiores eram circundados por parapeitos de ferro, com portas que se abriam para a sacada comum, e perguntei se as pessoas ainda punham roupa para secar ali fora.

Maia riu:

— Não estamos em Nápoles. É que quase tudo foi reestruturado, no passado as escadas davam diretamente para a sacada, dali se entrava na casa, e no fundo havia uma única latrina para várias famílias, quer dizer, estilo turco, chuveiro ou banheira só em sonho. Agora está tudo reformado para os ricos, alguns apartamentos têm até jacuzzi e custam os olhos da cara. Menos onde eu moro. Minha casa tem dois cômodos, das paredes escorre água, e por sorte abriram um canto para o vaso sanitário e o chuveiro, mas eu adoro o bairro. É

verdade que daqui a pouco tempo vão reestruturar aqui também, e vou precisar ir embora por não poder arcar com o aluguel. A menos que o *Amanhã* saia logo e eu seja efetivada. Por isso aguento todas aquelas humilhações.

— Não fique chateada, Maia, é óbvio que numa fase de experiência é preciso entender o que é bom publicar e o que não é. Por outro lado, Simei tem responsabilidades, em relação ao jornal e ao editor. Quando a senhora tratava de amizades coloridas talvez tudo fosse aproveitável, mas aqui é diferente, estamos pensando num diário.

— Por isso, eu esperava ter saído daquele ambiente de lixo amoroso, queria trabalhar como jornalista séria. Mas talvez eu seja uma fracassada. Não me formei, para ajudar meus pais até morrerem, depois era muito tarde para recomeçar, moro num buraco, nunca vou ser nenhuma enviada especial, digamos, à Guerra do Golfo... O que é que estou fazendo? Horóscopos, tapeio gente crédula. Isso não é fracasso?

— Estamos mal começando, quando as coisas estiverem a pleno vapor uma pessoa como a senhora terá outros espaços. Até agora deu sugestões brilhantes, gostei muito e acho que Simei também gostou.

Sentia que estava mentindo, deveria ter dito que ela tinha entrado num beco sem saída, que nunca a teriam mandado para o Golfo, que talvez fosse melhor escapar antes que fosse tarde demais, mas não podia deixá-la ainda mais deprimida. Tive então o impulso de lhe dizer a verdade, não sobre ela, mas sobre mim.

E, prestes a desnudar meu coração, como o poeta, quase sem perceber passei a tratá-la instintivamente por você.

— Olhe para mim, assim como você me vê, também nunca me formei, sempre fiz trabalhinhos modestos e acabei num jornal depois de completar cinquenta anos. Mas sabe quando foi que comecei a ser mesmo um perdedor? Quando comecei a achar que sou um perdedor. Se não tivesse ficado ruminando isso, teria vencido pelo menos uma mão.

— Cinquenta anos completos? Não parece que você tem essa idade, quer dizer, o senhor.

— Você teria dado só quarenta e nove?

— Não, espere, é que você é um homem bonito, e quando dá suas lições a gente percebe que tem senso de humor. É indício de jovialidade, juventude...

— Vai ver é indício de juízo, portanto de velhice.

— Não, a gente percebe que você não acredita no que está dizendo, mas evidentemente aceitou essa aventura e faz as coisas com um cinismo... como dizer... cheio de alegria.

Cheio de alegria? Ela era um misto de alegria e melancolia e me olhava com olhos (como diria um mau escritor?) de corça.

De corça? Que seja. É que, andando, ela me olhava de baixo para cima, porque eu era mais alto. Está explicado. Qualquer mulher que nos olhe de baixo para cima parece o Bambi.

Nesse meio-tempo tínhamos chegado ao tal barzinho, ela sorvia o seu Bellini e eu me sentia pacificado diante do meu uísque. Olhava de novo para uma mulher que não era prostituta e tinha a impressão de ter rejuvenescido.

Talvez fosse o álcool, mas agora estava dando rédeas às confidências. Desde quando não confidenciava com alguém? Conte-lhe que no passado tinha tido uma mulher que me largou. Conte-lhe

que tinha sido conquistado por essa mulher porque uma vez, no início, para justificar uma bobagem que eu tinha feito, pedi desculpas por talvez ter sido burro, e ela respondeu gosto de você mesmo sendo burro. Coisas assim podem deixar alguém louco de amor, mas depois ela talvez tenha percebido que eu era mais burro do que ela podia aguentar, e assim acabou.

Maia ria (“que bela declaração de amor gosto de você mesmo sendo burro!”) e depois me contou que, apesar de ser mais nova e de nunca ter achado que era burra, também tinha vivido histórias infelizes, talvez porque não soubesse suportar a burrice do outro, ou talvez porque todos os da sua idade ou pouco mais lhe parecessem imaturos.

— Como se eu fosse madura. Você está vendo, tenho quase trinta anos e continuo solteira. É que nunca conseguimos nos contentar com o que temos.

Trinta anos? Nos tempos de Balzac uma mulher de trinta anos já estava passada, Maia parecia ter vinte, não fosse por algumas ruguinhas finíssimas ao redor dos olhos, como se tivesse chorado muito, ou sofresse de fotofobia e apertasse sempre os olhos nos dias de sol.

— Não há sucesso maior que o encontro agradável entre dois fracassos — disse eu e, assim que acabei de dizer, me senti quase assustado.

— Bobo — disse ela com graça. Depois se desculpou, preocupada com aquele excesso de familiaridade.

— Não, ao contrário, agradeço — disse-lhe —, nunca ninguém me chamou de bobo de modo tão sedutor.

Eu tinha ido longe demais. Por sorte, ela foi rápida em mudar de assunto.

— Querem parecer tanto um Harry's Bar e não sabem nem expor as bebidas. Olhe, entre os vários uísques está um gim Gordon, enquanto o Sapphire e o Tanqueray estão do outro lado.

— O quê, onde? — perguntei olhando para a frente, onde só havia outras mesas.

— Não — disse ela —, no balcão, né?

Voltei-me, ela tinha razão, mas como podia achar que eu via o que ela via? Esse foi só um ensaio da descoberta que eu faria depois, ajudado também por aquele maledicente do Braggadocio. Naquele momento não dei muita importância e aproveitei a oportunidade para pedir a conta. Disse-lhe mais algumas frases de consolo e a acompanhei até um portal de onde se entrevia um pátio com a oficina de um colchoeiro. Parece que ainda existem colchoeiros, apesar da propaganda de colchões de mola na televisão. Agradeceu-me:

— Agora estou me sentindo mais calma — sorriu, estendendo a mão. Era tépida e reconhecida.

Voltei para casa ao longo daqueles canais de uma velha Milão mais benévola que a de Braggadocio. Precisava conhecer melhor aquela cidade, que reservava tantos espantos.

VIII

Sexta-feira, 17 de abril

Nos dias seguintes, enquanto cada um fazia as tarefas de casa (como agora eram chamadas), Simei conversava conosco sobre projetos talvez não imediatos, mas nos quais era preciso começar a pensar.

— Não sei ainda se será para o número 0/1 ou para o 0/2, se bem que mesmo para o 0/1 ainda temos muitas páginas em branco, não digo que devemos começar com sessenta páginas como o *Corriere*, mas pelo menos vinte e quatro precisamos fazer. Em algumas a gente se arranja com publicidade, e o fato de ninguém nos dar publicidade não importa, pegamos de outros jornais e fazemos de conta que é nossa; enquanto isso a gente vai infundindo confiança no cliente, que pode enxergar uma boa fonte de ganhos futuros.

— E uma coluna de anúncios fúnebres — sugeriu Maia —, isso também é dinheiro que entra. Deixe que eu invento. Adoro matar personagens com nomes estranhos e familiares inconsoláveis, mas do que eu gosto mesmo, nos mortos importantes, é das pessoas que expressam condolências, que não estão ligando muito para o defunto

e para a família, mas usam o anúncio como *name dropping*, para dizer olhem, eu também o conhecia.

Como sempre, arguta. Mas depois do passeio daquela noite eu a mantinha um pouco a distância, e ela também estava reservada, nós nos sentíamos reciprocamente indefesos.

— Está bem quanto aos anúncios fúnebres — disse Simei —, mas antes acabe os horóscopos. No entanto, eu estava pensando em outra coisa. Falo da zona, ou melhor, já que hoje todo mundo diz zona e isso não significa mais nada, penso nas velhas casas de tolerância. Lembro bem delas, já era adulto em 1958 quando foram fechadas.

— Eu já era maior de idade — disse Braggadocio — e frequentei algumas dessas casas.

— Não digo aquela da rua Chiaravalle, um bordel propriamente dito, com mictórios na entrada para a tropa poder se aliviar antes de entrar...

— ... e as putonas detonadas andando com passadas largas e mostrando a língua na frente dos soldados e dos caipiras assustados, e a cafetina gritando força moçada, vamos parar de fazer cera...

— Por favor, Braggadocio, aqui há uma senhora.

— Se tivessem de escrever sobre isso — reagiu Maia, sem acanhamento —, talvez precisassem dizer que hetairas de idade proecta passeavam indolentes, com uma mímica acentuadamente lasciva, diante de clientes que ardiavam de desejo...

— Muito bem, Fresia, não exatamente assim, mas sem dúvida será preciso encontrar uma linguagem mais delicada. Até porque eu era fascinado pelas casas mais respeitáveis, como aquela de San Giovanni sul Muro, toda *art nouveau*, cheia de intelectuais que iam não pelo sexo (diziam), mas pela história da arte...

— Ou aquela da rua Fiori Chiari, toda *art déco* com azulejos multicoloridos — disse Braggadocio com a voz embargada de saudade. — Sabe lá quantos dos nossos leitores se lembram.

— E os que ainda não eram maiores de idade na época viram isso nos filmes de Fellini — acrescentei, porque quem não tem recordações na memória as toma da arte.

— Olhe, Braggadocio — concluiu Simei —, prepare uma bela matéria analítica, tipo os velhos tempos não eram tão ruins assim.

— Mas por que ressuscitar os prostíbulos? — perguntei, incrédulo. — Se a coisa pode excitar os velhinhos, pode escandalizar as velhinhas.

— Colonna — disse Simei —, vou lhe revelar uma coisa. Depois do fechamento em 58, nos anos sessenta alguém comprou o velho prostíbulo da rua Fiori Chiari e fez lá um restaurante, muito chique com todos aqueles azulejos policromados. Mas conservaram um ou dois banheiros e douraram os bidês. Se soubesse quantas senhoras excitadas diziam aos maridos que queriam visitar aqueles cubículos, para entenderem o que acontecia nos velhos tempos... Naturalmente a coisa funcionou só por algum tempo, afinal até as senhoras se cansaram, ou talvez a cozinha não estivesse à altura do restante. O restaurante fechou e acabou-se a história. Mas, preste atenção, estou pensando numa página temática, à esquerda o artigo de Braggadocio, à direita uma reportagem sobre a degradação das avenidas periféricas, com o *trottoir* indecente, de modo que à noite não se pode passar por lá com criança. Nenhum comentário para ligar os dois fenômenos, mas deixamos que o leitor tire suas conclusões, no fundo do coração todos concordam com a volta das saudáveis casas de tolerância, as mulheres porque assim os maridos não precisam parar à

beira das avenidas para pegar marafonas e empestear o carro com perfume barato, e os homens porque assim podem dar sua escapadela para um daqueles vestibulos, e, se for visto por alguém, dirá que está passando por lá para apreciar a cor local, quem sabe para ver *art nouveau*. Quem me faz a matéria sobre as rodadoras de bolsinha?

Costanza disse que queria pensar no assunto, e todos concordaram; passar algumas noites percorrendo ruas significava gastar muito em gasolina, sempre com o risco de dar de cara com alguma patrulha da delegacia de costumes.

Naquela noite fiquei impressionado com o olhar de Maia. Como se tivesse percebido que tinha entrado num ninho de serpentes. Por isso, vencendo qualquer prudência, esperei que ela saísse, fiquei alguns minutos na calçada, dizendo aos outros que precisava ficar no centro para passar por uma farmácia — sabia o trajeto que faria — e a alcancei na metade do caminho.

— Vou embora, vou embora — disse-me quase chorando. Tremia. — Mas em que raio de jornal eu fui cair? Pelo menos as minhas amizades coloridas não faziam mal a ninguém e no máximo enriqueciam os salões de beleza, aonde as mulheres iam só para ler minhas revistinhas.

— Maia, não se ofenda, Simei faz experimentos mentais, não significa que queira mesmo publicar todas aquelas coisas. Estamos numa fase inventiva, arriscando hipóteses, cenários, é uma boa experiência, e ninguém lhe pediu para fingir que está rodando bolsinha e entrevistar uma delas. Mas hoje está tudo dando errado para você, precisa parar de pensar no assunto. Que tal um cinema?

— Aquele ali tem um filme que eu já vi.

— Aquele ali qual?

— Aquele que a gente acabou de passar, do outro lado da rua.

— Mas eu estava segurando o seu braço e olhando para você, não estava olhando para o outro lado da rua. Sabe que você é uma peça?

— Você nunca vê as coisas que eu vejo — disse. — Então, que seja o cinema, vamos comprar um jornal e ver o que está passando no pedaço.

Fomos ver um filme do qual não lembro nada porque, percebendo que ela continuava tremendo, a certa altura peguei-lhe a mão, de novo tépida e reconhecida, e ficamos ali como dois namoradinhos, mas daqueles da tábua redonda que dormiam com a espada pelo meio.

Acompanhando-a até sua casa — estava um pouco mais animada —, dei-lhe um beijo fraterno na testa e uma palmadinha na bochecha, como convém a amigo velho. No fundo (eu pensava) poderia ser pai dela.

Ou quase.

IX

Sexta-feira, 24 de abril

Naquela semana os trabalhos tinham avançado com grandes pausas. Ninguém parecia estar com muita vontade de trabalhar, Simei inclusive. Por outro lado, doze números num ano não era um número por dia. Eu lia as primeiras redações dos artigos, uniformizava o estilo, procurava excluir expressões rebuscadas. Simei aprovava:

— Senhores, estamos fazendo jornalismo, não literatura.

— A propósito — manifestou-se Costanza —, agora está se espalhando a moda dos celulares. Ontem no trem, ao meu lado, alguém ficou falando um tempão das suas relações com o banco, e eu fiquei sabendo tudo sobre ele. Acho que as pessoas estão ficando loucas. Seria bom fazer uma matéria de comportamento.

— A história dos celulares não pode durar — rebateu Simei. — Primeiro, custam uma nota, e são poucos os que podem se dar esse luxo. Segundo, as pessoas daqui a pouco vão descobrir que não é indispensável ficar telefonando para todo mundo a toda hora, vão sentir falta da conversa pessoal, cara a cara, e no fim do mês vão perceber que a conta do telefone atingiu picos insustentáveis. É uma moda destinada a desaparecer no espaço de um ano, no máximo dois.

Por enquanto o celular é útil só para os adúlteros, para poderem ter seus casos sem usar o telefone de casa, e talvez para os encanadores, que podem ser chamados a qualquer momento enquanto estão circulando. Para ninguém mais. Portanto o nosso público, que em sua maioria não tem celular, não se interessaria pela matéria, e para os poucos que têm celular ela não ia cheirar nem feder, aliás, iam nos considerar esnobes, radicais chiques.

— Não só isso — intervim —, calculem que Rockefeller e Agnelli, ou o presidente dos Estados Unidos, não precisam de celular, porque têm carradas de secretários e secretárias cuidando deles. Portanto, daqui a pouco as pessoas perceberão que celular só é usado por gente de meia-tigela, pobres que precisam ser localizados pelo banco para dizer que a conta deles está no vermelho, ou pelo chefe que controla o que estão fazendo. Assim, o celular vai se tornar um símbolo de inferioridade social, e ninguém mais vai querer.

— Eu não teria tanta certeza — disse Maia. — É como o *prêt-à-porter*, ou a combinação de camiseta, jeans e lenço de pescoço, que pode ser usada tanto pela mulher da alta sociedade quanto pela proletária, com a diferença de que a segunda não sabe combinar as peças, ou acha distinto usar só jeans novinhos em folha, não usa os rasgados no joelho, e usa jeans com sapatos altos, e assim a gente logo percebe que não é uma mulher da alta sociedade. Mas ela mesma não percebe, por isso continua usando com satisfação suas peças malcombinadas, sem saber que está assinando a própria condenação.

— E, se vier a ler o *Amanhã*, nós vamos lhe dizer que ela não é uma dama da alta. E que o marido dela é um meia-tigela ou adúltero. Além disso, imagine se o comendador Vimercate está pensando em se meter nas empresas de celulares e nós lhe prestamos esse belo

serviço. Em suma, ou o assunto é irrelevante ou é preocupante demais. Derrubamos a matéria. É como a história do computador. Aqui o Comendador permitiu que houvesse um para cada um, e são práticos para escrever ou arquivar dados, mesmo que eu seja das antigas e nunca saiba como mexer neles. Mas a maioria dos nossos leitores é como eu, e não precisa deles porque não tem dados para arquivar. Não devemos criar complexos de inferioridade no público.

Abandonada a eletrônica, naquele dia nos pusemos a reler um artigo devidamente corrigido, e Braggadocio observara:

— A ira de Moscou? Mas não é banal usar sempre expressões assim enfáticas, a fúria do presidente, a ira dos aposentados e assim por diante?

— Não — disse eu —, o leitor espera exatamente essas expressões, foi acostumado a isso por todos os jornais. O leitor só vai entender o que está acontecendo se lhe disserem que há uma queda de braço entre duas forças, que o governo anuncia um pacote de sacrifícios, que vamos subir a ladeira, que o Quirinal está em pé de guerra, que Craxi disparou à queima-roupa, que o tempo urge, que não deve ser demonizado, que não é hora de dar apoio tapando o nariz, que estamos com a água no pescoço, ou então que estamos no olho do furacão. E o político não diz nem afirma com energia, mas dispara. E as forças da ordem agiram com profissionalismo.

— É mesmo, precisamos falar sempre de profissionalismo? — interrompeu Maia. — Aqui todos trabalham com profissionalismo. Claro que o mestre de obras que constrói um muro que não cai age com profissionalismo, mas o profissionalismo deveria ser norma, e só se deveria falar do mestre de obras charlatão que levanta o muro e

depois ele cai. É claro que, se chamo o encanador e ele me desentope a pia, eu agradeço e digo muito bom, obrigada, mas não digo o senhor agiu com profissionalismo. Só faltava fazer como o Joe Piper da história do Mickey. Essa insistência nos casos de profissionalismo como se fosse coisa extraordinária leva a pensar que a norma é fazer serviço porco.

— É verdade — continuei —, o leitor acha que a norma é fazer serviço porco e é preciso destacar os casos de profissionalismo, é um modo mais técnico de dizer que tudo correu bem. A polícia capturou o ladrão de galinhas? Agiu com profissionalismo.

— Mas é como papa da bondade. Admite que os papas de antes eram da maldade.

— Vai ver que as pessoas achavam isso, do contrário não teriam dito papa da bondade. Já viram alguma foto de Pio XII? Num filme do 007 ele teria sido chamado para fazer o chefe da Espectro.

— Mas que João XXIII era o papa da bondade é coisa que os jornais disseram, e o povo foi atrás.

— Certo. Os jornais ensinam como se deve pensar — atalhou Simei.

— Mas os jornais seguem as tendências ou as criam?

— As duas coisas, senhorita Fresia. As pessoas no início não sabem que tendências têm, depois nós lhes dizemos e elas percebem que as tinham. É bom não fazermos filosofia demais e trabalharmos como profissionais. Vá em frente, Colonna.

— Bom — continuei —, concluo minha lista: fazer omelete sem quebrar os ovos, centro de gravidade do poder, entrar em campo, na mira da Justiça, dança das cadeiras no Senado, sair do sufoco, agora o estrago está feito, não há milagre que resolva, não vamos baixar a

guarda, arrancar a erva daninha, os ventos estão a favor, a televisão fica com a parte do leão e só nos deixa migalhas, voltar aos trilhos, o índice de audiência despencou, dar fortes sinais, de olho no mercado da bola, sair arranhado, uma virada de trezentos e sessenta graus, uma pedra no sapato, trânsito lento na volta do feriado... E, sobretudo, pedir desculpas. A Igreja Anglicana pede desculpas a Darwin, a Virgínia pede desculpas pelo drama da escravidão, a ENEL pede desculpas pelos transtornos, o governo canadense pediu oficialmente desculpas aos inuítes. Não se deve dizer que a Igreja reviu suas antigas posições sobre a rotação da Terra, mas que o papa pede desculpas a Galileu.

Maia bateu palmas e disse:

— É verdade, nunca entendi se essa moda de pedir desculpas é sinal de um surto de humildade ou de puro descaramento: você faz algo que não deveria fazer, depois pede desculpas e lava as mãos. Isso lembra a velha piada do caubói que está cavalgando pela campina e ouve uma voz do céu que o manda ir para Abilene, em Abilene a voz o manda entrar no saloon, depois jogar na roleta e apostar todo o dinheiro no número cinco, o caubói obedece, impressionado com a voz celeste, sai o dezoito e a voz sussurra: Que pena, perdemos.

Rimos, mas depois passamos para outra coisa. Tínhamos de ler bem e discutir o artigo de Lucidi sobre o caso do Pio Albergo Trivulzio, e a discussão durou bem meia hora. No fim, quando Simei, num ímpeto de mecenatismo, mandou vir do bar de baixo café para todos, Maia, que estava sentada entre mim e Braggadocio, cochichou:

— Eu faria exatamente o contrário, quero dizer, se o jornal fosse para um público mais avançado, eu adoraria fazer uma seção que

dissesse o contrário.

— Que dissesse o contrário de Lucidi? — perguntou Braggadocio intrigado.

— Não! O que vocês entenderam? Digo o contrário dos lugares-comuns.

— Aqueles de que a gente estava falando há mais de meia hora — disse Braggadocio.

— Que seja, mas eu continuava pensando no assunto.

— Nós não — disse Braggadocio, em tom seco.

Maia não parecia impressionada com a objeção e quase nos olhava como se fôssemos desmemoriados:

— Digo o contrário dos olhos do furacão ou do ministro que dispara. Por exemplo: Veneza é a Amsterdã do sul, às vezes a fantasia supera a realidade, adianto que sou racista, as drogas pesadas são a porta de entrada para a maconha, sinta-se na minha casa, pode me tratar de senhora, quem tudo tem nada quer, estou gagá mas não sou velho, para mim grego é matemática, o sucesso me modificou, no fundo Mussolini também fez muita porcaria, Paris é feia mas os parisienses são gentilíssimos, em Rimini vão todos para a praia e nunca põem o pé numa danceteria, transferiu todo o seu capital para Battipaglia.

— Sim, e um cogumelo inteiro envenenado por uma família. Mas onde é que você vai buscar todas essas abobrinhas? — perguntou Braggadocio, como se fosse o cardeal Hipólito com Ariosto.

— Algumas estão num livrinho que saiu há alguns meses — disse Maia. — Mas, desculpem, é claro que no *Amanhã* não caem bem. Nunca acerto uma. Talvez esteja na hora de ir para casa.

— Escute — disse-me depois Braggadocio —, venha comigo, estou morto de vontade de lhe contar uma coisa. Se não conto, explodo.

Meia hora depois estávamos de novo na taverna Moriggi, mas no caminho Braggadocio ainda não tinha sentido vontade de se abrir. Em vez disso, observara:

— Já percebeu qual é a doença daquela Maia? Ela é autista.

— Autista? Mas os autistas ficam fechados em si mesmos, não se comunicam. Por que está dizendo que ela é autista?

— Li a respeito de um experimento com os primeiros sintomas do autismo. Imagine numa sala eu, você e o Pedrinho, um menino autista. Você me diz para esconder uma bolinha em algum lugar e depois sair. Eu ponho a bolinha num vaso. Depois que eu saio, você tira a bolinha do vaso e a põe numa gaveta. Então pergunta ao Pedrinho: quando o senhor Braggadocio voltar, onde ele vai procurar a bolinha? E o Pedrinho diz: na gaveta, não? Ou seja, o Pedrinho não pensa que na minha mente a bolinha ainda está no vaso, porque na mente dele já está na gaveta. O Pedrinho não sabe se pôr no lugar do outro, acha que todos têm na cabeça o que ele mesmo tem na dele.

— Mas isso não é autismo.

— Não sei o que é, talvez seja uma forma branda de autismo, assim como os melindrosos são paranoicos no primeiro estágio. Mas Maia é assim, não tem a capacidade de ver as coisas do ponto de vista do outro, acha que todo mundo pensa o que ela está pensando. Lembra o outro dia, a certa altura ela disse que ele não vinha ao caso, e ele era alguém de quem nós tínhamos falado uma hora antes. Ela tinha continuado a pensar, ou aquilo tinha voltado à sua lembrança naquele momento, mas ela não pensou que nós podíamos não estar

pensando mais. É doida, no mínimo, estou dizendo. E, enquanto ela fala, você continua olhando para ela como se fosse um oráculo...

Aquilo tudo me parecia bobagem e liquidei o assunto com uma tirada:

— Quem faz oráculos é sempre doido. Vai ver ela é descendente da Sibila de Cumas.

Tínhamos entrado na taverna, e Braggadocio começara a falar.

— Tenho um furo capaz de vender cem mil exemplares do *Amanhã*, se já estivesse à venda. Aliás, quero um conselho. Devo entregar o que estou descobrindo ao Simei ou procurar vender a outro jornal, a um de verdade? É dinamite pura, é a respeito de Mussolini.

— Não me parece uma história de grande atualidade.

— A atualidade está em descobrir que alguém até agora nos enganou, aliás muitos, aliás todos.

— Em que sentido?

— É uma história comprida, e por enquanto só tenho uma hipótese, porque sem carro não posso ir aonde precisaria para interrogar as testemunhas que sobreviveram. De qualquer modo, vamos partir dos fatos que nós todos conhecemos, depois lhe digo por que a minha hipótese seria razoável.

Braggadocio não fez outra coisa senão resumir em linhas gerais aquilo que ele definia como versão oficial, aquela fácil demais — dizia — para ser verdadeira.

Portanto, os aliados romperam a Linha Gótica e estão subindo para Milão, a guerra já está perdida, e em 18 de abril de 1945 Mussolini abandona o lago de Garda e vem para Milão, onde se refugia na sede do governo. Consulta mais uma vez seus ministros

sobre uma possível resistência num reduto de Valtellina, mas já está preparado para o fim. Dois dias depois dá a última entrevista da vida ao último de seus seguidores fiéis, Gaetano Cabella, que dirigira o último jornal da República Social Italiana, o *Popolo di Alessandria*. Em 22 de abril faz seu último discurso a oficiais da Guarda Republicana, dizendo, parece, “se a pátria está perdida, é inútil viver”.

Nos dias seguintes os aliados estão em Parma, Gênova é libertada e finalmente na manhã do fatídico 25 de abril os operários ocupam as fábricas de Sesto San Giovanni. À tarde Mussolini, com alguns de seus homens, entre os quais o general Graziani, é recebido no arcebispado pelo cardeal Schuster, que promove seu encontro com uma delegação do Comitê de Libertação. Parece que no fim da reunião Sandro Pertini, que chegou atrasado, cruzou com Mussolini nas escadas, mas isso talvez seja lenda. O Comitê de Libertação impõe rendição incondicional, avisando que até os alemães tinham começado a tratar com eles. Os fascistas (os últimos são sempre os mais desesperados) não aceitam render-se de modo ignominioso, pedem tempo para pensar melhor e vão embora.

À noite os chefes da Resistência não podem esperar mais enquanto os adversários pensam no assunto e baixam a ordem de insurreição geral. É aí que Mussolini foge em direção a Como, com um cortejo de seguidores fidelíssimos.

A Como também chegara sua mulher Rachele com os filhos Romano e Anna Maria, mas inexplicavelmente Mussolini se recusa a ir ao encontro deles.

— Por quê? — Braggadocio chamava minha atenção. — Porque esperava reencontrar-se com a amante, Claretta Petacci? Mas, se ela ainda não tinha chegado, o que lhe custaria ver a família durante dez

minutos? Guarde bem esse ponto porque foi daí que partiram minhas suspeitas.

Mussolini achava que Como era uma base segura porque se dizia que havia poucos partisanos nos arredores, e era possível esconder-se até a chegada dos aliados. De fato esse era o verdadeiro problema de Mussolini, não cair nas mãos dos partisanos e entregar-se aos aliados, que lhe permitiriam um processo regular e depois que fosse o que Deus quisesse. Ou talvez ele achasse que de Como era possível ir para Valtellina, onde seguidores fiéis como Pavolini lhe garantiam que poderiam organizar forte resistência, com alguns milhares de homens.

— Mas nessa altura se desiste de Como. E me poupe de descrever o turbilhão de deslocamentos daquele cortejo danado, porque nem eu mesmo atino, e para os fins da minha apuração, pouco importa para onde vão e para onde voltam. Digamos que se dirigem para Menaggio, talvez na tentativa de alcançar a Suíça, depois o cortejo chega a Cardano, onde se encontra Claretta Petacci, e aparece uma escolta alemã que recebera de Hitler a ordem de conduzir o amigo para a Alemanha (em Chiavenna, talvez, estaria à espera um avião que o levaria a salvo para a Baviera). Mas alguém considera que não é possível alcançar Chiavenna, o cortejo volta a Menaggio, durante a noite chega Pavolini, que deveria trazer consigo reforços militares, mas vem acompanhado por apenas sete ou oito homens da Guarda Nacional Republicana. O Duce se sente encurralado, que resistência em Valtellina que nada, só lhes resta unir-se a uma coluna alemã que está tentando atravessar os Alpes; com os dirigentes do partido estão suas respectivas famílias. Trata-se de vinte e oito caminhões de soldados, com metralhadoras em cada caminhão, e uma coluna de italianos composta de um blindado e uma dezena de veículos civis.

Mas em Musso, antes de Dongo, a coluna topa com os homens do destacamento Puecher da 52a Brigada Garibaldi. Eram uns gatos pingados, o comandante deles é Pedro, conde Pier Luigi Bellini delle Stelle, e o comissário político é Bill, Urbano Lazzaro. Pedro é um temerário e começa a blefar por desespero. Leva os alemães a crer que, ao redor, as montanhas estão fervendo de partisans, ameaça disparar morteiros que ainda estão em mãos alemãs, percebe que o comandante procura resistir, mas que os soldados já estão assustados e só têm vontade de salvar a pele e voltar para casa, eleva cada vez mais o tom... Em suma, ficam naquele vai não vai e, depois de parlamentações enervantes de que vou poupá-lo, Pedro convence os alemães não só a se renderem como também a abandonarem os italianos que iam atrás deles. Só assim poderão prosseguir em direção a Dongo, onde, porém, precisarão parar e submeter-se a uma revista geral. Em suma, os alemães se comportam como uns sacanas com seus aliados, mas pele é pele.

Pedro pediu que os italianos fossem deixados ali não só porque está certo de que se trata de altos dirigentes fascistas como também porque começa a correr voz de que entre eles está justamente Mussolini. Pedro acredita e não acredita nisso, vai parlamentar com o comandante do blindado, o subsecretário da presidência do conselho dos ministros (da finada República Social), Barracu, mutilado de guerra que ostenta uma medalha de ouro, e que no fundo lhe causa boa impressão. Barracu gostaria de prosseguir em direção a Trieste onde se propõe salvar a cidade da invasão iugoslava, e Pedro o faz entender gentilmente que ele é louco, que nunca chegaria a Trieste e, se chegasse, seriam uns gatos pingados contra o exército de Tito, então Barracu pede-lhe que o deixe voltar para se reencontrar com Graziani,

sabe Deus onde. Pedro no fim (depois de revistar o blindado e de ver que Mussolini não está lá) concorda em deixá-los arrepiar caminho por não querer iniciar um conflito armado que poderia atrair de volta os alemães, mas, enquanto vai tratar de outras coisas, ordena a seus homens que verifiquem se o blindado vai mesmo voltar atrás, porque, se andasse ainda que dois metros à frente, eles deveriam começar a atirar. Ocorre, porém, que o blindado avançou disparando, ou talvez só tenha se adiantado para fazer bem a marcha a ré, sabe-se lá como foram as coisas, o fato é que os partisans ficam nervosos e abrem fogo, breve troca de tiros, dois fascistas mortos, dois partisans feridos, e no fim tanto os passageiros do blindado quanto os dos carros são presos. Entre eles, Pavolini tenta a fuga e se atira no lago, mas é preso de novo e posto com os outros, molhado como um pinto.

Nessa altura, Pedro recebe uma mensagem de Bill, que está em Dongo. Enquanto revistam os caminhões da coluna alemã, um partisan, Giuseppe Negri, o chama e lhe diz “ghè chi el Crapun”, vale dizer, em língua castiça, que ali estava o chefão, ou melhor, que segundo ele um soldado estranho, com capacete na cabeça, óculos de sol e gola do capote puxada para cima, outro não era senão Mussolini. Bill vai verificar, o soldado estranho se faz de desentendido, mas no fim é desmascarado, é de fato ele, o Duce, e Bill, não sabendo o que fazer, tenta se colocar à altura do momento histórico e lhe diz: “Em nome do povo italiano, está preso.” E o leva para a prefeitura.

Enquanto isso em Musso, entre os carros dos italianos, descobre-se um com duas mulheres, duas crianças e um sujeito que afirma ser o cônsul espanhol que tem um importante encontro na Suíça com um não menos indefinido agente inglês, mas os documentos parecem falsos, e ele é preso enquanto protesta em altos brados.

Pedro e seus homens estão vivendo um momento histórico, mas no início parece que não se dão conta disso, estão preocupados apenas em manter a ordem pública, evitar um linchamento, garantir aos prisioneiros que ninguém lhes tocará num fio de cabelo sequer, e que serão entregues ao governo italiano assim que eles conseguirem informá-lo. E, de fato, na tarde de 27 de abril Pedro consegue telefonar e dar a notícia da prisão em Milão, e nesse ponto entra em cena o Comitê de Libertação, que acabara de receber um telegrama aliado pedindo a entrega do Duce e de todos os integrantes do governo da República Social, segundo uma cláusula do armistício assinado em 1943 por Badoglio e Eisenhower (“Benito Mussolini, seus principais associados fascistas... que agora ou no futuro sejam encontrados em território controlado pelo Comando Militar Aliado ou pelo Governo Italiano, serão imediatamente presos e entregues às Forças das Nações Unidas”). E dizia-se que no aeroporto de Bresso estava para aterrissar uma aeronave que levaria o ditador. O Comitê de Libertação estava convencido de que nas mãos dos aliados Mussolini se safaria, quem sabe ficaria encerrado numa fortaleza durante alguns anos e depois voltaria à cena. Luigi Longo (que representava os comunistas no comitê) tinha dito que Mussolini devia ser abatido logo, sem contemplação, sem processo e sem frases históricas. E a maioria do Comitê advertia que o país precisava imediatamente de um símbolo, um símbolo concreto, para entender que o vintênio tinha de fato acabado: o cadáver do Duce. Além disso, não havia só o temor de que os aliados se apoderassem de Mussolini, mas de que, se o destino de Mussolini não fosse conhecido, sua imagem permanecesse como uma presença desencarnada, mas vultosa, como o Frederico Barbarossa da lenda, encerrado numa

caverna, pronto para inspirar todas as fantasias de retorno ao passado.

— Daqui a pouco você vai ver se o pessoal de Milão não tinha razão... Nem todos, porém, eram da mesma opinião: entre os integrantes do Comitê o general Cadorna tendia a satisfazer os aliados, mas estava em minoria, e o Comitê decidira enviar a Como uma patrulha com a missão de executar Mussolini. E esta, sempre segundo a versão oficial, era comandada por um homem de inabalável fé comunista, o coronel Valerio, e pelo comissário político Aldo Lampredi. Vou poupá-lo de todas as hipóteses alternativas, como, por exemplo, de que o executor não era Valerio, mas alguém mais importante. Chegou-se até a dizer à boca pequena que o justiceiro foi o filho de Matteotti, ou que quem disparou foi Lampredi, o verdadeiro cérebro da missão. E assim por diante. Mas vamos aceitar aquilo que foi revelado em 1947, ou seja, que Valerio era o contador Walter Audisio, que depois ingressaria como herói no Parlamento pelo Partido Comunista. No que me diz respeito, fosse Valerio ou outro, a substância não muda, portanto vamos continuar falando de Valerio. Então, Valerio parte para Dongo com um pelotão formado por homens seus. Nesse ínterim, sem saber da iminente chegada de Valerio, Pedro decide esconder o Duce por temer que destacamentos fascistas errantes tentem libertá-lo. E, para que o refúgio do prisioneiro permaneça secreto, decide antes transferi-lo (claro que reservadamente, mas dando por certo que a notícia se espalharia) um pouco mais para o interior, no quartel da guarda financeira de Germasino. Mas, depois, seria preciso pegar o Duce de madrugada e levá-lo a outro lugar, este sim conhecido por pouquíssimas pessoas, pelos lados de Como.

Em Germasino, Pedro tem a oportunidade de trocar algumas palavras com o detido, e ele lhe pede o favor de levar suas saudações a uma senhora que estava no carro com o cônsul espanhol, e depois de alguma renitência admite que se trata de Claretta Petacci. Pedro irá depois ao encontro de Claretta, que de início procurará fazer-se passar por outra pessoa, mas acaba cedendo, desabafa contando sua vida com o Duce e pedindo como graça extrema ser reunida ao amado. Pedro, perplexo, depois de consultar os colaboradores, tocado por aquela aventura humana, consente. E eis que Claretta Petacci participa da transferência noturna de Mussolini para o segundo local, que de fato nunca é alcançado, porque chega a notícia de que os aliados já estão em Como liquidando um último foco de oposição fascista; portanto, o pequeno cortejo de dois carros muda novamente o rumo em direção ao norte. Os carros param em Azzano e, depois de um breve trajeto a pé, os fugitivos são acolhidos por uma família de confiança, os De Maria, e Mussolini e Claretta Petacci têm à disposição um quartinho com cama de casal.

Pedro não sabe que está vendo Mussolini pela última vez. Volta a Dongo, e à praça chega um caminhão cheio de homens armados, com fardas novinhas em folha, que contrastam com as roupas rasgadas e improvisadas dos seus partisans. Os recém-chegados alinham-se na frente da prefeitura. Seu comandante apresenta-se como coronel Valerio, oficial enviado com plenos poderes pelo comando-geral do Corpo Voluntários da Liberdade, apresenta credenciais irretorquíveis e diz que foi mandado para fuzilar os prisioneiros, todos. Pedro procura opor-se, pedindo que os prisioneiros sejam entregues a quem possa organizar um processo regular, mas Valerio se vale de sua patente, exige a lista dos detidos e

ao lado de cada nome põe uma cruzinha preta. Pedro vê que Claretta Petacci também é condenada à morte, alega que ela é apenas a amante do ditador, mas Valerio responde que essas são as ordens do comando milanês.

— E fique bem atento a esse ponto, que ressalta com muita clareza das memórias de Pedro, porque em outras versões Valerio dirá que Claretta se agarrou ao seu homem, ele lhe disse que se afastasse, ela não obedeceu, por isso foi morta, digamos por engano, ou por excesso de zelo. A questão é que ela também já tinha sido condenada, mas não é esse o ponto, é que Valerio conta histórias diferentes e não podemos dar-lhe fé.

Seguem-se alguns acontecimentos confusos: informado da presença do suposto cônsul espanhol, Valerio quer vê-lo, fala com ele em espanhol, e ele não sabe responder, sinal de que é tudo, menos espanhol. Valerio o esbofeteia com violência, identifica-o como Vittorio Mussolini e ordena a Bill que o leve à beira do lago e o fuzile. Durante o trajeto alguém reconhece o homem como sendo Marcello Petacci, irmão de Claretta, e Bill o leva de volta, mas foi pior ainda porque, enquanto ele fala desatinadamente de serviços prestados à Itália, de armas secretas que descobrira e escondera de Hitler, Valerio o inclui no rol dos condenados.

Logo depois Valerio chega com seus homens à casa dos De Maria, retira Mussolini e Claretta de lá e os leva de carro para uma ruazinha de Giulino di Mezzegra, onde os manda descer. Parece que de início Mussolini achava que Valerio tinha ido libertá-lo, e só então entende o que o espera. Valerio o empurra até uma grade de ferro e lê a sentença, procurando (como diria depois) separá-lo de Claretta, que continua desesperadamente agarrada ao amante. Valerio tenta

disparar, seu fuzil-metralhadora emperra, ele pede outro a Lampredi e descarrega cinco tiros no condenado. Depois dirá que Claretta entrou de repente na trajetória dos projéteis e teria sido morta por engano. É 28 de abril.

— Mas tudo isso nós sabemos pelos testemunhos de Valerio. Segundo ele, Mussolini acabou como um farrapo humano, segundo lendas surgidas depois ele teria aberto a gola da túnica gritando mirem no coração. Na realidade, o que aconteceu naquela ruela ninguém sabe, afora os executores, manobrados depois pelo Partido Comunista.

Valerio volta a Dongo e organiza o fuzilamento de todos os outros dirigentes. Barracu pede para não ser fuzilado pelas costas, mas é empurrado de novo para o grupo, Valerio põe na fila também Marcello Petacci, mas todos os outros condenados protestam porque o consideram traidor, sabe-se lá o que o sujeito tinha aprontado. Depois decidirão fuzilá-lo separadamente. Quando os outros caem, Marcello se livra e foge em direção ao lago, é apanhado, mas consegue livrar-se outra vez, atira-se na água, nadando desesperadamente e é liquidado por rajadas de metralhadora e tiros de mosquete. Mais tarde Pedro, que não quis que os seus participassem do fuzilamento, manda pescar o cadáver e colocá-lo no mesmo caminhão em que Valerio pusera os cadáveres dos outros. O caminhão prossegue até Giulino, para apanhar também os corpos do Duce e de Claretta. Depois, dirige-se para Milão, onde em 29 de abril todos são depositados na praça Loreto, exatamente onde tinham sido jogados os cadáveres dos partisanos fuzilados quase um ano antes, e os milicianos fascistas os tinham deixado expostos ao sol durante o dia todo, impedindo os familiares de recolherem os restos mortais.

Nesse ponto Braggadocio agarrou-me um braço e o apertou tanto que me livreii com um puxão:

— Desculpe — disse ele —, mas estou para chegar ao centro do meu problema. Fique bem atento: a última vez em que Mussolini foi visto em público por gente que o conhecia foi naquela tarde, no arcebispado de Milão. Daí por diante viajou só com seus seguidores fiéis e, a partir do momento em que foi recolhido pelos alemães, e depois detido pelos partisans, todos os que lidaram com ele não o conheciam pessoalmente, só o tinham visto em fotografias ou nos filmes de propaganda, e as fotografias dos últimos dois anos o mostravam tão magro e apagado que se comentava (força de expressão) não é mais Ele. Falei daquela última entrevista a Cabella, em 20 de abril, que Mussolini relê e assina no dia 22, lembra? Então, Cabella anota em suas memórias: “Logo observei que Mussolini estava muito bem de saúde, ao contrário do que diziam os boatos. Estava infinitamente melhor que da última vez em que o vi. Foi em dezembro de 1944, por ocasião de seu discurso no Teatro Lírico. Das vezes anteriores em que me recebera, em fevereiro, março e agosto de 44, não tinha me parecido tão saudável como agora. Suas cores eram sadias e bronzeadas; os olhos, vivazes; os movimentos, prontos. Estava até ligeiramente mais gordo. Pelo menos tinha desaparecido aquela magreza que me impressionara tanto em fevereiro do ano anterior, que dava a seu rosto um aspecto descarnado, quase emaciado.” Admitamos que Cabella estivesse fazendo propaganda e quisesse apresentar um Duce que lhe fala no pleno domínio de suas faculdades, mas ouça agora, vamos ler as memórias de Pedro, que relatam seu primeiro encontro com o Duce, depois da prisão: “Sentou-se à direita da porta, perto de uma grande mesa. Se não

soubesse que é ele, talvez não o reconhecesse. Está velho, emaciado, amedrontado. Tem os olhos quase esbugalhados, que não conseguem olhar fixo. Vira a cabeça de um lado para o outro em pequenos solavancos estranhos, olhando em volta como se estivesse com medo...” Tudo bem, tinha acabado de ser preso, lógico que estava com medo, mas tinha se passado apenas uma semana do dia da entrevista, e até poucas horas antes estava convencido de que poderia atravessar a fronteira. Acha que um homem pode emagrecer assim em sete dias? Portanto, o homem que falava com Cabella e o que falava com Pedro não eram a mesma pessoa. Note que nem Valerio conhecia Mussolini pessoalmente, ele que tinha ido fuzilar um mito, um ícone, o homem que ceifava trigo e anunciava a entrada na guerra...

— Então está me dizendo que havia dois Mussolinis...

— Vamos em frente. A notícia da chegada dos fuzilados se espalha pela cidade, e a praça Loreto é invadida por uma multidão entre festiva e enfurecida, que se apinha a tal ponto que pisoteia os cadáveres, desfigurando-os, insultando-os, cuspiendo neles, dando-lhes pontapés. Uma mulher disparou cinco tiros em Mussolini para vingar seus cinco filhos mortos na guerra, outra urinou sobre Claretta. Por fim apareceu alguém que, para evitar que os mortos fossem dilacerados, pendurou-os pelos pés à viga metálica de um posto de gasolina. E é assim que são mostrados pelas fotografias da época, que recortei dos jornais de então, olhe aqui na praça Loreto e logo depois olhe os corpos de Mussolini e Claretta, quando uma brigada de partisans retirou os cadáveres no dia seguinte e os transportou para o necrotério da praça Gorini. Olhe bem estas fotos. São corpos de pessoas com os traços fisionômicos desfigurados, primeiro pelas balas,

depois por um pisoteamento bestial, além disso, você alguma vez viu o rosto de alguém fotografado de cabeça para baixo, com os olhos no lugar da boca e a boca no lugar dos olhos? O rosto fica irreconhecível.

— Então o homem da praça Loreto, o homem morto por Valerio, não era Mussolini. Mas Claretta Petacci, quando se juntou a ele, poderia tê-lo reconhecido...

— A Claretta Petacci voltaremos. Agora me deixe elaborar minha hipótese. Um ditador teria de ter um sósia, e sabe-se lá quantas vezes o usou para alguma parada oficial onde devia passar em carro aberto, sempre visto de longe, para evitar atentados. Agora, imagine que, para possibilitar ao Duce uma fuga sem obstáculos, no momento em que parte para Como, Mussolini já não é Mussolini, mas o sósia.

— E Mussolini está onde?

— Calma, eu chego lá. O sósia viveu durante anos uma vida recolhida, bem pago e cevado, sendo exibido apenas em certas ocasiões. Agora quase se identifica com Mussolini e se deixa convencer a ficar em seu lugar mais uma vez porque, como lhe explicam, mesmo que fosse capturado antes de atravessar a fronteira, ninguém ousaria fazer mal ao Duce. Ele deveria representar o papel sem exagerar, até a chegada dos aliados. Então poderia revelar sua identidade, e não poderia ser acusado de nada, no máximo se safaria com uns meses de campo de concentração. Em contrapartida, um belo pé-de-meia à sua espera num banco da Suíça.

— Mas e os dirigentes que o acompanharam até o fim?

— Os dirigentes aceitaram a encenação para possibilitarem a fuga do chefe que, se conseguisse encontrar os aliados, tentaria salvá-los também. Ou então os mais fanáticos pensam até o fim na resistência, e até eles precisam de uma imagem confiável para inflamar os últimos

desesperados dispostos a lutar. Ou então Mussolini desde o início viajou num carro com dois ou três colaboradores de confiança, e todos os outros dirigentes sempre o viram de longe, com óculos de sol. Não sei, mas não faz muita diferença. É que a hipótese do sósia é a única que explica por que o pseudo-Mussolini evitou mostrar-se à família em Como. Não podia deixar que o segredo da substituição se estendesse a todo o círculo familiar.

— E Claretta Petacci?

— Essa é a história mais patética, ela vai até ele acreditando que se encontrará com ele, com o verdadeiro, e logo é avisada por alguém de que deve fingir que está tomando o sósia pelo verdadeiro Mussolini, para tornar ainda mais verossímil a história. Precisa aguentar até a fronteira, depois poderá ir embora em liberdade.

— Mas toda a cena final, com ela se agarrando a ele, querendo morrer junto?

— Isso foi o que o coronel Valerio contou. Levanto uma hipótese: quando se vê contra o muro o sósia borra as calças e grita que não é Mussolini. Que covarde, pensará Valerio, ele tenta de tudo. E dispara. Claretta Petacci não tinha interesse em confirmar que aquele não era seu amante, e se abraçou a ele para tornar a cena mais verossímil. Não imaginava que Valerio atiraria nela também, mas sabe-se lá, as mulheres são histéricas por natureza, talvez tenha perdido a cabeça, e Valerio não poderia fazer outra coisa senão calar aquela desatinada com uma rajada. Ou então, considere esta outra possibilidade: Valerio naquela altura percebe a troca de pessoas, mas tinha sido enviado para matar Mussolini, ele, o único designado entre todos os italianos, e haveria de renunciar à glória que o esperava? Portanto, ele também entra no jogo. Se um sósia se parece com o original em vida, muito

mais se parecerá quando estiver morto. Quem jamais o desmentiria? O Comitê de Libertação precisava de um cadáver, e o teria. Se um dia o verdadeiro Mussolini aparecesse vivo, seria possível afirmar que o sócia era ele.

— Mas e o verdadeiro Mussolini?

— Essa é a parte da hipótese que ainda preciso aperfeiçoar. Preciso explicar como ele conseguiu escapar e quem o ajudou. Vamos por linhas gerais. Os aliados não querem que Mussolini seja apanhado pelos partisans porque ele pode revelar segredos que os comprometeriam, suponhamos a correspondência com Churchill e sabe-se lá que outro lance. Só essa já seria uma boa razão. Mas, principalmente, com a libertação de Milão tem início a verdadeira Guerra Fria. Não só os russos estão se aproximando de Berlim e já conquistaram meia Europa como também a maioria dos partisans é comunista, está armada até os dentes, portanto para os russos eles constituem uma quinta coluna pronta a lhes entregar a Itália também. Por isso os aliados, ou pelo menos os americanos, precisam preparar uma possível resistência a uma revolução pró-soviética. Para fazerem isso vão precisar usar até os sobreviventes do fascismo. E por acaso não vão salvar os cientistas nazistas, como von Braun, e levá-los aos Estados Unidos para prepararem a conquista do espaço? Os agentes secretos americanos não se apegam a sutilezas. Mussolini, posto em condições de não prejudicar como inimigo, amanhã poderá vir a servir como amigo. Portanto, é preciso contrabandeá-lo para fora da Itália e, como dizer, deixá-lo hibernando durante algum tempo em algum outro lugar.

— E como?

— Santo Deus, quem é que tinha intervindo para que as coisas não fossem levadas ao extremo? O arcebispo de Milão, que certamente agia por orientação do Vaticano. E quem mais ajudou um monte de nazistas e fascistas a fugir para a Argentina? O Vaticano. Agora tente imaginar: na saída do episcopado quem é posto no carro de Mussolini é o sócia, enquanto Mussolini, em outro carro menos vistoso, vai para o Castelo Sforzesco.

— Por que o Castelo?

— Porque do arcebispado ao Castelo, se um carro corta pelo lado da Catedral, atravessa o Cordusio e desemboca na rua Dante, chega ao Castelo em cinco minutos. Mais fácil que ir a Como, não? E o Castelo ainda hoje está cheio de subterrâneos. Alguns são conhecidos e usados como depósito de lixo ou coisa que o valha, outros existiam no fim da guerra e tinham virado abrigos antiaéreos. Ora, muitos documentos dizem que nos séculos passados existiam vários dutos, verdadeiras galerias que iam do Castelo a outros pontos da cidade. Um deles consta que ainda existe, mas seu acesso desapareceu por causa de alguns desmoronamentos, e ele levaria do Castelo ao convento de Santa Maria das Graças. Ali Mussolini fica escondido por alguns dias, enquanto todos o procuram ao norte e depois estraçalham seu sócia na praça Loreto. Assim que as coisas em Milão se acalmam, um carro com placa da Cidade do Vaticano passa para apanhá-lo de madrugada. As estradas na época são o que são, mas de presbitério em presbitério, de convento em convento, finalmente se chega a Roma. Mussolini desaparece dentro dos muros vaticanos, e deixo que você escolha a melhor solução: ou fica ali, quem sabe disfarçado de velho monsenhor doente, ou o embarcam para a

Argentina com passaporte vaticano, como frade enfermiço, misantropo encapuzado, de bastas barbas. E ali ele fica à espera.

— À espera de quê?

— Isso eu digo depois, até agora a minha hipótese para por aqui.

— Mas, para ser desenvolvida, uma hipótese precisa de algumas provas.

— Essas eu acabo tendo qualquer dia desses, depois que tiver terminado de consultar uns arquivos e jornais da época. Amanhã é 25 de abril, data fatídica. Vou me encontrar com alguém que sabe muito sobre aqueles dias. Vou conseguir demonstrar que o cadáver da praça Loreto não era o de Mussolini.

— Mas você não teria de escrever o artigo sobre os velhos prostíbulos?

— Prostíbulo é coisa que sei de cor, escrevo domingo à noite em uma hora. Bom, obrigado por ter me ouvido, eu precisava falar com alguém.

Deixou-me de novo pagar a conta, e no fundo tinha merecido. Saímos, olhou ao redor, e foi embora esgueirando-se junto aos muros, como se temesse ser seguido.

X

Domingo, 3 de maio

Braggadocio era louco. Mas ainda estava para me contar o melhor e me convinha esperar. A história dele talvez fosse inventada, mas era romanesca. Veríamos.

Entretanto, loucura por loucura, eu não tinha esquecido o suposto autismo de Maia. Dizia de mim para mim que queria estudar melhor a psicologia dela, mas agora sei que queria outra coisa. Naquela noite a acompanhei até sua casa e não parei na porta, mas atravessei o pátio com ela. Debaixo de um cobertinho havia um Fiat 500 vermelho, bem maltratado.

— É meu Jaguar — disse Maia. — Deve ter quase vinte anos, mas ainda anda, é só fazer revisão uma vez por ano, e aqui perto há um mecânico que ainda tem as peças. Para ele ficar totalmente em ordem seria preciso um dinheirão, mas daqui a pouco vira antiguidade e pode ser vendido a preço de colecionador. Eu uso só para ir ao lago de Orta. Você não sabe, mas recebi uma herança. Minha avó me deixou uma casinha no alto das colinas, pouco mais que uma cabana, se eu vendesse não ia pegar grande coisa, mas fui mobiliando aos poucos, tem lareira, um televisor ainda em branco e preto, e da janela dá para

avistar o lago e a ilha de San Giulio. É o meu *buen retiro*, ali eu passo quase todos os fins de semana. Aliás, gostaria de ir comigo domingo? Podemos sair bem cedinho, eu te preparo um almocinho ao meio-dia (não cozinho mal) e na hora do jantar já estamos de volta a Milão.

No domingo de manhã, enquanto íamos de carro, a certa altura Maia, que estava dirigindo, observou:

— Viu? Agora está caindo aos pedaços, mas faz alguns anos era de um vermelho-tijolo lindo.

— O quê?

— Ora, a casa do cantoneiro, acabamos de passar por ela à esquerda.

— Caramba, se estava à esquerda só você podia ver, eu daqui só vejo o que está à direita. Nesta caixa de fósforos, para enxergar o que está à sua esquerda, eu precisaria passar por cima de você e pôr a cabeça para fora da janela. Mas que diacho, você percebe que eu não podia ver aquela casa?

— Tá — disse ela, como se eu fosse um excêntrico.

Nesse momento precisei fazê-la entender qual era o seu defeito.

— Que é isso! — respondeu rindo. — É que agora eu te sinto como meu lorde protetor e por confiança acho que você está sempre pensando o que eu penso.

Aquilo me deixou perturbado. Eu não queria mesmo que ela achasse que eu pensava o que ela pensava. Era uma coisa íntima demais.

Mas ao mesmo tempo fui tomado por uma espécie de ternura. Sentia que Maia era indefesa, a ponto de se refugiar num mundo interior só seu, sem querer enxergar o que acontecia no mundo dos

outros, que talvez a tivesse ferido. No entanto, se era assim, a mim é que inspirava confiança e, não podendo ou talvez não querendo entrar no meu mundo, fantasiava que eu podia entrar no dela.

Quando entramos na casinha eu estava sem jeito. Graciosa, apesar de espartana. Era um maio ainda imaturo e ali no alto ainda estava fresco. Ela foi acender a lareira e, assim que as chamas se avivaram, levantou-se e me olhou feliz, com o rosto ainda avermelhado pelas primeiras labaredas:

— Estou... contente — disse, e aquele contentamento me conquistou.

— Estou... contente também — disse eu.

Depois a peguei pelos ombros e, quase sem perceber, a beijei e a senti estreitar-se a mim, magra como um pardal. Mas Braggadocio estava errado: peitos ela tinha, e eu os sentia, pequenos, mas rijos. Cântico dos Cânticos: como dois filhotes gêmeos de gazela.

— Estou contente — repetiu.

Tentei a última resistência:

— Você sabe que eu poderia ser seu pai?

— Que lindo incesto — disse ela.

Sentou-se na cama e, com um movimento de ponta e calcanhar, fez voar longe os sapatos. Talvez Braggadocio tivesse razão, era doida, mas com aquele gesto me rendeu.

Pulamos o almoço. Ficamos na cama até a noite e nem nos passou pela cabeça voltar a Milão. Eu estava enredado. Parecia que eu tinha vinte anos, ou pelo menos só trinta, como ela.

— Maia — disse-lhe eu na manhã seguinte, no caminho de volta —, precisamos continuar trabalhando com Simei até eu juntar um pouco de dinheiro, depois te tiro daquela podridão. Aguarde um pouco mais. Depois veremos, quem sabe vamos para as ilhas do sul.

— Não acredito, mas é bom pensar que sim, Tusitala. Por enquanto, se você ficar perto de mim, suporto até Simei e faço horóscopos.

XI

Sexta-feira, 8 de maio

Na manhã de 5 de maio Simei parecia entusiasmado.

— Tenho uma incumbência para um dos senhores, digamos Palatino, que agora está livre. Devem ter lido que nos últimos meses (portanto, a notícia era nova em fevereiro) um magistrado de Rimini começou uma investigação sobre a administração de algumas casas de repouso para idosos. Furo de reportagem, depois do caso do Pio Albergo Trivulzio. Nenhuma dessas casas pertence ao nosso editor, mas, como devem saber, ele possui outras casas de repouso, também na costa do Adriático. Imaginem só se algum dia esse magistrado de Rimini resolve meter o nariz nos negócios do Comendador também. Portanto, o nosso editor vai ficar satisfeito de ver que se pode lançar uma sombra de suspeita sobre um juiz intrometido. Percebam que hoje, para contra-atacar uma acusação não é necessário provar o contrário, basta deslegitimar o acusador. Portanto, aqui está o nome e o sobrenome do sujeito, e Palatino dá um pulo em Rimini, com um gravador e uma máquina fotográfica. Siga esse íntegro servidor do Estado, ninguém nunca é cem por cento íntegro, mesmo que não seja pedófilo, não tenha matado a avó, nem embolsado propinas, terá feito

alguma coisa estranha. Ou então, se me permitem a expressão, estranhifica-se aquilo que ele faz todos os dias. Palatino, use a imaginação. Entendido?

Três dias depois Palatino voltou com notícias bem saborosas. Tinha fotografado o magistrado sentado num banco de jardim, fumando nervoso um cigarro atrás do outro, com umas dez guimbas no chão. Palatino não sabia se a coisa podia ser interessante, mas Simei disse que sim, um homem de quem esperamos ponderação e objetividade dava a impressão de ser um neurótico e, além disso, um ocioso que, em vez de ralar em cima de documentos, fica perdendo tempo na rua. Palatino também o tinha fotografado através do vidro de um restaurante chinês, comendo. Com pauzinhos.

— Esplêndido — disse Simei —, nosso leitor não frequenta restaurantes chineses, onde ele mora nem deve haver nenhum, e ele nunca ia sonhar em comer com pauzinhos como um selvagem. Por que esse cara frequenta ambientes chineses?, perguntará o leitor. Se é um magistrado sério, por que não come espaguete como todos?

— E não era só isso — acrescentou Palatino —, ele também usava meias de cor, como dizer, esmeralda, ou verde-ervilha, e calçava tênis.

— *El purtava i scarp del tennis!* E meias cor de esmeralda! — disse Simei exultante. — Esse cara é um dândi, ou um paz e amor, como se dizia antigamente. Não é difícil imaginar que também fume uns baseados. Mas isso não se diz, o leitor é que deve chegar aí. Trabalhe com esses elementos, Palatino, tire daí um retrato cheio de tons escuros, e o homem é enquadrado como se deve. De uma “não notícia” cavamos uma notícia. E sem mentir. Acho que o Comendador vai ficar satisfeito com o senhor. E com todos nós, claro.

Lucidi interveio:

— Um jornal sério precisa ter dossiês.

— Em que sentido? — perguntou Simei.

— Como os necrológios antecipados. Um jornal não pode entrar em crise só porque às dez da noite chega a notícia da morte de uma pessoa importante e ninguém está em condições de montar um necrológio com informações suficientes em meia hora. Para isso são preparadas dezenas e dezenas de necrológios antecipados, de modo que, quando o sujeito morre de repente, você já tem o necrológio feito, só falta atualizar com a hora da morte.

— Mas nós não precisamos fazer os nossos números zero de um dia para o outro. Se fizermos um número em determinada data, é só ir ver nos jornais daquele dia e já teremos o necrológio antecipado — disse eu.

— Além do mais, vamos usar isso apenas no caso, sei lá, da morte de um ministro ou de um grande industrial — comentou Simei —, e não de um poetastro qualquer, de quem os nossos leitores nunca ouviram falar. Esses servem para ocupar as páginas culturais onde os grandes jornais precisam pôr todo dia notícias e comentários que não têm nada de essencial.

— Eu insisto — disse Lucidi —, os necrológios antecipados eram só um exemplo, mas os dossiês são importantes, para ter todas as indiscrições possíveis sobre alguém, e elas vão servir para vários tipos de artigo. Evitam ter de ir fazer pesquisas no último minuto.

— Entendo — disse Simei —, mas são luxos de grandes diários. Dossiê implica uma montanha de pesquisas, e eu não posso empregar nenhum dos senhores na compilação de dossiês todo santo dia.

— Nada disso — sorriu Lucidi. — A compilação de um dossiê pode ser feita até por um estudante universitário que em troca de uns

caraminguás faz o giro das hemerotecas. O senhor acha que os dossiês, já nem digo dos jornais, mas até dos serviços secretos, contêm notícias inéditas? Nem os serviços secretos podem desperdiçar tempo assim. Um dossiê contém recortes, artigos de jornais, onde se diz aquilo que é sabido por todos, menos pelo ministro ou pelo líder da oposição aos quais se destina o dossiê, que nunca tiveram tempo de ler jornais e consideram essas coisas como segredos de Estado. Os dossiês contêm notícias esparsas que a pessoa interessada deve elaborar de tal modo que consiga fazer brotar suspeitas e alusões. Um trecho diz que Fulano foi multado anos atrás por excesso de velocidade, outro diz que no mês anterior ele visitou um acampamento de escoteiros, outro que ontem mesmo foi visto numa danceteria. Pode-se muito bem partir daí para sugerir que se trata de um imprudente que transgride o código de trânsito para ir a lugares onde se bebe, e que provavelmente (digo provavelmente, mas é evidentemente) gosta de rapazinhos. O suficiente para desacreditá-lo. E dizendo só a pura verdade. Além disso, a força do dossiê está no fato de que ele nem precisa ser mostrado: basta espalhar o boato de que ele existe e contém notícias, digamos, interessantes. O Fulano acaba sabendo que você tem notícias sobre ele, não sabe quais, mas todo mundo tem algum esqueleto no armário e cai na armadilha: experimente pedir alguma coisa a ele, e ele vai estar bem mais maneiro.

— Esse negócio de dossiê é bom — observou Simei. — Nosso editor iria ficar contente de ter instrumentos para manter sob controle gente que não gosta dele, ou de quem ele não gosta. Colonna, por gentileza, monte uma lista de pessoas com quem o nosso editor pode ter de se haver, encontre um universitário reprovado e sem dinheiro e

faça-o preparar uma dúzia de dossiês, que por enquanto serão suficientes. Parece-me uma ótima iniciativa, e barata.

— É assim que se faz em política — concluiu Lucidi, com ar de quem sabe como o mundo funciona.

— Ei, senhorita Fresia — disse Simei com um sorriso maroto —, não faça essa cara escandalizada. Acha que os seus jornais de fofoca não têm seus dossiês? Podem ter mandado a senhora fotografar dois atores, ou uma assistente de animador de televisão com um jogador de futebol, que aceitaram ficar de mãos dadas, mas, para eles não reclamarem, o diretor do seu jornal já tinha avisado que desse jeito poderiam evitar a divulgação de notícias mais íntimas, como, por exemplo, que a garota, uns anos antes, tinha sido vista num *rendez-vous*.

Olhando para Maia, Lucidi, que talvez tivesse coração, decidiu mudar de assunto.

— Hoje eu tinha vindo com outras notícias, naturalmente extraídas dos meus dossiês pessoais. Em 5 de junho de 1990 o marquês Alessandro Gerini deixa um grande patrimônio para a fundação Gerini, instituição eclesiástica sob controle da Congregação Salesiana. Até hoje não se sabe que fim levou esse dinheiro. Há quem insinue que foi recebido pelos salesianos, e que eles estão fazendo de conta que não, por razões fiscais. O mais provável é que não tenham recebido ainda, e corre um boato de que a cessão depende de um mediador misterioso, talvez um advogado, mas ele teria pretensões a uma comissão que tem toda a cara de verdadeira propina. Outros boatos dizem que essa operação também estaria sendo favorecida por certos círculos internos dos salesianos, portanto estaríamos diante de

uma divisão ilegal do butim. Por enquanto são apenas boatos, mas posso tentar fazer alguma outra pessoa falar.

— Tente, tente — disse Simei —, mas não crie conflitos com os salesianos e com o Vaticano. Eventualmente o artigo pode ter como título *Salesianos vítimas de logro*, com ponto de interrogação. Assim não criamos desavenças com eles.

— E se puséssemos *Salesianos no olho do furacão*? — perguntou Cambria, inoportuno como sempre.

Atalhei com severidade:

— Achei que tinha sido claro. No olho do furacão para nossos leitores quer dizer no meio dos problemas, e alguém pode estar no meio de problemas por sua própria culpa também.

— De fato — disse Simei. — Temos de nos limitar a divulgar suspeitas genéricas. Alguém aí está querendo levar vantagem e, mesmo que a gente não saiba quem é, o certo é que vamos amedrontá-lo. Isso já basta. Depois vamos faturar, ou melhor, o nosso editor vai faturar, na hora certa. Muito bem, Lucidi, vá em frente. O máximo respeito com os salesianos, não se esqueça, mas que também eles se preocupem um pouco, mal não fará.

— Com licença — perguntou timidamente Maia —, mas o nosso editor aprova ou aprovará essa política, digamos, dossierística e de insinuações? Estou perguntando só para saber.

— Não precisamos prestar contas de nossas escolhas jornalísticas ao editor — reagiu Simei irritado. — O Comendador nunca tentou me influenciar de modo algum. Ao trabalho, ao trabalho.

Naquele dia também tive uma conversa particularíssima com Simei. Claro que eu não tinha esquecido as razões pelas quais estava

ali e já tinha traçado o rascunho de alguns capítulos do livro *Amanhã: ontem*. Falava mais ou menos das reuniões da redação que houvera, mas invertendo os papéis, ou então mostrando um Simei pronto a enfrentar qualquer denúncia, mesmo que os colaboradores lhe aconselhassem prudência. Pensava até em acrescentar um derradeiro capítulo no qual um alto prelado próximo aos salesianos lhe dava um telefonema melífluo, convidando-o a não cuidar do malfadado caso do marquês Gerini. Para não falar de outros telefonemas em que o tinham avisado amigavelmente de que não era bom jogar lama no Pio Albergo Trivulzio. Mas Simei respondera como Humphrey Bogart naquele filme, é a imprensa, *baby*, e não há nada que você possa fazer.

— Magnífico — comentou Simei entusiasmadíssimo —, o senhor é um colaborador precioso, Colonna, vamos continuar nesse tom.

Naturalmente me senti mais humilhado que Maia, que precisava fazer horóscopos, mas por enquanto eu estava na dança e precisava dançar. Também em vista dos mares do sul, fossem onde fossem. Mesmo que só em Loano — que para um perdedor podia ser bastante.

XII

Segunda-feira, 11 de maio

Na segunda-feira seguinte Simei nos convocou:

— Costanza, no seu artigo sobre as prostitutas há expressões como fazer zona, emputecido, porra-louquice, e aparece uma quenga dizendo vai tomar no cu.

— Mas é assim — protestou Costanza. — Hoje todo mundo fala palavrão, mesmo na televisão, e até as madames dizem caralho.

— O que a alta sociedade faz não nos interessa. Precisamos pensar em leitores que ainda têm medo de palavrões. Usar circunloquções. Colonna?

Entrei na conversa:

— Dá perfeitamente para dizer grande confusão, com raiva, doidice e vá para aquele lugar.

— Vai saber o que elas fazem naquele lugar — disse Braggadocio, com um sorrisinho.

— O que elas fazem naquele lugar é coisa que não devemos dizer — replicou Simei.

Em seguida tratamos de outra coisa. Uma hora depois, terminada a reunião, Maia veio falar em particular comigo e com Braggadocio:

— *Não interfiro* mais porque estou sempre errando, mas seria legal publicar um manual de substituições.

— Substituições de quê? — perguntou Braggadocio.

— Ora, de palavrões, aquilo de que a gente estava falando.

— A gente estava falando disso uma hora atrás! — irritou-se Braggadocio, olhando-me como para dizer “olha só, essa aí está sempre fazendo isso”.

— Calma — disse-lhe eu em tom conciliador —, se ela continuou pensando no assunto... Vamos, Maia, revele os seus pensamentos mais recônditos.

— Quero dizer, seria legal sugerir que, em vez de dizer caralho, toda vez que alguém quisesse exprimir surpresa ou decepção, deveria dizer: “Oh, órgão externo do sistema geniturinário masculino em forma de apêndice cilíndrico inserido na parte anterior do períneo, bateram minha carteira!”

— Mas ela é louca de pedra — reagiu Braggadocio. — Colonna, você poderia vir até a minha mesa, quero mostrar uma coisa?

Afastei-me com Braggadocio, piscando para Maia, cujos autismos, se é que assim eram, me deixavam cada vez mais encantado.

Todos tinham saído, escurecia, e à luz de um abajur Braggadocio espalhava uma série de fotocópias.

— Colonna — começou, pondo os braços em torno da sua papelada, como se quisesse subtraí-la ao olhar de qualquer outra pessoa —, olhe estes documentos que encontrei em arquivos. No dia

seguinte à exposição na praça Loreto, o cadáver de Mussolini é transferido para o instituto médico-legal da universidade, para autópsia, e aqui está o laudo médico. Leia, *Instituto de Medicina Legal e Seguros da Régia Universidade de Milão, professor Mario Cattabeni, Laudo da autópsia no 7.241 realizada em 30 de abril de 1945 no cadáver de Benito Mussolini, falecido em 28 de abril de 1945. O corpo foi preparado na mesa anatômica sendo-lhe retiradas as roupas. Pesa*

72 kg. A estatura só pode ser medida aproximativamente em 1,66 m, devido à conspícua transformação traumática da cabeça. O rosto está desfigurado por complexas lesões provocadas por arma de fogo e armas contundentes, que tornam quase irreconhecíveis os traços fisionômicos. Não são realizados levantamentos antropométricos da cabeça por estar deformada por fratura cominutiva do esqueleto craniofacial... Pulamos: Cabeça, deformada por esfacelamento esquelético completo, com profunda depressão de toda a região parieto-occipital esquerda e afundamento da região orbital do mesmo lado, onde o globo ocular mostra-se flácido e lacerado com saída completa do humor vítreo; o corpo adiposo da órbita, vastamente descoberto por ampla laceração, não tem infiltração hemorrágica. Na região frontal mediana e na parte parietofrontal esquerda, duas vastas soluções de continuidade lineares do couro cabeludo, com margens laceradas e comprimento de cerca de 6 cm cada, deixando o crânio à mostra. Na região occipital, à direita da linha mediana, duas perfurações próximas com bordas evertidas, irregulares, e diâmetro máximo de cerca de 2 cm sobre as quais aflora massa encefálica

espapaçada sem evidências de infiltração hemorrágica. Está percebendo? Massa encefálica espapaçada!

Braggadocio quase suave, suas mãos tremiam, o lábio inferior estava perolado de gotículas de saliva, era a expressão de um guloso excitado que farejasse miolo frito ou um belo prato de bucho, um goulash. E continuava.

— Na nuca, pouco distante da direita da linha mediana, ampla perfuração lacerada com diâmetro de quase 3 cm, com bordos evertidos sem infiltração hemorrágica. Na região temporal direita, duas perfurações próximas, arredondadas, com bordos finamente lacerados sem infiltração hemorrágica. Na região temporal esquerda ampla abertura lacerada com bordos evertidos e afloramento de massa encefálica espapaçada. Vasta perfuração de saída na concha da orelha esquerda: estas duas últimas lesões também têm o típico aspecto de lesões post mortem. Na raiz do nariz pequena perfuração lacerada com fragmentos ósseos cominutivos evertidos, com pequenas infiltrações hemorrágicas. Na bochecha direita um grupo de três perfurações seguidas por um canal que se aprofunda posteriormente, com leve obliquidade posterior e leve obliquidade superior, com bordas afuniladas para dentro, sem infiltrações hemorrágicas. Fratura cominutiva do maxilar superior com vastas lacerações das partes moles e esqueléticas da abóbada palatina com caráter de lesão post mortem. Vou pular aqui também, porque são considerações sobre a posição dos ferimentos, e não nos interessa saber como e onde foram dados os tiros, basta saber que foram dados. O osso do crânio apresenta fraturas cominutivas com delimitação de numerosos fragmentos móveis retirados, com o que se tem acesso direto à

cavidade craniana. É normal a espessura da calota óssea. A dura-máter mostra-se afrouxada com amplas lacerações na metade anterior: nenhum vestígio de derrame hemorrágico epi ou hipodural. A retirada do encéfalo não pode ser realizada na sua totalidade porque cerebelo, ponte, mesencéfalo e uma parte inferior dos lobos encefálicos mostram-se espapaçados, mas sem vestígios de infiltração hemorrágica...

Repetia toda vez *espapaçados*, de que o professor Cattabeni usava e abusava — certamente impressionado pelo espapaçamento daquele cadáver —, e repetia com uma espécie de volúpia, às vezes *parecendo dizer três p* em vez de dois. Aquilo me lembrava Dario Fo e seu *Mistero Buffo*, em que um camponês imagina que se sacia de um alimento com que sempre sonhou.

— *Vamos em frente. Só está íntegra a maior parte das convexidades hemisféricas, o corpo caloso e parte da base do encéfalo: as artérias da base encefálica são identificáveis apenas em parte entre os fragmentos móveis de fratura cominutiva de toda a base do crânio e em parte ainda ligadas à massa encefálica: os troncos assim identificados, entre os quais as artérias cerebrais anteriores, mostram-se como paredes sãs...* E você acha que um médico, que, aliás, estava convicto de ter diante de si o corpo do Duce, tinha condições de entender de quem era aquele amontoado de carnes e ossos esbagaçados? E como podia trabalhar com serenidade num salão onde (como escreveram) entrava e saía gente, jornalistas, partisans, curiosos exaltados? Onde outras pessoas falaram de vísceras largadas num canto da mesa, e de dois enfermeiros jogando pingue-pongue com aquelas entranhas, atirando-se pedaços de fígado ou de pulmão?

Enquanto falava, Braggadocio parecia um gato que tivesse pulado furtivamente sobre o balcão do açougue — se tivesse bigodes, eles se mostrariam tesos e vibráteis...

— E, se você continuar lendo, vai ver que no estômago não foi encontrado nenhum vestígio de úlcera, ao passo que todos sabemos que Mussolini sofria de úlcera, e nem se fala em vestígio de sífilis, e no entanto era voz corrente que o defunto era sifilítico em estágio avançado. Note também que Georg Zachariae, o médico alemão que tinha tratado do Duce em Salò, pouco depois testemunharia que seu paciente tinha pressão baixa, anemia, fígado aumentado, cólicas estomacais, contração intestinal e constipação aguda. Em vez disso, segundo a autópsia, tudo estava em ordem, fígado com volume e aspecto regulares tanto na superfície quanto no corte, vias biliares sãs, rins e suprarrenais íntegros, vias urinárias e genitais normais. Nota final: *o encéfalo, retirado nas partes remanescentes, foi posto em formol para subsequente exame anatômico e histopatológico, um fragmento de córtex foi cedido, a pedido da Divisão Sanitária do Comando do V Exército (Calvin S. Drayer), ao Dr. Winfred H. Overholser do Hospital Psiquiátrico de S. Elisabeth em Washington.* Câmbio e desligo.

Lia e degustava cada linha como se estivesse diante do cadáver, como se o tocasse, como se estivesse na taverna Moriggi e, em vez de babar por um pernil com chucrute, babasse em cima daquela órbita em que o globo ocular aparecia flácido e lacerado com saída completa do humor vítreo, como se degustasse ponte, mesencéfalo, parte inferior dos lobos encefálicos, como se exultasse com aquele afloramento de massa encefálica quase liquefeita.

Eu estava enjoado, mas, não posso negar, fascinado por ele e pelo corpo atormentado sobre o qual ele exultava, assim como nos romances do século XIX as pessoas eram hipnotizadas pelo olhar da serpente. Para pôr fim à sua exaltação, comentei:

— É a autópsia de sabe-se lá quem.

— Exato. Veja que a minha hipótese estava correta: o corpo de Mussolini não era de Mussolini, e em todo caso ninguém podia jurar que era o dele. Agora posso ficar tranquilo quanto ao que aconteceu entre os dias 25 e 30 de abril.

Naquela noite senti realmente necessidade de me purificar ao lado de Maia. E, para separar a imagem dela daquelas da redação, decidi contar-lhe a verdade, ou seja, que o *Amanhã* nunca sairia.

— Melhor assim — disse Maia —, não vou ficar mais me atormentando com o futuro. Vamos aguentar alguns meses, ganhar esse dinheiro, pouco, vil, mas que venha logo. Depois, mares do sul.

XIII

Fim de maio

Minha vida agora navegava em duas águas. Durante o dia, a vida humilhante da redação, à noite, o apartamentozinho de Maia, às vezes o meu. Aos sábados e domingos, Orta. As noites nos compensavam a ambos dos dias passados com Simeí. Maia tinha desistido de fazer propostas que seriam rejeitadas e limitava-se a fazê-las comigo, por diversão ou por consolo.

Uma noite me mostrou um livrinho de anúncios de classificados da seção “Encontros Pessoais”.

— Ouça que bonitinhos — disse —, mas eu gostaria de publicar com a respectiva interpretação.

— Em que sentido?

— Escute: *Olá, sou Samantha, tenho 29 anos, formada, do lar, separada, sem filhos, à procura de homem simpático, mas principalmente sociável e alegre.* Interpretação: Estou na casa dos trinta e, depois que meu marido me largou, aquele diploma de contadora que eu conquistei a duras penas não me rendeu nenhum emprego, e agora fico em casa o dia todo de papo para o ar (não tenho nem pimpolhos para cuidar); estou procurando um homem,

nem precisa ser bonito, desde que não me trate aos bofetões como aquele desgraçado com quem me casei. Ou então: *Carolina, 33 anos, solteira, curso superior completo, empresária, finíssimo trato, morena, alta e magra, segura de si e sincera, apaixonada por esportes, cinema, teatro, viagens, leitura, dança, aberta a eventuais novos interesses, gostaria de conhecer homem atraente e com personalidade, culto e de boa posição, profissional liberal, funcionário ou militar, máx. 60 anos para fins matrimoniais.* Interpretação: Com trinta e três anos ainda não encontrei nenhum pé de chinelo, talvez por ser magra como um bacalhau e não conseguir ficar loira, mas estou tentando *não pensar* nisso; com muito custo me formei em Letras, mas nunca passei em nenhum concurso, por isso montei uma officinazinha onde três albaneses trabalham para mim sem registro, na produção de meias para vender em feiras livres; não sei muito bem do que gosto, vejo um pouco de tevê, vou ao cinema ou ao teatro paroquial com uma amiga, leio jornal, principalmente para ver anúncios de classificados de encontros pessoais, gostaria de dançar, mas ninguém me leva ao baile, e, contanto que encontre um traste para casar, estou pronta a me apaixonar por qualquer outra coisa, mas ele precisa ter algum dinheiro para que eu possa me livrar das meias e dos albaneses; aceito até velho, se possível contabilista, mas fico também com algum empregado da prefeitura ou um sargento dos carabineiros. Outro: *Patrizia, 42 anos, solteira, comerciante, morena, alta e magra, meiga e sensível, deseja conhecer um homem leal, bom e sincero, não importa seu estado civil, desde que tenha entusiasmo.* Interpretação: Putz, com quarenta e dois anos (e não me digam que, se me chamo Patrizia, devo ter quase cinquenta como todas que têm esse nome) ainda não consegui arranjar marido e

vou levando a vida com a mercearia que herdei de minha pobre mãe, sou um pouco anoréxica e fundamentalmente neurótica; será que existe algum homem que me leve para a cama, não importa se é casado, desde que tenha as devidas vontades? Também: *Ainda tenho esperança de encontrar uma mulher capaz de amar realmente, sou solteiro, bancário, 29 anos, acredito ter boa aparência e um caráter impetuoso, procuro moça bonita, séria e culta que saiba me envolver numa esplêndida história de amor.* Interpretação: Não consigo pegar mulher nenhuma, e as poucas que achei eram burras e só queriam casamento, imaginem se com a miséria que ganho vou conseguir sustentar mulher; depois dizem que tenho um caráter impetuoso porque as mando tomar naquele lugar; pois bem, não sou de jogar fora, será que existe algum pau de virar tripa que pelo menos não fale “nós vai” e tope dar umas boas trepadas sem exigir demais? Também encontrei um anúncio fabuloso que não é de encontros pessoais: *Associação teatral procura atores, figurantes, maquiadora, diretor e figurinista para a próxima temporada.* O público, pelo menos, será que eles põem?

Maia estava de fato sendo desperdiçada no *Amanhã*:

— Você não vai querer que o Simei publique coisa desse tipo? No máximo ele pode aceitar os anúncios, mas não as interpretações!

— Eu sei, eu sei, mas não é proibido sonhar.

Depois, antes de pegar no sono, me disse:

— Você, que sabe tudo, sabe por que se diz *perdere la Trebisonda e andare in cimballi* para dizer perder o norte e estar meio bêbado?

— Não, não sei, isso é coisa que se pergunte à meia-noite?

— Mas eu sei, ou melhor, li no outro dia. Existem duas explicações, uma é que, como Trebisonda era o maior porto no mar

Negro, para os mercadores, perder a rota de Trebisonda significava perder o dinheiro investido na viagem. A outra, que me parece mais provável, é que Trebisonda era um ponto de referência visual para os navios, e quem perdesse esse ponto perdia a orientação, ou o norte, ou a tramontana. Quanto a *andare in cimballi*, que em geral se usa para a bebedeira, o dicionário etimológico diz que originalmente significava ser alegre em demasia, e já era usado por Aretino e deriva do Salmo 150, *in cymbalis bene sonantibus*.

— Nas mãos de quem eu fui cair. Com toda essa curiosidade, como você conseguiu trabalhar tantos anos com amizades coloridas?

— Por dinheiro, maldito dinheiro. Acontece com quem é fracassado.

Encostou-se bem em mim e disse:

— Mas agora sou menos fracassada que antes porque ganhei você na loteria.

O que se deve dizer a uma destrambelhada desse tipo, a não ser fazer amor de novo? E, fazendo, eu me sentia quase um vencedor.

Na noite de 23 não vimos tevê e só no dia seguinte lemos nos jornais notícias do atentado contra Giovanni Falcone. Ficamos consternados, e de manhã os outros também estavam um tanto quanto perturbados na redação.

Costanza perguntou a Simei se não devíamos fazer um número sobre aquele caso.

— Vamos raciocinar — respondeu Simei hesitante. — Se falarmos da morte de Falcone vamos precisar falar de máfia, lamentar a ineficiência das forças da ordem e coisas do tipo. De uma só vez pomos contra nós a polícia, os carabinieri e a Cosa Nostra. Não sei

se tudo isso vai agradar o Comendador. Quando fizermos um jornal de verdade, se um magistrado for mandado pelos ares, com certeza teremos de falar do assunto, mas falando cedo vamos correr o risco de aventar hipóteses que em poucos dias seriam desmentidas. Risco que os jornais de verdade precisam correr, mas por que nós? Em geral, até para um jornal de verdade, a solução mais prudente é ir para o lado do sentimental, entrevistar os parentes. Se prestarem atenção, é isso o que os telejornais fazem, quando vão bater na porta da mãe cujo filho de dez anos foi posto no ácido: o que a senhora sentiu com a morte do seu filho? Os olhos das pessoas se enchem de lágrimas e elas ficam satisfeitas. Existe uma ótima palavra alemã, *Schadenfreude*, satisfação pessoal com a infelicidade alheia. É esse sentimento que o jornal deve respeitar e alimentar. Mas por enquanto não somos obrigados a cuidar dessas misérias, e a indignação fica para os jornais de esquerda, que são especializados nisso. Além disso não é uma notícia tão empolgante. Mataram uns magistrados e matarão outros. Ainda teremos boas oportunidades. Por ora adiamos.

Com essa segunda eliminação de Falcão, passamos a cuidar de coisas mais sérias.

Mais tarde Braggadocio se aproximou de mim e me cutucou:

— Você viu? Deve ter entendido que esse caso também confirma a minha história.

— Que diabo tem uma coisa com a outra?

— Que diabo ainda não sei, mas que deve ter, deve. Tudo tem sempre a ver com tudo, quando a gente sabe ler os sinais. Só me dê tempo.

XIV

Quarta-feira, 27 de maio

Certa manhã, Maia disse ao acordar:

— Não gosto muito dele, não.

Eu já estava preparado para o jogo de suas sinapses.

— Está falando de Braggadocio — disse eu.

— Claro, de quem mais?

Depois, como se tivesse pensado melhor:

— Como é que você conseguiu entender?

— Queridinha, como diria Simei, nós conhecemos juntos seis pessoas, pensei em quem foi mais mal-educado com você e caí em Braggadocio.

— Mas eu poderia ter pensado, sei lá, no presidente Cossiga.

— Mas não pensou, pensou em Braggadocio. Em suma, uma vez pelo menos capto no ar o que você está pensando, por que tenta complicar as coisas?

— Está vendo como já começa a pensar o que eu estou pensando?

Maldição, ela tinha razão.

— Bicha — disse naquela manhã Simei durante a reunião diária.
— Bicha é assunto que sempre atrai.

— Já não se diz bicha — arriscou Maia. — É gay. Ou não?

— Eu sei, eu sei, queridinha — reagiu Simei contrariado —, mas os nossos leitores ainda dizem bicha, ou pelo menos pensam bicha porque para eles faz sentido usar essa palavra. Eu sei que agora não se diz preto, mas negro, não se diz cego, mas deficiente visual. Mas negro é sempre negro, e um deficiente visual não enxerga um palmo à frente do nariz, coitadinho. Não tenho nada contra os bichas, é como os pretos, adoro todos, desde que fiquem em suas casas.

— Mas então por que precisamos falar dos gays, se os nossos leitores têm aversão a eles?

— Não estou pensando nos bichas em geral, queridinha, sou a favor da liberdade, cada um que faça da sua vida o que quiser. Mas eles estão na política, no Parlamento e até no governo. As pessoas acham que só escritores e dançarinos são bichas, mas alguns deles nos comandam e nem percebemos. São uma máfia e se ajudam entre si. E a isso os nossos leitores podem ser sensíveis.

Maia não desistiu:

— Mas as coisas estão mudando, talvez daqui a uns dez anos um gay possa dizer que é gay e para os outros tanto faz como tanto fez.

— Daqui a uns dez anos, aconteça o que acontecer, todos sabemos que os costumes vão degenerar. Mas por enquanto o nosso leitor é sensível ao assunto. Lucidi, o senhor, que tem tantas fontes interessantes, o que poderia dizer sobre os bichas na política; mas, atenção, sem dar nomes, aqui ninguém quer acabar na Justiça, trata-se só de agitar a ideia, o fantasma, provocar calafrios, sensação de desconforto...

Lucidi disse:

— Se quiser, posso dar muitos nomes. Mas se a questão, como diz o senhor, é provocar calafrios, a gente poderia falar, como voz corrente, de certa livraria em Roma, onde os homossexuais de categoria se encontram, sem que ninguém note, porque o ambiente é frequentado, na maioria, por gente normalíssima. E para alguns também é um lugar onde se pode receber um papelote de cocaína; você pega um livro, entrega no caixa, o cara pega o livro para fazer o embrulho e enfia o papelote. Sabe-se de... bom, deixa pra lá, um sujeito que foi até ministro, que é homossexual e costuma cafungar. Todo mundo sabe do lugar, ou melhor, quem sabe é o pessoal importante, porque ali não aparece veado proleta, muito menos bailarino, que daria na vista com seus requebros.

— Ótimo falar de voz corrente, mas com alguns detalhes picantes, como se fosse só uma matéria com fundo sociológico. Mas há também um modo de sugerir nomes. Por exemplo, dizer que o lugar é absolutamente respeitável por ser frequentado por gente muito boa, e aí saem sete ou oito nomes de escritores, jornalistas e senadores acima de qualquer suspeita. Só que entre os nomes também estão um ou dois que são bichas. Ninguém vai poder dizer que nós estamos caluniando alguém, porque aqueles nomes aparecem exatamente como exemplo de pessoas idôneas. Aliás, inclua algum que seja conhecido como mulherengo de carteirinha, de quem se conheça até o nome da amante. Assim, estaremos enviando uma mensagem codificada, quem quiser entender que entenda, alguém vai perceber que, se quiséssemos, poderíamos escrever muito mais.

Maia estava transtornada, dava para perceber, mas todos estavam entusiasmados com a ideia e, conhecendo Lucidi como conheciam,

esperavam uma bela matéria cheia de veneno.

Maia saiu antes dos outros, fazendo-me um sinal como que para dizer desculpe, esta noite preciso ficar sozinha, vou pegar no sono com um Stilnox. Assim, caí nas garras de Braggadocio, que continuou contando suas histórias enquanto passeávamos e, que coincidência, chegávamos à rua Bagnera, como se a soturnidade do lugar combinasse com a natureza funérea da sua narrativa.

— Escute só, agora estou esbarrando numa série de acontecimentos que poderiam contradizer a minha hipótese, mas você vai ver que não é bem assim. Então Mussolini, reduzido a um monte de miúdos, é costurado de qualquer jeito e enterrado com Claretta e companhia no cemitério de Musocco, mas em túmulo anônimo, para ninguém ir lá fazer peregrinações saudosistas. Devia ser esse o desejo de quem arranjou a fuga do verdadeiro Mussolini, ou seja, que não se falasse demais de sua morte. É claro que não se podia criar o mito do Barbarossa escondido, que podia funcionar muito para Hitler, pois não se sabia onde tinha ido parar o cadáver dele nem se ele realmente estava morto. Mas, supondo que Mussolini tivesse morrido (e a partisanaria continuava celebrando a praça Loreto como momento mágico da Libertação), era preciso aceitar a ideia de que um dia o defunto reapareceria, como antes, mais que antes, conforme dizia a canção. E não dá para ressuscitar mingau remendado. Mas nessa altura entra em cena um estraga-prazeres, Leccisi.

— Acho que lembro, foi aquele que roubou o cadáver do Duce.

— Isso. Um fedelho de vinte e seis anos, última leva de Salò, só ideal, nada de ideias. Quer dar sepultura reconhecível ao ídolo, ou pelo menos tornar público, com um escândalo, o neofascismo que

está ressurgindo; reúne um bando de descerebrados como ele e, numa madrugada de abril de 1946, entra no cemitério. Os poucos guardas noturnos estão dormindo como pedra, parece que ele vai direto à sepultura porque está claro que recebeu as informações confidenciais de alguém, desenterra o corpo mais desfeito do que quando foi posto no caixão (e já se tinha passado um ano, você pode imaginar o que ele encontrou), e pé ante pé, de fininho, o leva embora de qualquer jeito, espalhando pelas ruas do cemitério aqui um retalho de matéria orgânica decomposta, ali justamente duas falanges. É para ver que raça de desordeiros.

Eu tinha a impressão de que Braggadocio ficaria deliciado se tivesse participado daquele traslado fétido: eu já esperava qualquer coisa da sua necrofilia. Deixava-o continuar.

— Reviravolta, manchetes nos jornais, polícia e carabineiros correndo de um lado para o outro durante cem dias sem encontrar vestígio daqueles despojos, e olhe que com o fedor que eles exalavam deviam ter deixado um rastro de cheiro por todo o caminho que estavam fazendo. Seja como for, poucos dias após o roubo eles figam o primeiro comparsa, um tal Rana, e depois um a um os outros cúmplices, até que o próprio Leccisi é apanhado no fim de julho. E se descobre que durante certo tempo o corpo tinha ficado escondido numa casa do tal Rana em Valtellina e depois, em maio, tinha sido entregue ao padre Zucca, superior franciscano do convento de Santo Ângelo de Milão, que havia emparedado o cadáver na terceira nave da sua igreja. E o problema do padre Zucca e de seu colaborador, padre Parini, é uma história à parte, alguns os viram como capelães de uma Milão rica e reacionária, que traficavam dinheiro falso e drogas em ambientes neofascistas, outros como frades de bom coração que não

podiam fugir ao dever de todo bom cristão, *parce sepultos*, mas essa questão me interessa bem pouco. O que me interessa é que o governo, com o consentimento do cardeal Schuster, se apressa a dar túmulo ao corpo numa capela do convento capuchinho de Cerro Maggiore, e ali o deixa de 1946 a 1957, onze anos, sem que o segredo vazesse. Você entende que esse é o ponto crucial da questão? Aquele imbecil do Leccisi arriscou-se a trazer para fora o cadáver do sócia, não que naquele estado ele pudesse ser reexaminado seriamente, mas em todo caso, para quem mexia os pauzinhos do caso Mussolini, era melhor fazer tudo calar, abafar, abafar, que se falasse o menos possível do assunto. No entanto, enquanto Leccisi (depois de vinte e um meses de prisão) faz uma excelente carreira parlamentar, ocorre que o novo presidente do conselho, Adone Zoli, que tinha chegado ao governo graças também aos votos dos neofascistas, como compensação permite que o corpo seja devolvido à família e sepultado na Predappio natal, numa espécie de sacrário onde até hoje se reúnem os velhos saudosistas e os novos fanáticos, camisas pretas e saudações romanas. Acredito que Zoli não estivesse a par da existência do verdadeiro Mussolini, portanto não ficasse incomodado com o culto ao sócia. Não sei, pode ser que a coisa seja outra, mas a questão do sócia talvez não estivesse mesmo nas mãos dos neofascistas, e sim em outras, bem mais poderosas.

— Espere aí, e qual é o papel da família de Mussolini? Ou eles não sabem que o Duce está vivo, o que me parece impossível, ou concordam em enfiar um cadáver fajuto em casa.

— Olhe, ainda não entendi qual era a situação da família. Minha ideia é que eles sabiam que o marido e pai estava vivo em algum lugar. Se estivesse escondido no Vaticano, seria difícil vê-lo, qualquer

Mussolini que entrasse no Vaticano não deixaria de ser observado. É melhor a hipótese da Argentina. Indícios? Pegue o Vittorio Mussolini. Escapa dos expurgos, trabalha como roteirista e argumentista de cinema e durante um longo período do pós-guerra mora na Argentina. Na Argentina, entende? Para ficar perto do pai? Não se pode afirmar isso, mas por que Argentina? E há fotos de Romano Mussolini e outras pessoas cumprimentando Vittorio no aeroporto de Ciampino quando ele está partindo para Buenos Aires. Por que dar tanta importância à viagem de um irmão que antes da guerra já tinha estado até nos Estados Unidos? E Romano? Depois da guerra vira um famoso pianista de jazz, apresenta concertos no exterior; é verdade que a história não trata das viagens artísticas de Romano, mas será que ele também não passou pela Argentina? E dona Rachele? Está sob fiança, ninguém poderia impedi-la de fazer uma viagensinha, talvez para não dar na vista vai a Paris ou a Genebra, e dali a Buenos Aires. Quem sabe? Quando há aquela encrenca entre Leccisi e Zoli e de repente lhe servem aquele resto de cadáver, ela não pode sair por aí dizendo que aquele cadáver é de outro, mas faz boa cara a mau tempo e o põe em casa, é útil para manter viva a vontade de fascismo entre os saudosistas, enquanto esperam o retorno do verdadeiro Duce. Seja como for, a história da família não me interessa, porque é aqui que começa a segunda parte da minha investigação.

— O que houve?

— Passou da hora de jantar e ainda faltam algumas peças ao meu mosaico. Voltamos a falar disso mais adiante.

Eu não entendia se Braggadocio era um fabuloso narrador de folhetim, que ia dosando seu romance em capítulos, com o devido

suspense a cada “continua”, ou se de fato ainda estava reconstituindo sua trama pedaço por pedaço. Fosse como fosse, não cabia insistir, porque nesse meio-tempo todo aquele vaivém de restos mortais malcheirosos tinha me revirado o estômago. Em casa, eu também tomei um Stilnox.

XV

Quinta-feira, 28 de maio

— Para o 0/2 precisamos pensar num artigo de fundo sobre a honestidade — disse Simei naquela manhã. — Já se sabe que havia muita podridão nos partidos, e que todos embolsavam propinas, é preciso dar a entender que, se nós quiséssemos, poderíamos desencadear uma campanha contra os partidos. Seria preciso pensar num partido de honestos, um partido de cidadãos capazes de falar de uma política diferente.

— Vamos devagar — disse eu —, não valia a posição do Homem Comum?

— O Homem Comum foi absorvido e emasculado por uma Democracia Cristã então poderosíssima e espertíssima. Essa Democracia Cristã de hoje, ao contrário, está capengando, e já não estamos nos tempos heroicos, o que há é um punhado de babacas. Além disso, os nossos leitores já nem sabem o que foi o Homem Comum, isso é coisa de quarenta e cinco anos atrás — disse Simei —, e os nossos leitores não se lembram nem do que aconteceu dez anos atrás. Numa celebração da Resistência em um jornal importante, acabei de ver duas fotos, uma de um caminhão de partisans e outra de

uma formação de pessoas com uniforme fascista, fazendo a saudação romana, definidas como “*squadristi*”. Que *squadristi* que nada, estes eram dos anos vinte e não andavam por aí de uniforme. Os da fotografia são da milícia fascista entre os anos trinta e início dos anos quarenta, coisa que uma testemunha da minha idade reconhece facilmente. Não tenho a pretensão de dizer que nas redações devam trabalhar só testemunhas da minha idade, mas sei distinguir muito bem pelas fardas os *bersaglieri* de Lamarmora das tropas de Bava Beccaris, embora tenha nascido quando todos eles já estavam mortos fazia tempo. Se os nossos colegas têm memória fraca, imaginem se os nossos leitores vão se lembrar do Homem Comum. Mas vamos voltar à minha ideia: um novo partido de honestos pode deixar um monte de gente preocupada.

— “*A liga dos honestos*” — disse Maia sorrindo. — Era o título de um velho romance de Giovanni Mosca, coisa de antes da guerra, mas que ainda seria divertido ler. Falava dessa *sagrada união* de gente correta que precisava se infiltrar entre os desonestos para desmascará-los e, em última análise, convertê-los à honestidade. Mas para poderem ser aceitos pelos desonestos os integrantes da liga precisavam se comportar de modo desonesto. Podem imaginar a continuação, a liga dos honestos aos poucos se transformou numa liga de desonestos.

— Isso é literatura, queridinha — reagiu Simei —, e quem mais sabe quem foi esse Mosca? A senhora lê demais. Vamos deixar o seu Mosca de lado, mas, se a coisa lhe dá nojo, não é a senhora que vai cuidar dela. Doutor Colonna vai me dar uma mão para fazer um artigo de fundo muito forte. E virtuoso.

— Pode ser — disse eu. — Apelo à honestidade sempre vende muito bem.

— A liga dos honestos desonestos — sorria irônico Braggadocio, olhando para Maia.

De fato, não eram feitos um para o outro. E cada vez mais me contrariava ver aquele pardal, poço de conhecimento, preso no gaiolão de Simei. Mas não via o que fazer no momento para libertá-la. O problema dela estava se tornando meu pensamento dominante (talvez também fosse o dela?) e eu estava me desapegando de todo o resto.

Na hora do almoço, descendo até o bar para comprar um sanduíche, eu lhe disse:

— Se quiser, a gente vira a mesa, denuncia essa fantochada e acaba com o cartaz de Simei e companhia.

— E com quem você vai falar? — perguntou. — Primeiro, não se prejudique por minha causa, segundo, aonde você vai contar essa história, se os jornais (isso estou entendendo aos poucos) são todos farinha do mesmo saco? Eles se protegem mutuamente...

— Agora você não vai ficar como o Braggadocio, que vê complô em tudo. Seja como for, desculpe. Estou dizendo isso porque... — eu não sabia como formular a frase — porque acho que gosto de você.

— Sabe que essa é a primeira vez que me diz isso?

— Tonta, por acaso não temos os mesmos pensamentos?

Mas era verdade. Fazia pelo menos trinta anos que eu não dizia nada do tipo. Era maio, e depois de trinta anos eu sentia a primavera nos ossos.

Por que pensei em ossos? Porque exatamente naquela tarde, bem me lembro, Braggadocio marcou encontro comigo em Verziere, em frente à igreja de San Bernardino alle Ossa. Era uma ruela na esquina da praça Santo Stefano.

— Bonita igreja — dizia Braggadocio enquanto entrávamos —, estava aqui desde a Idade Média, mas, entre desmoronamentos, incêndios e outras adversidades, foi reconstruída assim só no século XVIII. Nasceu para recolher os ossos de um cemitério de leprosos, que no início era pouco distante daqui.

Não podia dar outra. Liquidado o cadáver de Mussolini, que ele não tinha conseguido desenterrar, Braggadocio procurava outras inspirações fúnebres. E, de fato, por um corredor, tínhamos entrado no ossário. O ambiente estava deserto, afora uma velhinha que, num banco da primeira fila, rezava com a cabeça entre as mãos. Havia caveiras apinhadas em nichos altos entre uma pilastra e outra, caixas de ossos, crânios que formavam cruzes, engastados num mosaico de pedrinhas esbranquiçadas que eram outros ossos, talvez fragmentos de vértebras, articulações, clavículas, esternos, escápulas, cóccix, carpos e metacarpos, rótulas, tarsos, astrágalos, que sei eu? De todos os lados erguiam-se edifícios de ossada que conduziam o olhar verticalmente até uma abóbada à Tiepolo, luminosa e alegre numa poeira de nuvens cor-de-rosa e creme, em meio à qual pairavam anjos e almas triunfantes. Numa estante horizontal acima da velha porta trancada alinhavam-se, como potes de porcelana em armários de farmacêutico, crânios de órbitas arregaladas. Nos nichos à altura dos visitantes, atrás de um alambrado de malhas largas por onde era possível enfiar os dedos, os ossos e os crânios tinham ficado luzidios e lisos pelo toque plurissecular de mãos devotas ou necrófilas, como o pé da estátua de

São Pedro em Roma. De caveiras, calculando a olho, havia pelo menos umas mil, os ossos mais miúdos eram incontáveis, e sobre as pilastras destacavam-se monogramas de Cristo construídos com tíbias que pareciam tiradas das bandeiras dos piratas de Tortuga.

— Não são apenas ossos de leprosos — dizia Braggadocio, como se não houvesse nada mais bonito no mundo. — São esqueletos provenientes de outras sepulturas próximas, principalmente cadáveres de condenados, pacientes mortos no hospital do Brolo, decapitados, presos falecidos nas prisões, provavelmente também ladrões ou assaltantes que vinham morrer na igreja porque não tinham outro lugar onde esticar as canelas em paz. Verziere era um bairro com péssima reputação... Acho engraçado aquela velhinha rezando aqui como se estivesse no sepulcro de um santo com relíquias sagradas, quando se trata de restos de ladrões, bandidos, almas penadas. No entanto, os velhos monges eram mais piedosos que os sepultadores e dessepultadores de Mussolini, veja com que cuidado, com que amor à arte (com que cinismo, vá lá) arrumaram esse esqueletame, como se fossem mosaicos bizantinos. A velhinha está seduzida por essas imagens de morte que ela confunde com imagens de santidade, eu não consigo identificar onde, mas debaixo daquele altar dava para ver o corpinho semimumificado de uma menina que na noite dos mortos dizem que sai com outros esqueletos para fazer a sua dança macabra.

Eu imaginava a garota levando os amiguinhos ossudos pela mão diretamente para a rua Bagnera, mas não comentei. De ossários também macabros eu tinha visto o dos capuchinhos em Roma e as terríveis catacumbas de Palermo, com frades inteiros, mumificados e vestidos com andrajosa majestade, mas Braggadocio evidentemente se contentava com suas carcaças ambrosianas.

— Também haveria o *putridarium*, a gente desce por uma escadinha em frente ao altar-mor, mas para isso é preciso achar o sacristão, e de bom humor. Os frades punham os cadáveres dos confrades para apodrecer e se liquefazer em cima de assentos de pedra, e os corpos se desidratavam devagar, os humores se escoavam e os esqueletinhos ficavam limpos como os dentes das propagandas da Pasta del Capitano. Uns dias atrás, eu estava pensando, este teria sido um lugar ideal para esconder o cadáver de Mussolini depois do roubo de Leccisi, mas infelizmente não estou escrevendo um romance, e sim reconstituindo fatos históricos, e o histórico é que aquilo que restava do Duce foi posto em outro lugar. Que pena. Mas é por isso que recentemente tenho visitado muitas vezes este lugarzinho que, para uma história de restos mortais, me inspirou tantos bons pensamentos. Há quem se inspire olhando, sei lá, as Dolomitas ou o lago Maior, e eu me inspiro aqui. Eu devia trabalhar como guarda de necrotério. Deve ser pela lembrança do meu avô, morto de um jeito tão ruim, que sua alma descanse em paz.

— Mas por que me trouxe justamente aqui?

— Então, preciso contar a alguém coisas que estão fervendo dentro de mim, senão vou ficar louco. Ser o único a perceber a verdade pode dar vertigem. E aqui nunca há ninguém, a não ser de vez em quando algum turista estrangeiro que não entende bulhufas. É que finalmente cheguei à *stay-behind*.

— Istei o quê?

— Então, lembre que eu precisava decidir o que teria sido feito do Duce, o vivo, para não o deixar mofando na Argentina ou no Vaticano e acabar como o sócia. O que fazemos do Duce?

— O que fazemos?

— Pois então, os aliados ou quem agisse em nome deles queriam que o Duce continuasse vivo, para ser sacado na hora certa e oposto a uma revolução comunista ou a um ataque soviético. Durante a Segunda Guerra Mundial os ingleses tinham coordenado a atividade dos movimentos de resistência nos países ocupados pelo Eixo através de uma rede dirigida por um ramo dos serviços de informação do Reino Unido, o Special Operations Executive, que foi dispensado depois do fim do conflito, mas reativado no início dos anos cinquenta, como núcleo de uma nova organização que nos vários países europeus deveria se opor a uma invasão do Exército Russo ou aos comunistas locais que tentassem um golpe de Estado. A coordenação era feita pelo comando supremo das forças aliadas na Europa, e nasce o *stay-behind* (“ficar atrás”, “ficar aquém das linhas”), na Bélgica, na Inglaterra, na França, na Alemanha Ocidental, na Holanda, em Luxemburgo, na Dinamarca e na Noruega. Uma estrutura paramilitar secreta. Na Itália houve preliminares já em 1949, e em 1959 os serviços secretos italianos começam a fazer parte de um Comitê de Planejamento e Coordenação, e em 1964 nasce oficialmente a organização Gladio, financiada pela CIA. Gladio: o nome deveria dizer-lhe algo porque o gládio é uma arma dos legionários romanos, portanto dizer gládio era como dizer feixe lictório ou coisas do gênero. Um nome que podia atrair militares reformados, amantes de aventuras e saudosistas fascistas. A guerra tinha acabado, mas muita gente ainda se deleitava com as lembranças de dias heroicos, ataques com duas bombas e uma flor na boca, rajadas de metralhadora. Eram ex-integrantes da República Social Italiana ou idealistas de sessenta anos e católicos, aterrorizados com a perspectiva de os cossacos trazerem seus cavalos para tomar água benta nas pias batismais de São Pedro,

mas também fanáticos pela monarquia desaparecida. Dizem alguns que até Edgardo Sogno estava envolvido, ele que, apesar de ter sido um comandante das brigadas resistentes no Piemonte, um herói, era monarquista até a medula, portanto ligado ao culto de um mundo desaparecido. Os recrutas eram mandados para um campo de treinamento na Sardenha, onde aprendiam (ou lembravam) como minar pontes, manobrar fuzis-metralhadoras, assaltar à noite pelotões inimigos com um punhal nos dentes, realizar atos de sabotagem e de guerrilha...

— Mas deviam ser coronéis reformados, marechais adoentados, burocratas raquíticos, não consigo imaginar essa gente trepando em pilares e andaimes como em

A ponte do rio Kwai.

— Sim, mas também havia jovens neofascistas loucos para sair na porrada, além de raivosos apolíticos espalhados por aí.

— Acho que li alguma coisa uns anos atrás.

— Claro, a Gladio ficou secretíssima a partir do fim da guerra, a coisa era conhecida só pelos serviços secretos e pelos altos-comandos militares, e ia sendo comunicada gradualmente apenas aos primeiros-ministros, aos ministros da Defesa e aos presidentes da República. Depois, com a queda do império soviético, a coisa praticamente perdeu a função e talvez fosse muito cara, e até o presidente Cossiga deixou escapar revelações em 1990, e no mesmo ano Andreotti, presidente do Conselho, disse oficialmente que, tudo bem, a Gladio tinha existido, não havia por que fazer tanta história, ela tinha precisado existir, agora estava acabada, chega de falatório. E ninguém fez drama, todos quase se esqueceram. Só a Itália, a Bélgica e a Suíça tinham dado início a alguns inquéritos parlamentares, mas George H.

W. Bush se recusava a comentar, porque estava em plenos preparativos para a Guerra do Golfo e não queria sujar o nome da Aliança Atlântica. A coisa foi silenciada em todos os países que tinham aderido ao *stay-behind*, com alguns incidentes sem importância; na França há tempos se sabia que a famigerada OAS tinha sido criada com integrantes do *stay-behind* francês, mas, depois de um golpe de Estado fracassado na Argélia, De Gaulle pôs a dissidência na linha. Na Alemanha se sabia que a bomba da Oktoberfest de 1980 em Munique tinha sido montada com explosivos provenientes de um esconderijo do *stay-behind* alemão; na Grécia foi o exército *stay-behind*, Força de Incursão Helênica, que deu vida ao golpe de Estado dos coronéis, em Portugal uma misteriosa Aginter Press mandava assassinar Eduardo Mondlane, comandante da Frente de Libertação de Moçambique. Na Espanha, um ano depois da morte de Franco, dois carlistas são mortos por terroristas de extrema direita, e no ano seguinte o *stay-behind* faz uma carnificina em Madri, num escritório de advocacia ligado ao Partido Comunista; na Suíça há dois anos ainda o coronel Aboth, ex-comandante do *stay-behind* local, declarava numa carta confidencial ao departamento da Defesa que estava disposto a revelar “toda a verdade” e foi encontrado em casa, morto com a própria baioneta. Na Turquia, são os Lobos Cinzentos que estão ligados ao *stay-behind*, aqueles envolvidos no atentado a João Paulo II. Eu poderia continuar, e só li para você poucas anotações minhas, mas, como está vendo, são coisinhas, um homicídio aqui, outro homicídio ali, que acabavam como notícia policial, e a cada vez tudo caía no esquecimento. A questão é que os jornais não são feitos para divulgar, mas para encobrir as notícias. Ocorre o fato X, você não pode deixar de falar dele, mas cria problemas para gente demais, então no mesmo

número você põe umas manchetes de arrepiar o cabelo, mãe degola os quatro filhos, a nossa poupança talvez vire pó, descoberta uma carta de insultos de Garibaldi a Nino Bixio e assim por diante, a sua notícia se afoga no grande mar da informação. Mas a mim interessa o que a Gladio fez na Itália dos anos sessenta a 1990. Deve ter aprontado poucas e boas, deve ter se envolvido com movimentos terroristas de extrema direita, desempenhou algum papel no atentado da praça Fontana em 1969, e a partir daí (estamos na época das revoltas estudantis de 1968 e dos “outonos quentes” operários) alguém percebeu que podia incentivar atentados terroristas para poder responsabilizar as esquerdas. E dizem que estava metida nisso também a famigerada loja P2 de Licio Gelli. Mas por que uma organização que devia combater os soviéticos se dedica apenas a golpes terroristas? E precisei redescobrir toda a história do príncipe Junio Valerio Borghese.

Nesse momento Braggadocio me lembrava muitas coisas lidas nos jornais, uma vez que nos anos sessenta se tinha falado muito de golpes de Estado militares, de “tilintar de sabres”, e eu recordava os boatos sobre um golpe sonhado (ainda que nunca realizado) pelo general De Lorenzo. Mas Braggadocio agora me trazia à memória o chamado golpe *dos guardas-florestais*. Uma história bem grotesca, parece até que fizeram um filme satírico a respeito. Junio Valerio Borghese, também chamado de príncipe negro, comandara a Décima Flotilha MAS. Homem de alguma coragem, dizia-se, fascista até a raiz do cabelo, obviamente tinha aderido à República de Salò, e nunca se entendeu por que em 1945, quando se fuzilava livremente, ele tinha se safado e continuado a manter sua aura de puríssimo combatente, boina caída de lado, fuzil a tiracolo, calças típicas daquele

destacamento, bufantes no tornozelo, suéter sem gola, se bem que, com a cara que tinha, quem o visse na rua vestido como um burocrata não daria um tostão por ele.

Ora, em 1970 Borghese achou que chegara o momento de um golpe de Estado. Braggadocio opinava que se considerava o fato de que Mussolini, se tivesse de ser trazido de volta do exílio, logo faria oitenta e sete anos, e não se podia esperar demais, porque já em 45 parecia bem acabado.

— Algumas vezes me comovo — dizia Braggadocio — com aquele pobre homem, imagine, menos mal se estava na Argentina, porque, mesmo que não pudesse comer aquelas bisteconas de lá, por causa da úlcera, podia pelo menos ficar olhando os Pampas sem fim (pense bem, que delícia, durante vinte e cinco anos), mas pior seria se tivesse ficado no Vaticano, no máximo um passeio à noite por algum jardinzinho, sopinhas servidas por uma freira de bigode e a ideia de ter perdido a Itália e, com ela, a amante, de não poder abraçar os filhos, e talvez começasse a perder o juízo, todo dia na poltrona ruminando velhas glórias, vendo o que estava acontecendo no mundo só pela televisão, em branco e preto, enquanto a mente toldada pela idade, mas excitada pela sífilis, rememorava os triunfos da sacada do Palazzo Venezia, os verões em que debulhava trigo sem camisa, dava beijocas nas crianças enquanto as mães lúbricas lhe babavam nas mãos, ou as tardes na Sala do Mapa-múndi, onde o camareiro Navarra introduzia damas frementes, e ele, mal desabotoando a braguilha dos culotes, as derrubava sobre a escrivaninha e, pronto, as inseminava em poucos segundos, e elas soltando gritos de cadela no cio, murmurando oh, meu Duce, meu Duce... E, enquanto lembrava salivando, com o pinto agora murcho, alguém lhe martelava na cabeça a ideia da ressurreição

próxima; me vem à mente aquela piadinha sobre Hitler, também exilado na Argentina, que os neonazistas queriam convencer a voltar à cena para a reconquista do mundo, ele hesita e titubeia durante muito tempo, porque a idade conta até para ele, mas finalmente se decide e diz tudo bem, mas dessa vez... *malvados*, certo?

E Braggadocio continuava:

— Em suma, em 1970 tudo levava a crer que um golpe pudesse funcionar, no comando dos serviços secretos estava o general Miceli, que também estava na loja P2, e alguns anos mais tarde se tornaria deputado do Movimento Social Italiano, e, observe, suspeito e interrogado sobre o caso Borghese, ele se safou e acabou morrendo serenamente há dois anos. E eu soube de fonte segura que, dois anos depois do golpe Borghese, Miceli recebeu oitocentos mil dólares da embaixada americana, não se sabe por quê nem para quê. Borghese, portanto, podia contar com ótimos apoios na cúpula, com a Gladio, com veteranos falangistas da guerra espanhola e com os meios maçônicos, e consta que nessa estava até a máfia que, como você sabe, está em todas. E na sombra, o costumeiro Licio Gelli, instigando os carabinieri e os altos-comandos militares, onde já pululavam maçons. Ouça bem a história de Licio Gelli porque é fundamental para a minha tese. Gelli, nunca negou, fez a guerra espanhola, foi para a República Social e trabalhou como oficial de conexão com a SS; mas, ao mesmo tempo, estava em contato com os partisans e no pós-guerra se liga à CIA. Portanto, uma figura assim não pode deixar de estar envolvida com a Gladio. Mas escute esta: em julho de 1942, como inspetor do Partido Nacional Fascista, recebeu a tarefa de transportar para a Itália o tesouro do rei Pedro II da Iugoslávia, 60 toneladas de lingotes de ouro, duas toneladas de moedas antigas, seis

milhões de dólares, dois milhões de libras esterlinas, que o SIM (Serviço Militar de Informações) tinha requisitado. Em 1947, o tesouro é finalmente restituído, mas na aferição faltam 20 toneladas de lingotes, e se diz que Gelli os transferiu para a Argentina. Argentina, entende? Na Argentina Gelli tem contatos amistosos com Perón, e não só com ele mas também com generais como Videla, e da Argentina ele recebe um passaporte diplomático. E quem também estava metido na Argentina? Seu braço direito Umberto Ortolani, que, entre outras coisas, serve de ligação entre Gelli e monsenhor Marcinkus. E daí? Daí é que tudo nos leva para a Argentina, onde está o Duce e onde está sendo preparado o seu retorno, e naturalmente é preciso dinheiro, uma boa organização e apoios locais. Por isso é que Gelli é essencial ao plano Borghese.

— Claro que, dito assim, parece convincente...

— E é. Isso não impede de reconhecer que o que Borghese reuniu foi um exército de Brancaloneo, pois ao lado de vovozinhos saudosistas (o próprio Borghese já tinha mais de sessenta anos) havia setores do Estado e até batalhões da guarda-florestal, e não me pergunte por que exatamente a guarda-florestal, talvez com o desmatamento do pós-guerra eles não tivessem nada melhor para fazer. Mas essa mistura promíscua poderia ter feito algo sinistro. De fontes processuais subsequentes emerge que Licio Gelli deveria cuidar da captura do presidente da República, que na época era Saragat, e que um armador de Civitavecchia tinha posto à disposição seus navios mercantes para transportar para as ilhas Lipari as pessoas capturadas pelos golpistas. E você nem imagina quem estava envolvido na operação! Otto Skorzeny, aquele que tinha libertado Mussolini no maciço de Gran Sasso em 1943! Ainda estava em circulação, outro

que os violentos expurgos do pós-guerra não tinham tocado, mantinha contatos com a CIA e deveria obter garantias de que os Estados Unidos não se oporiam ao golpe, desde que subisse ao poder uma junta militar “centrodemocrática”. Pense na hipocrisia da fórmula. Mas o que os inquéritos posteriores nunca trouxeram à tona é que Skorzeny evidentemente tinha ficado em contato com Mussolini, que lhe devia muitos favores, e talvez tivesse de cuidar da sua chegada do exílio para oferecer a imagem heroica de que os golpistas precisavam. Em suma, todo o golpe era pautado pelo retorno triunfal de Mussolini. Agora ouça bem: o golpe tinha sido projetado com precisão desde 1969, preste atenção, ano do atentado da praça Fontana, certamente já pensado para que todas as suspeitas recaíssem na esquerda e se preparasse psicologicamente a opinião pública para um retorno à ordem. Borghese previa a ocupação do Ministério do Interior, do Ministério da Defesa, das sedes da RAI, dos meios de telecomunicação (rádio e telefonia) e a deportação dos opositores presentes no Parlamento. Isso não é fantasia minha porque depois foi encontrada uma proclamação que Borghese deveria ler na rádio; dizia mais ou menos que finalmente tinha chegado a esperada virada política, a classe que havia governado durante vinte e cinco anos levava a Itália à beira da derrocada econômica e moral, as forças armadas e as forças da ordem respaldavam a tomada do poder pelos golpistas. Italianos, teria concluído Borghese, ao restituirmos às vossas mãos a gloriosa bandeira tricolor, vos convidamos a bradar nosso impetuoso hino de amor, Viva a Itália. Típica retórica mussoliniana.

Entre 7 e 8 de dezembro (lembrava Braggadocio) tinham convergido para Roma várias centenas de conspiradores, fora iniciada

a distribuição de armas e munições, dois generais haviam tomado posição no Ministério da Defesa, um grupo armado de guardas florestais se postara nas proximidades das sedes de televisão da RAI, em Milão estava sendo preparada a ocupação de Sesto San Giovanni, tradicional cidadela dos comunistas.

— E de repente o que acontece? Enquanto todo o projeto parecia caminhar para o fim esperado e se podia dizer que os conspiradores tinham Roma nas mãos, Borghese comunica a todos que a operação está suspensa. Depois se diria que certos setores fiéis ao Estado se opunham à conspiração, mas nesse caso eles poderiam ter prendido Borghese no dia anterior, sem esperarem que Roma se enchesse de mateiros fardados. Seja como for, a questão é resolvida quase na surdina, os golpistas se dispersam sem incidentes, Borghese se refugia na Espanha, só uns poucos imbecis se deixam prender, mas a todos são concedidas “detenções” em clínicas particulares, e durante a internação alguns deles recebem a visita de Miceli, que lhes promete proteção em troca de silêncio. Há alguns inquéritos parlamentares de que a imprensa fala pouquíssimo, aliás a opinião pública fica vagamente a par dos fatos só três meses depois. O que aconteceu não quero saber, o que me interessa é por que um golpe preparado com tanto cuidado foi cancelado no espaço de poucas horas, transformando uma ação bastante séria numa farsa. Por quê?

— É o que eu pergunto.

— Parece que eu fui o único que se fez essa pergunta e certamente só eu encontrei a resposta, e ela é clara como o dia: naquela mesma noite chega a notícia de que Mussolini, quem sabe já em território italiano, pronto para a aparição pública, *morreu* de repente, o que naquela idade, e chacoalhado como um embrulho

postal, não é nada improvável. O golpe gora porque o seu símbolo carismático desapareceu, e dessa vez para valer, depois de vinte e cinco anos de sua suposta morte.

Os olhos de Braggadocio brilhavam, pareciam iluminar o cortejo de caveiras que nos rodeava, suas mãos tremiam, os lábios se cobriam de saliva esbranquiçada, ele me segurava pelos ombros:

— Está entendendo, Colonna, essa é a minha reconstituição dos fatos!

— Mas, se bem me lembro, houve um processo...

— Brincadeira, com Andreotti colaborando para encobrir tudo, e na cadeia só acabaram as figuras de segundo plano. A questão é que tudo o que soubemos era falso, ou deformado, vivemos enganados durante os vinte anos seguintes. Eu lhe disse que nunca se deve acreditar no que nos contam...

— E aqui termina a sua história...

— Só que não. Começa outra, e eu poderia não me interessar por ela se o que aconteceu depois não fosse consequência direta do desaparecimento de Mussolini. Faltando a figura do Duce, nenhuma Gladio podia ter esperança de conquistar o poder, num momento em que parecia tornar-se cada vez mais remota uma invasão soviética, porque já ia se aproximando devagar a distensão. Mas a Gladio não se dissolve, aliás, começa a se tornar de fato operacional exatamente a partir da morte de Mussolini.

— Como assim?

— Já que não se trata de instalar um novo poder derrubando o governo, a Gladio se une a todas as forças ocultas que tentam desestabilizar a Itália para tornar insuportável a ascensão das esquerdas e preparar as condições para novas formas de repressão,

executadas com todas as marcas da legalidade. Você se dá conta de que, antes do golpe Borghese, tinham ocorrido poucos atentados, tipo praça Fontana, e só naquele ano começam a se formar as Brigadas Vermelhas e logo nos anos seguintes começa uma cadeia de matanças? 1973, bomba no comando de polícia de Milão, 1974, atentado na praça della Loggia em Brescia, no mesmo ano uma bomba de alta potência explode no trem *Italicus*, Roma-Munique, 12 mortos e 48 feridos, mas, atenção, a bordo do trem deveria estar Aldo Moro, e só não estava porque alguns funcionários do ministério o fizeram descer no último minuto para assinar documentos urgentes. E, dez anos depois, outra bomba no rápido Nápoles-Milão. Isso para não falar do caso Moro, ainda não sabemos o que realmente aconteceu. Não bastasse isso, em setembro de 1978, um mês depois de eleito, morre misteriosamente o novo papa Albino Luciani. Infarto do miocárdio ou acidente vascular cerebral, foi o que disseram, mas por que sumiram do quarto do papa os seus objetos pessoais, óculos, chinelos, anotações e o frasco de Effortil que, evidentemente, o velho devia tomar para a pressão baixa? Por que aqueles objetos tinham de desaparecer no nada? Talvez por não ser verossímil um hipotenso ter um ataque apoplético? Por que a primeira pessoa importante a entrar logo depois no quarto foi o cardeal Villot? Você dirá que era natural, ele era o secretário de Estado, mas existe o livro de certo Yallop que revela vários fatos: o papa estaria interessado na existência de uma camarilha eclesiástico-maçônica da qual teriam participado o próprio Villot, monsenhor Agostino Casaroli, o vice-diretor do *Osservatore Romano*, o diretor da Rádio Vaticana e naturalmente Marcinkus, o onipresente monsenhor que mandava e desmandava na IOR, o banco vaticano, que, conforme se descobriu depois, apoiava evasões fiscais e

lavagem de dinheiro, além de dar cobertura a outras transações obscuras de personagens como Roberto Calvi e Michele Sindona, um dos quais, anos depois, veja que coincidência, terminaria enforcado no Black Friars de Londres, e o outro envenenado na prisão. E em cima da escrivania de Luciani foi encontrada uma cópia do semanário *Il Mondo*, aberta numa investigação sobre as operações do banco vaticano. Yallop suspeita de seis pessoas no homicídio: Villot, o cardeal de Chicago John Cody, Marcinkus, Sindona, Calvi e Licio Gelli, o onipresente mestre venerável da loja P2. Você vai me dizer que nada disso teria a ver com a Gladio, mas, veja que coincidência, muitos desses personagens tinham a ver com as outras tramas, e o Vaticano se envolvera no resgate e na custódia de Mussolini. Talvez Luciani tivesse descoberto exatamente isso, ainda que se tivessem passado alguns anos da morte de verdade do Duce, e quisesse acabar de vez com aquela quadrilha que preparava um golpe de Estado desde o fim da Segunda Guerra Mundial. E acrescento que, depois da morte de Luciani, o caso deve ter ido parar também nas mãos de João Paulo II, que três anos depois sofre um atentado de autoria dos Lobos Cinzentos turcos, aqueles Lobos Cinzentos que, como lhe disse, eram filiados ao *stay-behind* daquele país... O papa depois perdoa, o autor do atentado fica comovido e expia na prisão, mas, em suma, o pontífice fica assustado e não cuida mais do assunto, até porque com a Itália ele se importa muito pouco e parece mais preocupado em combater as seitas protestantes no Terceiro Mundo. Assim, vamos deixá-lo em paz. Para você são suficientes todas essas coincidências?

— Mas não será essa sua tendência a ver conspiração por todo lado que faz você pôr tudo no mesmo saco?

— Eu? Eu não, são autos judiciais que podem ser encontrados por quem souber procurar nos arquivos, mas deu-se um jeito para que eles escapulissessem do público entre uma notícia e outra. Pense no caso de Peteano. Em maio de 1972, perto de Gorizia, os carabinieri perceberam que um Fiat 500 estava abandonado em certa rua, com dois furos de bala no para-brisa. Chegam três carabinieri, tentam abrir o capô e são mortos por uma explosão. Durante algum tempo se pensa numa ação das Brigadas Vermelhas, mas anos depois surge um tal Vincenzo Vinciguerra. Olha só o tipo: devido a outro caso obscuro ele tinha escapado de ser preso refugiando-se na Espanha junto à rede anticomunista internacional, a Aginter Press, e aqui, através de contatos com outro terrorista de direita, Stefano Delle Chiaie, adere à Vanguarda Nacional, depois desaparece no Chile e na Argentina, mas em 1978 decide, quanta bondade, que toda a sua luta contra o Estado não tinha o menor sentido e se entrega na Itália. Note que não estava arrependido, continuava achando que tinha agido bem ao fazer o que havia feito até então, e você deve estar se perguntando: por que então se entregou? Eu digo que por necessidade de publicidade, existem os assassinos que voltam ao lugar do crime, os serial killers que enviam pistas para a polícia porque desejam ser presos, do contrário não vão aparecer na primeira página, e esse Vinciguerra, a partir desse momento, começa a vomitar confissão atrás de confissão. Assume a responsabilidade pelo atentado de Peteano e põe em maus lençóis os aparatos estatais que, segundo diz, o tinham protegido. Só em 1984 um juiz, Casson, descobre que o explosivo usado em Peteano provinha de um depósito de armas da Gladio, e o mais intrigante é que a existência desse depósito lhe tinha sido revelada (você não vai adivinhar nem em mil anos) por Andreotti, que, portanto, sabia e

nunca tinha aberto a boca. Um perito que trabalhava para a polícia italiana (e era integrante do movimento Ordine Nuovo) teria produzido um laudo dizendo que os explosivos empregados eram idênticos aos usados pelas Brigadas Vermelhas, mas Casson demonstrara que o explosivo era o C-4, exclusivo das forças da Otan. Em suma, uma bela embrulhada, mas, como você vê, Otan ou brigadistas, pelo meio estava sempre a Gladio. Só que as investigações também mostram que o Ordine Nuovo tinha colaborado com o serviço secreto militar italiano, o SID, e você há de entender que, se um serviço secreto militar mata três carabinieri numa explosão não será por ódio à corporação, mas para fazer a culpa recair sobre os militantes de extrema esquerda. Resumindo, entre inquéritos e contrainquéritos, Vinciguerra é condenado à prisão perpétua, de onde continua fazendo revelações sobre a estratégia da tensão. Fala do atentado de Bolonha (veja que, entre um atentado e outro, há ligações e não é fantasia minha) e diz que o da praça Fontana em 1969 tinha sido planejado para forçar o então primeiro-ministro, Mariano Rumor, a declarar estado de emergência. Acrescentava também, vou ler: “Não se pode viver na clandestinidade sem dinheiro. Não se pode viver na clandestinidade sem apoios. Eu podia optar pelo caminho seguido por outros, encontrar outros apoios, talvez na Argentina, junto aos serviços secretos. Podia até escolher o caminho do crime. Mas não sou dado nem a trabalhar como colaborador dos serviços secretos, nem a ser delinquente. Portanto, para reencontrar a liberdade eu só tinha uma escolha. Que era a de me entregar. E foi o que fiz.” Evidentemente, é a lógica de um louco exibicionista, mas de um louco que tem informações confiáveis. E essa é a minha história, praticamente reconstituída: a sombra de Mussolini, dado por morto,

domina todos os acontecimentos italianos de 1945 até hoje, eu diria, e sua morte de verdade desencadeia o período mais terrível da história deste país, envolvendo *stay-behind*, CIA, Otan, Gladio, loja P2, máfia, serviços secretos, altos-comandos militares, ministros como Andreotti, presidentes como Cossiga e, naturalmente, boa parte das organizações terroristas de extrema esquerda, devidamente infiltradas e manobradas. Para não dizer que Moro foi raptado e assassinado porque sabia de algo e teria falado. E, se quiser, junte aí casos criminais menores que aparentemente não tinham nenhuma importância política...

— Claro, a fera da rua San Gregorio, a assassina do sabão, o monstro da rua Salaria...

— Não seja sarcástico, talvez aqueles primeiros casos do pós-guerra não, mas em todo o resto é mais econômico, como se diz, ver uma história única dominada por uma só figura virtual que parecia dirigir o trânsito da sacada do Palazzo Venezia, ainda que ninguém o visse. Os esqueletos — e apontava os hóspedes silenciosos ao nosso redor — podem sempre sair à noite e encenar sua dança macabra. Há mais coisas entre o céu e a terra etc. etc., você sabe. Mas o certo é que, terminada a ameaça soviética, a Gladio foi oficialmente aposentada, e tanto Cossiga quanto Andreotti falaram dela para exorcizar seu fantasma, para apresentá-la como uma coisa normal que aconteceu com o consentimento das autoridades, uma comunidade composta de patriotas, como a Carbonária dos tempos idos. Mas será que tudo acabou mesmo ou certos grupos duros de morrer continuam trabalhando na sombra? Acho que ainda veremos poucas e boas.

Olhou ao redor, amargurado:

— Mas agora é melhor sair, não estou gostando daquele grupo de japoneses que está entrando. Os espiões orientais estão por toda parte, agora até a China está no jogo, além disso eles entendem todas as línguas.

Enquanto saíamos e eu voltava a respirar a plenos pulmões ao ar livre, perguntei:

— Mas você verificou bem isso tudo?

— Falei com pessoas que estão a par de muitas coisas e também pedi conselhos ao nosso colega Lucidi. Talvez você não saiba, mas ele é ligado aos serviços secretos.

— Eu sei, eu sei. Mas você confia nele?

— É gente acostumada a ficar calada, não se preocupe. Ainda preciso de uns poucos dias para reunir outras provas irrefutáveis, irrefutáveis, repito, e depois vou falar com Simei e lhe apresento os dados da minha investigação. Doze capítulos para doze números zero.

Naquela noite, para esquecer os ossos de San Bernardino, levei Maia a um restaurante para jantar à luz de velas. Naturalmente não lhe falei da Gladio, evitei pratos que exigissem desossar alguma coisa, e fui saindo lentamente do meu pesadelo vespertino.

XVI

Sábado, 6 de junho

Braggadocio dedicou alguns dias à preparação de suas revelações e na quinta-feira passou a manhã inteira fechado no escritório de Simei. Saiu de lá por volta das onze com Simei, que lhe recomendava:

— Verifique bem aquele dado de novo, por favor, quero proceder com segurança.

— Não se preocupe — respondia Braggadocio irradiando bom humor e otimismo. — Hoje à noite me encontro com alguém em quem confio e faço de novo a última verificação.

O restante da redação estava todo empenhado em definir as páginas fixas do primeiro número zero: esportes, os jogos de Palatino, algumas cartas de desmentido, os horóscopos e os anúncios fúnebres.

— Por mais que a gente invente, tenho a impressão de que não vamos conseguir encher vinte e quatro páginas — disse a certa altura Costanza. — Precisamos de outras notícias.

— Está bem — disse Simei —, dê uma mão também, Colonna, por gentileza.

— Não é necessário inventar notícias — observei —, é só requentar.

— Como?

— As pessoas têm memória curta. Pensando por paradoxos: todos deveriam saber que Júlio César foi assassinado nos idos de março, mas as ideias são confusas. Pega-se um livro inglês recente que faça uma revisão da história de César, depois basta um título de efeito, *Sensacional descoberta dos historiadores de Cambridge. César foi mesmo assassinado nos idos de março*, reconta-se tudo e tem-se um artigo delicioso. Ora, com a história de César eu exagerei, tudo bem, mas se falarmos do caso do Pio Albergo Trivulzio, pode nascer uma matéria sobre as analogias com a história do Banco Romano. É um caso do fim do século XIX que não tem nada a ver com os escândalos atuais, mas escândalo puxa escândalo, basta aludir a alguns comentários e conta-se a história do Banco Romano como se fosse de ontem. Acho que Lucidi saberia tirar alguma coisa boa daí.

— Ótimo — disse Simei. — O que foi, Cambria?

— Estou vendo um despacho de agência, outra Nossa Senhora começou a chorar numa cidadezinha do sul.

— Esplêndido, tire daí uma matéria de impacto!

— Algo sobre a repetitividade das superstições...

— Nada disso! Não somos o boletim da associação de ateus e racionalistas. As pessoas querem milagres, não ceticismo de radical chique. Contar um milagre não quer dizer que o jornal se compromete dizendo que acredita nele. Conta-se o fato ou se diz que alguém assistiu ao fato. Se as santas choram ou não de verdade não é da nossa conta. As conclusões quem deve tirar é o leitor, e se for religioso vai acreditar. Título sobre várias colunas.

Todos se puseram entusiasmados a trabalhar. Passei perto da mesa de Maia, muito concentrada nos anúncios fúnebres, e lhe disse:

— E não se esqueça, a família inconsolável...

— E o amigo Filiberto manifesta seus profundos sentimentos de pesar à querida Matilde e aos caríssimos Mario e Serena — respondeu ela.

— Melhor Gessica com *g* ou Samanta sem *h*.

Dei-lhe um sorriso de incentivo e por aí vai.

Passei o começo da noite em casa de Maia, conseguindo, como acontecia às vezes, transformar em alcova aquele reduto repleto de livros empilhados em torres cambaleantes.

Entre as pilhas havia muitos discos, todos clássicos e de vinil, herança dos avós. Às vezes ficávamos muito tempo deitados a ouvir. Naquela noite Maia pôs a Sétima de Beethoven e me contava, com os olhos úmidos, que desde a adolescência sentia vontade de chorar no segundo movimento.

— Começou quando eu tinha dezesseis anos: estava sem dinheiro e, graças a um cara que me conhecia, consegui me enfiar sem pagar na torrinha do teatro, só que eu não tinha assento, então me agachei nos degraus e, aos poucos, acabei quase deitada. A madeira era dura, mas eu nem percebia. E no segundo movimento pensei que gostaria de morrer daquele jeito e comecei a chorar. Eu era meio doida. Mas continuei chorando mesmo depois que criei juízo.

Eu nunca tinha chorado ouvindo música, mas estava ficando comovido com o fato de ela chorar. Depois de alguns minutos de silêncio Maia disse:

— Ele, ao contrário, era um panaca.

— Ele quem?

— Ora, quem! Schumann — disse Maia como se eu tivesse a cabeça não se sabe onde. O autismo dela, como sempre.

— Schumann, panaca?

— Claro, muita efusão romântica, nem podia ser diferente pela época, mas tudo coisa da cabeça. E, de tanto se espremer a cabeça, ficou louco. Agora entendo por que a mulher dele depois se apaixonou por Brahms. Outra têmpera, outra música, e *bon-vivant*. Mas, espere, não estou dizendo que Robert era assim tão ruim, entendo que tinha talento, não era um daqueles grandes fanfarrões.

— Quais?

— Ora, aquele espalhafatoso do Liszt, ou aquele paspalhão do Rachmaninoff, esses sim faziam música ruim, só coisa de efeito, para ganhar dinheiro, concerto para tontos em dó maior, coisas do gênero. Se for procurar, não vai encontrar discos deles naquela pilha. Joguei fora. Braços roubados à lavoura.

— Mas quem é melhor que Liszt, para você?

— Ora, Satie, não?

— Mas com Satie você não chora, certo?

— Claro que não, não teria vontade, choro só com o segundo movimento da Sétima.

E depois de uma pausa:

— Desde a adolescência também choro com algumas coisas de Chopin. Claro que não com os concertos.

— Por que não com os concertos?

— Porque, se você tirava Chopin do piano e punha uma orquestra na mão dele, ele já não sabia o que fazer. Fazia pianismo para arcos, metais e tímpanos. Depois, você viu naquele filme com Cornel Wilde

no papel de Chopin, espirrando sangue nas teclas? Se fosse reger uma orquestra, o que ele ia fazer, espirrar sangue no primeiro violino?

Maia não parava de me surpreender, mesmo quando eu achava que a conhecia bem. Com ela eu aprenderia até a entender de música. Pelo menos do jeito dela.

Foi a última noite feliz. Ontem acordei tarde e cheguei à redação só no fim da manhã. Assim que entrei, vi homens fardados vasculhando as gavetas de Braggadocio, enquanto um sujeito à paisana interrogava os presentes. Simei estava na porta de sua sala, lívido.

Cambria se aproximou de mim falando baixo, como se precisasse me contar um segredo:

— Mataram Braggadocio.

— Quê? Braggadocio? Como?

— Um guarda-noturno hoje de manhã, às seis, estava voltando para casa de bicicleta e viu um cadáver deitado de bruços, com um ferimento nas costas. Àquela hora demorou um bom tempo para encontrar um bar aberto e telefonar para o hospital e para a polícia. Uma facada, o médico-legista logo determinou, uma só, mas dada com força. Não deixaram a faca enfiada lá dentro.

— Mas onde?

— Numa ruela pelas bandas da rua Torino, como se chama... acho que Bagnara ou Bagnera.

O fulano à paisana se aproximou de mim, rápida apresentação, era um inspetor da segurança pública, e me perguntou quando tinha visto Braggadocio pela última vez.

— Aqui no escritório, ontem — respondi —, como acho que todos os meus colegas. Depois parece que foi embora sozinho, um pouco antes dos outros.

Ele me perguntou — e imagino que a todos — como eu tinha passado a noite. Disse que jantando com uma amiga e logo em seguida fui dormir. Evidentemente, eu não tinha álibi, mas parece que ninguém ali tinha, e o inspetor não dava a impressão de estar lá muito preocupado. Era só uma pergunta de rotina, como se diz nos filmes policiais da tevê.

Queria saber mais se me constava que Braggadocio tinha inimigos, se como jornalista ele estava seguindo alguma pista perigosa. Imagine se eu ia me abrir com ele, não por *omertà*, mas é que eu começava a entender que, se alguém tinha eliminado Braggadocio, devia ser por causa de sua investigação, e logo tive a impressão de que, se tivesse dado mostras de saber alguma coisa, alguém acharia útil me eliminar também. Não devo falar nem com a polícia — pensava —, e por acaso Braggadocio não disse que nas suas histórias estavam todos envolvidos, até os guardas-florestais? E, se até ontem eu achava que ele era um mitômano, sua morte agora lhe garantia certa credibilidade.

Eu suava, mas o inspetor não percebeu, ou atribuiu à emoção do momento.

— Não sei o que exatamente Braggadocio estava fazendo nos últimos dias, talvez o doutor Simei possa dizer, é ele que define a pauta. Acho que lembro que ele estava cuidando de um serviço sobre a prostituição, não sei se essa pista pode ser útil — respondi.

— Veremos — disse o inspetor, e passou a interrogar Maia, que estava chorando.

Não gostava dele, pensava eu, mas um morto matado é um morto matado, pobrezinha. Sentia pena, não de Braggadocio, mas dela, que certamente se sentia culpada por ter falado mal dele.

Naquele momento Simei me fez sinal para entrar em sua sala.

— Colonna — disse, sentando-se à mesa com as mãos trêmulas —, você sabe do que Braggadocio estava cuidando.

— Sei e não sei, fez alusões a alguma coisa, mas não tenho certeza se...

— Não se faça de desentendido, o senhor entendeu muitíssimo bem que Braggadocio foi esfaqueado porque estava para revelar umas coisas. Até agora não sei quais eram verdadeiras e quais eram inventadas por ele, mas é certo que, se a investigação dele dizia respeito a cem casos, pelo menos num ele acertou, e por isso é que foi silenciado. Mas, como ontem ele contou sua história também a mim, também eu sei essa coisa, embora não saiba qual é. E, como ele me disse que tinha contado ao senhor, o senhor também sabe. Portanto, nós dois estamos em perigo. Não bastasse isso, há duas horas o comendador Vimercate recebeu um telefonema. Não me disse de quem, nem o que disseram, mas Vimercate concluiu que todo o empreendimento *Amanhã* se tornou perigoso para ele também, e decidiu liquidar o negócio. Já me mandou os cheques para entregar aos redatores, estão para receber um envelope com dois meses de salário e sinceras palavras de despedida. Era tudo gente sem contrato, ninguém pode reclamar. Vimercate não sabia que o senhor também estava correndo perigo, mas acho que vai ser difícil sair por aí para descontar o seu cheque, por isso vou rasgá-lo, tenho umas disponibilidades de caixa e para o senhor eu pus no envelope os dois

meses em dinheiro vivo. Até amanhã este escritório vai ser desmontado. Quanto a nós dois, vamos esquecer nosso pacto, sua incumbência, o livro que o senhor deveria escrever. O *Amanhã* morre: hoje mesmo. Mas, apesar do fechamento do jornal, nós dois continuamos sabendo demais.

— Mas acho que Braggadocio falou do assunto com Lucidi também...

— Então não entendeu nada mesmo. Esse foi o problema. Lucidi farejou que o nosso finado amigo estava mexendo com algo perigoso e foi logo contar... a quem? Não sei, mas decerto a alguém que decidiu que Braggadocio sabia demais. Ninguém vai fazer mal a Lucidi, ele está do outro lado da barricada. Mas a nós dois talvez sim. Vou lhe dizer o que vou fazer. Assim que a polícia sair, ponho o resto do dinheiro na pasta, corro para a estação e pego o primeiro trem para Lugano. Sem bagagem. Lá eu conheço um sujeito que consegue modificar os documentos de identificação de qualquer pessoa, nome novo, passaporte novo, endereço novo, vou ver onde. Desapareço antes que os assassinos de Braggadocio possam me encontrar. Espero ter o tempo a meu favor. E pedi a Vimercate que creditasse meu dinheiro em dólares no Credit Suisse. Quanto ao senhor, não sei o que aconselhar, mas a primeira coisa é trancar-se em casa e não ficar zanzando pela rua. Depois ache um jeito de fugir para algum lugar, eu escolheria um país do Leste, onde nunca tenha existido *stay-behind*.

— Mas o senhor acredita que seja tudo por causa do *stay-behind*? É uma coisa de conhecimento público. Ou por causa da história de Mussolini? É uma história grotesca em que ninguém acreditaria.

— E o Vaticano? Mesmo que a história não fosse verdadeira, acabaria nos jornais que a Igreja protegeu a fuga do Duce em 1945 e

lhe deu refúgio durante quase cinquenta anos. Com todos os problemas que eles já têm lá com Sindona, Calvi, Marcinkus etc., antes que conseguissem comprovar que o caso de Mussolini é um disparate, o escândalo se espalharia por toda a imprensa internacional. Não confie em ninguém, Colonna, tranque-se em casa pelo menos esta noite, depois pense em sumir. Pode se sustentar por alguns meses e se for, digamos assim, para a Romênia, lá a vida é baratíssima, e com os doze milhões que estão nesse envelope você vai viver como um lorde durante um bom tempo e depois vê o que faz. Até logo, Colonna, lamento que as coisas tenham acabado assim, é como aquela piadinha da Maia sobre o caubói de Abilene: que pena, perdemos. Deixe preparar a minha partida assim que esses policiais forem embora.

Eu queria desaparecer imediatamente, mas o danado do inspetor continuava interrogando todos de novo, sem concluir patavina, e assim tinha anoitecido.

Passei perto da mesa de Lucidi, que estava abrindo seu envelope.

— Foi devidamente indenizado? — perguntei-lhe, e ele com certeza entendeu minha alusão.

Olhou-me de baixo para cima e limitou-se a perguntar:

— Mas o que foi que Braggadocio lhe contou, afinal?

— Sei que estava seguindo uma pista, mas nunca quis me dizer qual.

— É mesmo? — comentou. — Pobre coitado, sabe lá o que aprontou.

Depois se virou para o outro lado.

Assim que o inspetor me liberou com o costumeiro fique à disposição, sussurrei para Maia:

— Vá para casa e espere notícias minhas, mas acho que não vou lhe telefonar antes de amanhã de manhã.

Ela me olhou aterrorizada:

— Mas o que você tem com isso?

— Nada, não tenho nada, está pensando o quê, só estou perturbado, é natural.

— O que está acontecendo? Me deram um envelope com um cheque e mil agradecimentos por minha preciosa colaboração.

— O jornal está sendo fechado, depois explico.

— Mas por que não explica agora?

— Amanhã juro que digo tudo. Fique tranquila em casa. Por favor, ouça o que estou dizendo.

Ouviu, com olhos interrogativos e cheios de lágrimas. E fui embora sem dizer mais nada.

Passei a noite em casa, sem comer, entornando meia garrafa de uísque e pensando no que poderia fazer. Depois fiquei exausto, tomei um Stilnox e peguei no sono.

E hoje de manhã não saía água da torneira.

XVII

Sábado, 6 de junho, meio-dia

Pronto. Agora reconstituí tudo. Estou tentando organizar as ideias. Quem são “eles”? Como disse Simei, Braggadocio tinha reunido grande quantidade de fatos, com ou sem acerto. Qual desses fatos podia deixar alguém preocupado? A história de Mussolini? E nesse caso quem tinha o rabo preso? O Vaticano, alguns cúmplices do golpe Borghese que ainda ocupavam posições na cúpula do Estado (mas depois de mais de vinte anos deviam estar todos mortos), os serviços secretos (quais)? Ou então não, era apenas um traste velho que vivia de medos e saudades e tinha montado tudo sozinho, talvez se divertindo a ameaçar até Vimercate, como se tivesse atrás de si, sei lá, a Sacra Coroa Unida. Um louco, portanto, mas o louco que procura alguém para acabar com ele é tão perigoso quanto um ajuizado, e até mais. Por exemplo, “eles” ou um louco isolado, seja quem for, alguém entrou na minha casa esta noite. E, se entrou uma vez, poderia entrar outra. Logo, eu não deveria ficar aqui. Mas será que esse louco ou esses “eles” têm certeza de que eu sei mesmo alguma coisa? Braggadocio disse algo de mim a Lucidi?

Ao que parece não, ou não tudo, a julgar por minha última troca de palavras com aquele espião. Mas posso me considerar a salvo? Claro que não. Daqui a fugir para a Romênia vai chã, talvez seja melhor esperar os acontecimentos, ler o que os jornais de amanhã vão dizer. Se por acaso não falarem do assassinato de Braggadocio, então as coisas estão piores do que espero, quer dizer que alguém está procurando fazer tudo passar em brancas nuvens. Mas certamente preciso me esconder pelo menos por algum tempo. Onde, já que seria perigoso até pôr o nariz para fora?

Pensei em Maia e no refúgio de Orta. O meu caso com Maia passou despercebido, acho, e ela não deve estar sendo observada. Ela não, mas o meu telefone sim, portanto não posso telefonar para ela de casa, e para telefonar de fora preciso sair.

Lembrei que, do pátio do meu prédio, entra-se no bar da esquina através dos toaletes. E também lembrei que no fundo do pátio existe uma porta de ferro fechada há décadas. Quem me contou a história foi o dono da casa quando me entregou as chaves do apartamento. Com a da porta de baixo e a da porta do apartamento havia outra, velha e enferrujada:

— Nunca vai lhe servir — disse o dono, sorrindo —, mas faz cinquenta anos que cada inquilino recebe uma. Está vendo, durante a guerra aqui não tínhamos abrigo antiaéreo, e existia um grandinho na casa de frente, aquela que dá para a rua Quarto dei Mille, paralela à nossa. Então foi aberta uma passagem no fundo do pátio, para que as famílias pudessem chegar correndo ao abrigo em caso de alarme. A porta ficava fechada, de um lado e do outro, mas cada um dos nossos inquilinos tinha uma chave,

que, como está vendo, em quase cinquenta anos ficou enferrujada. Acho que nunca vai lhe servir, mas no fundo aquela porta continua sendo uma boa rota de fuga em caso de incêndio. Se quiser, deixe numa gaveta e esqueça.

Decidi o que fazer. Desci até lá, entrei no bar pelos fundos, o dono me conhece, e eu já tinha feito isso outras vezes. Olhei em volta, de manhã não havia quase ninguém, um casal de velhos sentado a uma mesa com dois cappuccinos e dois croissants, não pareciam ser agentes secretos. Pedi um café duplo, afinal eu precisava acordar, e entrei na cabine telefônica.

Maia atendeu logo, agitadaíssima, e eu lhe disse que me ouvisse calada.

— Então preste atenção e não pergunte nada. Ponha numa bolsa umas coisas para ficar alguns dias em Orta, depois pegue o carro. Atrás da minha casa, na rua Quarto dei Mille, não sei bem que número, deve haver um portão, mais ou menos na altura da minha casa. Talvez esteja aberto porque acho que dá para um pátio onde há um depósito não sei de quê. Talvez você consiga entrar, ou pode esperar fora. Acerte o seu relógio com o meu, você deve conseguir chegar em quinze minutos, vamos dar um jeito de nos encontrarmos ali daqui a exatamente uma hora. Se o portão estiver fechado, vou ficar do lado de fora esperando, mas seja pontual porque não quero ficar muito tempo na rua. Por favor, não pergunte nada. Pegue a bolsa, entre no carro, calcule bem o tempo e venha. Depois conto tudo. Você não deve estar sendo seguida por ninguém, mas por via das dúvidas olhe o retrovisor, e, se achar que está sendo seguida, use a imaginação, dê voltas absurdas, faça o cara perder o seu rastro, difícil

enquanto você estiver em Navigli, mas depois você vai ter muitos modos de escapar inesperadamente, talvez avançando o sinal vermelho, de modo que os outros precisem parar. Confio em você, amor.

Maia poderia ser assaltante à mão armada porque trabalhou com perfeição, e na hora marcada já tinha entrado pelo portão, tensa, mas satisfeita.

Pulei para dentro do carro, disse-lhe onde virar, para chegar o mais depressa possível ao fim da avenida Certosa, dali ela sabia como desembocar na estrada para Novara e conhecia melhor que eu o atalho para Orta.

Quase não falei durante toda a viagem. Quando entramos na casa eu lhe disse que, ficando a par daquilo que eu poderia lhe contar, ela correria alguns riscos. Preferia confiar em mim e continuar no escuro? Imagine, nem pensar.

— Espere aí — disse ela —, ainda não sei de quem ou do que você está com medo, mas de duas uma: ou ninguém sabe que estamos juntos e então não corro nenhum perigo, ou vão ficar sabendo e terão certeza de que sei. Desembucha de uma vez, senão como é que eu vou conseguir pensar o que você está pensando?

Intrépida. Precisei contar tudo, no fundo ela já era carne da minha carne, como quer o Livro.

XVIII

Quinta-feira, 11 de junho

Nos últimos dias fiquei entrincheirado em casa com medo de sair.

— Que é isso! — dizia Maia. — Aqui ninguém conhece você, e quem você teme, seja quem for, não sabe que você está aqui...

— Não importa — eu respondia —, nunca se sabe.

Maia começou a cuidar de mim como de um doente, deu-me ansiolíticos, acariciava-me o cangote, enquanto eu ficava sentado junto à janela, olhando o lago.

No domingo de manhã Maia foi cedo comprar jornais. A morte de Braggadocio estava sendo noticiada sem muito destaque: assassinato de um jornalista, talvez estivesse apurando um esquema de prostituição e tenha sido punido por algum proxeneta.

Pareciam ter aceitado essa tese, seguindo algo que eu tinha dito e talvez alguma indicação de Simei. Sem dúvida já não estavam pensando em nós, redatores, nem tinham percebido que Simei e eu tínhamos desaparecido. Por outro lado, caso tivessem voltado, teriam encontrado o escritório vazio, e aquele inspetor

não tinha sequer tomado nota dos nossos endereços. Boa têmpera de Maigret. Mas não acho que estivesse preocupado conosco. A pista da prostitui o era a mais c moda, coisa de rotina. Naturalmente Costanza poderia ter dito que daquelas senhoras quem estava cuidando era ele, mas   provável que também tivesse se convencido de que a morte de Braggadocio estava ligada de algum modo  aquele meio e tivesse começado a temer por si mesmo. Por isso estaria mudo como uma porta.

No dia seguinte Braggadocio tinha desaparecido até das notícias. Casos do tipo a polícia devia ter aos montes, e o morto era apenas um cronista de segunda categoria. *Round up the usual suspects*, e pronto.

No crepúsculo eu ficava olhando, sombrio, o lago cobrir-se de sombra. A ilha de San Giulio, tão radiosa ao sol, erguia-se das águas como a ilha dos mortos de B cklin.

Então Maia decidiu me chacoalhar e me levar para dar um passeio no Sacro Monte. Eu não conhecia,   uma série de capelas encarapitadas numa colina, onde se veem dioramas místicos de estátuas policromas de tamanho natural, anjos risonhos e, sobretudo, cenas da vida de São Francisco. Mas, infelizmente, numa mãe abraçando uma criatura sofredora eu via as vítimas de algum remoto atentado, numa reunião solene com um papa, vários cardeais e sombrios capuchinhos, eu adivinhava um concílio do banco vaticano programando a minha captura, e não bastavam todas aquelas cores e as outras terracotas piedosas para me fazerem pensar no reino dos céus: tudo parecia

alegoria, perfidamente mascarada, de forças infernais tramando nas sombras. Chegava a fantasiar que à noite aquelas figuras se tornavam esqueléticas (afinal, o que é o corpo róseo de um anjo se não um revestimento mendaz a esconder um esqueleto, ainda que celeste?) e participavam da dança macabra de San Bernardino alle Ossa.

Na verdade, eu não achava que era tão medroso e estava envergonhado de me mostrar naquele estado a Maia (pronto — pensava —, agora essa também me larga), mas a imagem de Braggadocio de braços na rua Bagnera estava sempre diante de meus olhos.

De vez em quando eu tinha a esperança de que, por alguma repentina fissura no espaço-tempo (como dizia Vonnegut?, um infundíbulo cronossinclástico), Boggia, o serial killer de cem anos antes, se materializasse de madrugada na rua Bagnera e se livrasse daquele intruso. Mas isso não explicava o telefonema a Vimercate, e era esse o argumento que eu usava com Maia quando ela me sugeria que talvez se tratasse de um crime à toa, percebia-se à primeira vista que Braggadocio era um sem-vergonha (que Deus o tenha) e talvez tivesse tentado explorar uma daquelas, e essa foi a vingança do gigolô de plantão, uma coisa tranquila, daquelas que *de minimis non curat praetor*.

— Sim — eu repetia —, mas um gigolô não telefona para um editor mandando fechar um jornal!

— Mas quem disse que Vimercate recebeu mesmo esse telefonema? Talvez estivesse arrependido de ter montado aquela empresa que estava sendo cara e, assim que soube da morte de um dos redatores, achou o pretexto para acabar com o *Amanhã*,

pagando dois meses de salário em vez de um ano... Ou então: você me contou que ele queria o *Amanhã* para que alguém dissesse pare com isso e eu admito você no clube de elite. Pois bem, suponha que um sujeito como Lucidi tenha feito chegar lá em cima, no clube de elite, a notícia de que o *Amanhã* estava para publicar uma investigação embaraçosa, eles telefonam para Vimercate e dizem tudo bem, larga mão desse jornaleco e você é admitido no clube. Depois Braggadocio é morto independentemente disso, talvez pelo tal louco, e você eliminou o problema do telefonema a Vimercate.

— Mas não eliminei o louco. Afinal de contas, quem entrou à noite em minha casa?

— Essa história quem me contou foi você. Como pode ter certeza de que entrou alguém?

— Então quem fechou a água?

— Mas me ouça um minuto. Não existe uma mulher que vai lá fazer faxina?

— Só uma vez por semana.

— Tá, quando é que ela foi pela última vez?

— Vai sempre às sextas de tarde. É mesmo, foi no dia em que ficamos sabendo de Braggadocio.

— Está vendo? Ela não poderia ter fechado a água, exatamente porque estava cansada de ouvir o pinga-pinga do chuveiro?

— Mas naquela sexta à noite eu peguei um copo d'água para tomar sonífero...

— Deve ter pegado meio copo, que chegava. Mesmo com o registro fechado sempre sobra alguma coisa no cano e você

simplesmente não percebeu que aquela era a última água que saía da torneira. Bebeu mais água durante a noite?

– Não, nem jantei, entornei meia garrafa de uísque.

– Está vendo? Não digo que você seja paranoico, mas com a ideia de Braggadocio assassinado e daquilo que Simei disse, você logo achou que alguém tinha entrado na sua casa à noite. Vai ver, não, foi a mulher, à tarde.

– Mas Braggadocio foi assassinado!

– Já vimos que essa pode ter sido outra história. Portanto, é possível que ninguém estivesse preocupado com você.

Passamos os últimos quatro dias ruminando, construindo e descartando hipóteses, eu cada vez mais noturno, Maia sempre solícita, incansável para lá e para cá, entre a casa e a cidade, trazendo-me mantimentos frescos e as garrafas de cerveja, das quais eu já tinha esvaziado três. Fizemos amor duas vezes, mas eu fiz com raiva, como se quisesse me desafogar, sem conseguir sentir prazer. No entanto, sentia que amava cada vez mais aquela criatura que, de pardal protegido, se transformara em loba fiel, pronta a morder quem quisesse me fazer mal.

Até que chegamos a esta noite, quando ligamos a tevê e quase por acaso caímos num programa de Corrado Augias que apresentava uma produção inglesa transmitida pela BBC exatamente no dia anterior, *Operation Gladio*. Ficamos olhando fascinados, sem falar.

Parecia um filme com roteiro de Braggadocio, ali estava tudo o que Braggadocio tinha fantasiado e algo mais, porém as palavras eram ilustradas por imagens e outros documentos, e ditas por personagens também famosos. Partia-se dos malfeitos do *stay-behind* belga, descobria-se que a existência da Gladio era revelada, sim, aos primeiros-ministros, mas apenas àqueles nos quais a CIA confiava (por exemplo, Moro e Fanfani não tinham sido postos a par), apareciam na tela declarações de grandes espões, como “O engano é um estado de espírito, e é o espírito do Estado”. Ao longo de todo o programa (duas horas e meia) aparecia Vinciguerra revelando tudo, inclusive que ainda antes do fim da guerra os serviços secretos aliados tinham feito Borghese e os homens da sua Décima Flotilha MAS assinar um compromisso de que colaborariam no futuro para se oporem a uma invasão soviética, e as várias testemunhas afirmavam, com candura, ser natural que, numa operação como a Gladio, só se pudesse arregimentar ex-fascistas, vendo-se, por outro lado, que na Alemanha os serviços americanos tinham garantido a impunidade até mesmo de um carrasco como Klaus Barbie.

Licio Gelli aparecia várias vezes, declarando-se candidamente colaborador dos serviços secretos aliados, mas era definido como bom fascista por Vinciguerra, e Gelli falava de suas atividades, seus contatos, suas fontes de notícias, sem se preocupar com o fato de que todos entenderiam perfeitamente que ele sempre tinha feito jogo duplo.

Cossiga contava de que modo, em 1948, como jovem militante católico, tinha sido armado com uma submetralhadora e com granadas, dispondo-se a agir caso o Partido Comunista não

aceitasse o resultado eleitoral. Vinciguerra reaparecia para confirmar com tranquilidade que toda a extrema direita se dedicara à estratégia da tensão a fim de preparar psicologicamente o grande público para a declaração de um estado de emergência, mas deixava bem claro que o movimento Ordine Nuovo e a Vanguarda Nacional trabalhavam com os responsáveis dos vários ministérios. Senadores do inquérito parlamentar diziam com todas as letras que, a cada atentado, os serviços secretos e a polícia embaralhavam as provas para paralisar as investigações judiciais. Vinciguerra esclarecia que por trás do fato da praça Fontana não estavam apenas os neofascistas Freda e Ventura, que todos tinham considerado idealizadores do atentado, mas que acima deles toda a operação fora dirigida pelo gabinete de assuntos confidenciais do Ministério do Interior. E depois se demorou a falar das maneiras como o Ordine Nuovo e a Vanguarda Nacional tinham se infiltrado nos grupos de esquerda para incitá-los a cometer atentados terroristas. O coronel Oswald Lee Winter, homem da CIA, afirmava que as Brigadas Vermelhas não só estavam infiltradas, como também recebiam ordens do general Santovito, do Sismi.

Numa entrevista alucinante, um dos fundadores das Brigadas Vermelhas, Franceschini, que estava entre os primeiros presos, perguntava-se consternado se, por acaso, agindo de boa-fé, não tinha sido movido por alguém em direção a outros objetivos. E Vinciguerra, de novo, afirmava que a Vanguarda Nacional tinha ficado com a incumbência de divulgar manifestos maoistas, para causar terror a ações pró-chinesas.

Um dos comandantes da Gladio, o general Inzerilli, não hesitava em dizer que os depósitos de armas ficavam perto dos quartéis dos carabinieri, e que os integrantes da Gladio podiam ir retirar aquilo de que precisassem exibindo (história de folhetim) a metade de uma nota de mil liras como sinal de reconhecimento. Naturalmente se terminava com o caso Moro e com o fato de que agentes dos serviços secretos tinham sido vistos circulando pela rua Fani na hora do sequestro, e um deles se justificava dizendo que estava por aqueles lados porque tinha sido convidado para almoçar com um amigo, e ninguém entendia por que ele estava indo ao encontro às nove de manhã.

O ex-chefe da CIA, Colby, obviamente negava tudo, mas outros agentes da CIA falavam com toda a franqueza de documentos nos quais apareciam, detalhadíssimos, os salários que a organização pagava a indivíduos envolvidos nos atentados, como, por exemplo, cinco mil dólares por mês ao general Miceli.

Conforme se comentava durante o programa, as provas talvez fossem todas indiciárias, com base nas quais não era possível condenar ninguém, mas eram suficientes para inquietar a opinião pública.

Maia e eu estávamos transtornados. As revelações superavam todas as mais exaltadas fantasias de Braggadocio.

— Só pode ser — dizia Maia. — Ele mesmo lhe lembrou que todas essas notícias circulavam há tempos, mas tinham sido apagadas da memória coletiva, e que bastava ir a arquivos e hemerotecas para reunir as peças do mosaico. Eu mesma, não só quando era estudante mas também quando trabalhava com

amizades coloridas, lia jornal, está pensando o quê, eu também tinha ouvido falar dessas coisas mas também esquecia, como se uma nova revelação apagasse a outra. Seria suficiente pôr tudo para fora, foi o que fez Braggadocio e o que fez a BBC. Misture, você tem dois coquetéis perfeitos, e já não sabe qual é o mais autêntico.

— Sim, mas Braggadocio provavelmente acrescentou algo da cabeça dele, como a história de Mussolini, ou o assassinato do papa Luciani.

— Tudo bem, ele era um mitômano e via conspiração em tudo, mas a essência do problema continua a mesma.

— Deus santíssimo — disse eu —, mas você percebe que há alguns dias alguém matou Braggadocio por receio de que essas notícias viessem à tona e agora, com essa transmissão, milhões de pessoas vão ficar sabendo?

— Amor — disse Maia —, essa é exatamente a sua sorte. Suponhamos que de fato alguém, ou os fantasmáticos “eles”, ou o louco isolado, tivesse medo realmente de que as pessoas se lembrassem dessas coisas, ou que ressurgisse um fato menor, que escapou até de nós, que estávamos vendo o programa, mas que ainda poderia pôr em apuros um grupo ou um único personagem... Pois bem, depois desse programa nem eles nem o louco têm mais interesse em acabar com você ou com Simei. Se vocês dois fossem amanhã trombetear nos jornais aquilo que Braggadocio lhes disse, seriam vistos como maníacos que ficam repetindo o que viram na televisão.

— Mas talvez alguém receie que a gente fale daquilo que a BBC omitiu, Mussolini, Luciani.

— Bem, imagine você indo contar a história de Mussolini. Já era bem inverossímil do modo como Braggadocio contou, sem nenhuma prova, só ilações alucinadas. Vão dizer que você é um desvairado que, excitado pela transmissão da BBC, deu vazão às suas fantasias pessoais. Aliás, faria o jogo deles: estão vendo, eles dirão, daqui por diante todo intrigante vai inventar uma novidade. E a proliferação dessas revelações induzirá a suspeitar que até as revelações da BBC eram efeito de alguma especulação jornalística, ou de um delírio, como as teorias da conspiração daqueles que dizem que os americanos não pousaram na Lua ou que o Pentágono tem o maior trabalho para esconder a existência dos óvnis. Esse programa torna totalmente inútil e ridícula qualquer outra revelação porque, você sabe (como era aquele livro francês?) *la réalité dépasse la fiction*, e daqui por diante ninguém poderia inventar nada melhor.

— Então está dizendo que estou livre.

— Claro, quem disse “a verdade vos libertará”? Essa verdade fará parecer mentira qualquer outra revelação. No fundo a BBC prestou um ótimo serviço a eles. A partir de amanhã você poderia sair por aí dizendo que o papa degola e devora crianças ou que foi Madre Teresa de Calcutá quem pôs a bomba no *Italicus*, que as pessoas diriam “É mesmo? Interessante”, depois se virariam para o outro lado e continuariam cuidando da vida. Aposto minha cabeça que amanhã os jornais nem sequer vão falar do programa de hoje. Nada mais pode nos perturbar neste país. No fundo, vimos as invasões dos bárbaros, o saque de Roma, o massacre de Senigália, os seiscentos mil mortos da Primeira Guerra e o inferno da Segunda, imagine algumas centenas de pessoas que

foram pelos ares ao longo de quarenta anos. Desvio dos serviços de informação? Perto dos Borgia é coisa de fazer rir. Sempre fomos um povo de punhais e venenos. Estamos vacinados, seja qual for a história nova que nos contem, vamos dizer que já ouvimos coisa pior, e que talvez essa e as outras sejam falsas. Se os Estados Unidos, os serviços secretos de meia Europa, o nosso governo e os jornais mentiram para nós, por que a BBC não poderia ter mentido também? O único problema sério para o bom cidadão é não pagar impostos, e quem manda que faça o que bem entender, afinal é sempre a mesma comilança. E amém. Veja só, bastaram dois meses com Simeï para eu também ficar esperta.

— O que vamos fazer então?

— Antes de mais nada, fique calmo, amanhã vou tranquilamente descontar o cheque de Vimercate, e você vai tirar o que tem no banco, se tiver...

— Desde abril estive economizando, portanto tenho quase o equivalente a dois salários, uns dez milhões, mais os doze que Simeï me deu no outro dia. Estou rico.

— Maravilha, eu também poupei alguma coisa, pegamos tudo e damos no pé.

— Dar no pé? Não estamos dizendo que agora podemos circular sem medo?

— Sim, mas você ainda teria vontade de viver neste país, onde as coisas vão continuar caminhando como caminharam, onde você se senta numa pizzeria com medo de que o vizinho de mesa seja um espião dos serviços de informação ou esteja para

matar o novo Falcone, quem sabe fazendo a bomba explodir enquanto você está lá?

— Mas aonde vamos, você viu e ouviu que as mesmas coisas aconteciam em toda a Europa, da Suécia a Portugal, quer fugir para a Turquia e cair no meio dos Lobos Cinzentos e, se por acaso permitirem, ir para os Estados Unidos, onde matam presidentes e a máfia talvez esteja infiltrada na CIA? O mundo é um pesadelo, amor. Eu gostaria de descer, mas me disseram que não dá, estamos num expresso sem ponto de parada no caminho.

— Tesouro, vamos procurar um país onde não haja segredos e tudo ocorra à luz do dia. Entre a América Central e a do Sul existe um monte. Nada escondido, todos sabem quem pertence ao cartel das drogas, quem dirige as organizações revolucionárias, você se senta no restaurante, passa um grupo de amigos e eles apresentam um sujeito como o chefe do contrabando de armas, todo bonito, barbeado e cheiroso, com aquele tipo de camisa branca engomada que se usa por fora das calças, os garçons o reverenciam *señor* daqui, *señor* dali, e o comandante da Guarda Civil vai homenageá-lo. São países sem mistérios, tudo ocorre à luz do dia, a polícia afirma ser corrupta por regulamento, governo e delinquência coincidem por ditame constitucional, os bancos vivem de lavagem de dinheiro e ai de você se não levar mais dinheiro de proveniência duvidosa, tiram-lhe a licença de permanência, matam-se, mas só entre si e deixam os turistas em paz. Poderíamos encontrar trabalho em algum jornal ou em uma editora, tenho por lá uns amigos que trabalham em revistas de amizade colorida, atividade bonita e honesta, de se pensar agora,

você conta umas lorotas, todos sabem que é lorota e se divertem, e aqueles cujos podres você revela já fizeram isso no dia anterior na televisão. Espanhol a gente aprende em uma semana, e pronto, encontramos nossa ilha dos mares do sul, meu Tusitala.

Sozinho nunca sei tomar iniciativas, mas se outra pessoa me passa a bola às vezes consigo fazer um gol. É que Maia ainda é ingênua, ao passo que a mim a idade deu siso. E, se você sabe que é perdedor, o único consolo é pensar que todos ao redor são derrotados, mesmo os vencedores.

Foi assim que refutei Maia.

— Amor, você não está considerando que devagarinho a Itália também está ficando como os países de sonho onde você quer se exilar. Se conseguimos antes aceitar e depois esquecer todas as coisas que a BBC contou significa que estamos nos acostumando a perder o senso de vergonha. Não viu como todos os entrevistados desta noite contavam tranquilamente que fizeram isto ou aquilo, como se esperassem uma medalha? Nada de claros-escuros em barroco, coisas da Contrarreforma, os tráficos emergiram *en plein air*, como se fossem pintados pelos impressionistas: corrupção autorizada, o mafioso oficialmente no Parlamento, o sonegador no governo, e na cadeia só os albaneses ladrões de galinhas. As pessoas de bem vão continuar votando nos canalhas porque não acreditarão na BBC ou não verão programas como os desta noite porque estarão grudados em algo mais *trash*, as tele vendas de Vimercate talvez acabem no horário nobre, e, se matarem alguém importante, funerais de Estado. Nós ficamos fora da jogada: eu volto a traduzir alemão e

você volta à sua revista para cabeleireiros e salas de espera de dentistas. Quanto ao resto, um bom filme à noite, fins de semana aqui em Orta, e o diabo que carregue todos os outros. E só esperar: depois que se tornar Terceiro Mundo de uma vez por todas, o nosso país será plenamente viável, como se tudo fosse Copacabana a mulher é rainha a mulher é soberana.

É que Maia me devolveu a paz, a autoconfiança ou pelo menos a calma desconfiança no mundo que me rodeia. A vida é suportável, basta contentar-se. Amanhã (como dizia Scarlett O'Hara — outra citação, eu sei, mas desisti de falar em primeira pessoa e ponho os outros para falar) é outro dia.

A ilha de San Giulio refulgirá de novo ao sol.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Número zero

Site do autor

<http://www.umbertoeco.com/en/>

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Umberto_Eco

Notícia sobre o livro

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,umberto-eco-lanca-numero-zero-seu-setimo-romance,1621634>